



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS E CURSOS *ON-LINE*
PARA MAIOR INTERESSE E CONHECIMENTO SOBRE O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO DE CASO “GRUPO DE ESTUDOS NOVAS
ECONOMIAS SEM COMPLICAÇÃO”.

Por

ISABELA SOARES GUERRA

CURITIBA, 2023



ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

**POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS E CURSOS *ON-LINE*
PARA MAIOR INTERESSE E CONHECIMENTO SOBRE O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO DE CASO “GRUPO DE ESTUDOS NOVAS
ECONOMIAS SEM COMPLICAÇÃO”.**

Por

ISABELA SOARES GUERRA

COMITÊ DE ORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Suzana Padua

Prof. Dr. Daniel Caixeta

Prof. Dr. Marcos Ortiz

**TRABALHO FINAL APRESENTADO AO PROGRAMA DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL COMO REQUISITO PARCIAL À
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

**IPÊ – INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS
CURITIBA, 2023**

Ficha Catalográfica

GUERRA, Isabela Soares.

Potencial de contribuição de mídias sociais e cursos *on-line* para maior interesse e conhecimento sobre o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso "Grupo de Estudos Novas Economias Sem Complicação", 2023. 122 pp.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológicas

Desenvolvimento sustentável

Educação *on-line*

Mídias sociais

Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

BANCA EXAMINADORA

Curitiba, 10 de janeiro de 2023.

Profa. Dra. Suzana Padua

Prof. Dr. Daniel Caixeta

Prof. Dr. Marcos Ortiz

Este trabalho é dedicado a todos nós, novos economistas, que acreditamos e agimos em prol de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Eu não conseguiria terminar este mestrado se não tivesse ao meu lado uma rede de apoio e de inspiração tão grandes. Faço questão de citar o porquê e como a maioria das pessoas me ajudou.

Não tem como começar qualquer agradecimento deste trabalho sem ser aos mais de 80 participantes das 7 turmas do Grupo de Estudos “Novas Economias Sem Complicações”. Obrigada a Turma 1 que embarcou comigo praticamente em um projeto piloto e que me impulsionou a lançar outras turmas. A Turma 2 que curiosos e interessados me ajudaram a dar um novo formato ao grupo. A Turma 3 que lancei no começo da pandemia praticamente com participantes das turmas anteriores, mas com conteúdo revisado e ampliado, esse foi um grupo que além de estudar se apoiava em um momento tão difícil. A Turma 4 feita de pessoas muito diversas, dedicadas e curiosas que agregaram de forma tão ímpar. As Turmas 5 e 6 que chegaram em meio a minha fase mais criativa e ativa nas redes sociais e me ajudaram a expandir ainda mais o alcance das novas economias. E a Turma 7 que me permitiu e colaborou com a pesquisa de forma tão amorosa, que acompanharam minha mudança de vida, cidade e estado. Todos vocês me ensinaram mais do que aprenderam, confiaram no meu trabalho divulgado apenas pelas redes sociais desde 2018, e se propuseram a estudar comigo possíveis soluções para os desafios que assolam a nossa sociedade e o meio ambiente.

Obrigada também aos mais de 3200 fiéis seguidores e contribuintes da minha @_belaguerra_, minha empresa, perfil no Instagram e principalmente parte de quem eu sou.

Agradeço a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado em todas as minhas fases. Aguentou firme minha fase radical e “ecochata” quando eu criticava a todos e ao sistema, e que mesmo sem entender o porquê de eu ter resolvido fazer um mestrado, sabia que era uma etapa importante para mim naquele momento e me apoiou. Obrigada ao meu pai, que sempre me colocou em contato com a natureza, que na minha infância me dava mesada só se eu assistisse ao Globo Rural aos domingos, e que segue plantando árvores e cuidando da mata e todos os seres com o respeito que eles merecem, sendo meu exemplo até hoje.

Fernanda e Guilherme, meus irmãos, minhas fortalezas, obrigada por mesmo sem entender direito o que eu faço, demonstrarem orgulho da irmã do meio que vocês tem. Obrigada as minhas cunhadas, Daniela e Mariana, duas mulheres inteligentes e extremamente amorosas que agregam tanto sendo parte fundamental da família. Agradeço também aos meus 8 sobrinhos, os de sangue: Pedro, Rafael, Maria Júlia, Davi Hernany, e os do coração: Enrico, Enzo, Lara e Liz, que trazem alegria a minha vida e me encham de vontade de lutar por um mundo melhor e mais gostoso do jeito que elas e eles merecem.

Família Kompatcher, Rafa, Aline, Fefa e principalmente ao Beto, que são peças fundamentais da minha família mosaico, que receberam e acolheram de uma forma tão amorosa minha mãe, trazendo tranquilidade para mim e para meus irmãos e, assim, contribuírem para minha vida e este trabalho, também fica meu obrigada.

Lilica, minha eterna companheira, inspiração de amor e resiliência, que acompanha no meu colo cada aula que eu dou, cada livro e artigo que eu leio, cada reunião e mentoria que participo e que é praticamente tão mestra como eu, minha gratidão eterna a você!

Agradeço ao meu amor, Rodrigo, que mesmo com minhas ausências e ansiedade constantes, continuou ao meu lado me apoiando até o fim e me lembrando do quanto eu sou capaz, sempre cheio de orgulho e enchendo a boca para falar da namorada que estava fazendo um mestrado.

Obrigada também a minha sogra, Eliane, professora universitária que com todo carinho e cuidado sempre me deu forças para terminar este trabalho, e que junto ao meu sogro, Euclides, cientista e pesquisador (que infelizmente não pude conhecer), sempre defenderam a democracia e a academia do jeito que devem ser, inclusivas e desenvolvedoras de pessoas críticas.

Um agradecimento aos orientadores Suzana por comprar a ideia e me motivar a escrever sobre o Grupo de Estudos e por não soltar da minha mão em momento nenhum (nem quando eu fugia); Daniel pela sua assertividade na orientação que me deixou muito segura, e pelas brilhantes aulas de Economia Ecológica que me deram a certeza de que existe muito mais gente querendo uma economia mais justa e ambientalmente possível; e Marcos pela boa vontade em me ouvir nos longos áudios que eu enviava principalmente no início e pelos papos inspiradores.

Agradeço a toda equipe do Ipê, ao professor Alexandre que representa todos os outros professores porque não sei como aguentou minhas reclamações sobre estatística, e à Rosângela que mesmo cheia de trabalho, sempre foi amorosa e paciente comigo.

Serei eternamente grata aos meus colegas de turma, que me salvaram durante o auge da pandemia trazendo respiros de esperança com uma vontade impressionante de mudar as coisas. Que receberam de braços abertos a psicóloga blogueira que só falava de Economia Donut, Sistema B e outros tantos assuntos ligados a Novas Economias. Que me ensinaram pacientemente sobre pesquisas de campo ao contarem suas aventuras em meio a aves, onças, rios, corredores ecológicos e até carrapatos. Obrigada de todo meu coração a Ághata (pela sua fofura e disposição a ajudar), Aline (por sua amizade tão verdadeira que veio de uma forma tão rápida e intensa), André (pelo seu brilhantismo e contribuições pontuais e certeiras), Anita (pela sua doçura e carinho), Bruno (por me fazer refletir em suas viagens nas aulas), Carol (por ser tão querida e tão assertiva), Fátima (pela sua garra e vontade de renascer), Gabriel Borin (por ser meu primeiro amigo no mestrado – lembra?), Gabriel Oliveira (por ser nosso pantaneiro amoroso com seu humor e piadas sutis), Gabi (por assistir todas as minhas *lives*, por ser tão tão doce comigo e contribuir com minha biblioteca de figurinhas), João (por ser nosso dançarino revelação e pelas explicações pacientes sobre o maldito “R”), Marcos (pela sua atenção e generosidade comigo e com o caos do nosso grupo de WhatsApp), Palahv (por mostrar um pouco de seu povo e costumes), Júlia (pela sua inteligência e dedicação inspiradoras), Laís (por ser tão arretada e autêntica), Luísa (pela sua inteligência e por tão jovem já estar à frente de movimentos tão importantes), Teca (pelas risadas, boas conversas e fofocas edificantes), Beto (pelo seu jeito ímpar que me conquistou aos poucos), Pietra (pela sua ingenuidade tão brilhante), Pri (pela sua amizade tão sincera e pelos *podcasts* e apoio indispensáveis até o finzinho), Taísi (que não pude conhecer mas reconheci sua genialidade mesmo só *on-line* e que fazia dois mestrados ao mesmo tempo), Thaís Araújo (pela sua vontade de fazer acontecer), Thaís Pagotto (pelo exemplo de mulherão, mãe e estudante resiliente que é) e Vinícius (por ser cirúrgico nas discussões em aula). Obrigada, vocês são fantásticos!

Pri, obrigada por mesmo do outro lado do oceano mandar tanta força e elogios indispensáveis ao meu processo. Agradeço a Adri, minha amiga querida, que

gentilmente escreveu minha carta de recomendação, por me lembrar, nesta carta, um pouco de quem eu sou, e assim me dando forças e o último “Vai!” que eu precisava.

Obrigada também a Claudia, que esteve comigo desde o dia zero, desvendando o mundo da pesquisa e vibrando comigo a cada etapa concluída.

Obrigada Val, minha amiga aventureira e doutora que me trouxe de volta a leveza e alegria de viver na natureza e experiência de escrever uma tese, e Bianca, minha primeira amiga em Floripa que nunca terei palavras para descrever o que sinto por você e nem para agradecer a intensidade das nossas conversas, cuidado comigo e com a nossa amizade.

Gratidão imensa a todos os meus amigos, clientes, empreendedores de impacto aqui representados pela Ale, Joana, Carina, Katia, Claudia K. e tantos outros, que colocam a mão na massa para fazer mais pelo mundo por meio de seus negócios.

Agradeço a Florianópolis, a Ilha da Magia, que gentilmente me deixou chamar de casa e me inspirou por sua exuberância a ser a ativista socioambiental que sou hoje.

Agradeço a comunidade Donut Brasil que cofundei com uma turma de “cabeções” e, que a partir dela, buscamos contribuir para um mundo mais justo e possível de se viver, utilizando nossos conhecimentos, experiências, projetos e vontade (saímos de aproximadamente 25 pessoas para mais de 200 em um ano). Obrigada a todos os autores, muitos não acadêmicos, que me inspiraram tanto, como Kiko Kislansky, Raj Sisodia, Nilima, Charles Eisenstein, Maxneef, Satish Kumar, Capra, Paulo Freire, Otto Scharmer, James Marins, Daniel Whal e especialmente a Kate Raworth, uma economista que ainda não conheço pessoalmente, que de uma forma brilhante resumiu e me apresentou o modelo de Economia que eu acredito, a Economia Donut.

Não há como percorrer uma jornada como essa sem o cuidado com a saúde mental (a minha pediu socorro), então agradeço a Ariane, minha psicóloga, e Greice, minha psiquiatra, pois sem as sessões de terapia e consultas eu não conseguiria.

Por fim, mais do que um agradecimento, eu dedico este trabalho aos meus quatro avós. Vô Nany pela sua generosidade e dedicação incansável e incondicional a família, vó Lena pelo seu amor, seu colo gigante e risada que continuou dando mesmo quando quase não me reconhecia cada vez que eu fazia bagunça em sua frente, ao Vô Ique, um homem a frente de seu tempo, de quem herdei minha criatividade e que sempre preservou a Mata Atlântica em sua fazenda com suas engenhocas, e principalmente a minha vó Sunta, a maior “nova economista” e pessoa mais sábia que eu tive o prazer de conviver por quase 44 anos. Que me provou que mudar o mundo não depende só de novas gerações, que do alto dos seus 95 anos lia mais de 60 livros por ano e fazia questão de compartilhar o que descobria e aprendia, que infelizmente partiu um pouco antes de ser a primeira pessoa a ler este trabalho e ver sua primeira neta virar mestra, mas que segue viva em cada frase aqui escrita.

Decididamente, eu sou uma mulher de muita sorte por ter tanta gente especial ao meu redor contribuindo para este trabalho de tantas formas, mas mais do que pela sorte, agradeço a Deus pela minha coragem e ousadia de não abandonar o meu jeito de ser ao defender meus ideais e cumprir o meu propósito.

Espero ter contribuído um pouco com este trabalho!

Quem é o economista?

Eco — nomia
Grego: *oikos* — *nomos*
Eco — *Oikos* — lar — casa
Nomia — *nomos* — administração
Lar — administração
Primeiro — lar — lar doméstico
Doméstico, familiar, administração do lar
Depois — lar — nacional
Nacional, Estado Nação — administração do lar
Agora — lar — planeta
Planetário, Gaia — administração do lar
Agora economia — Administração do lar planetário
Eco – nomia: O fenômeno de administrar o lar planetário
Para quê? Não apenas atender às necessidades humanas,
E não apenas atender necessidades humanas e não-humanas,
O avivamento de todos os seres,
A autorrealização, a prosperidade,
O florescimento de todos os seres, incluindo a própria terra viva.
Econo — mista
Quem administra o florescimento de todos os seres?
Aqueles que conhecem profundamente nosso lar.
Os ecologistas, biólogos, físicos e jardineiros.
Aqueles que arquitetam e entregam meios de administrar nosso lar.
Os designers, advogados, servidores públicos e agricultores.
Aqueles que identificam injustiças e evitam mais danos.
Os ativistas, jornalistas, defensores e denunciadores.
Aqueles que curam sofrimento e nos guiam para o florescimento.
Os curadores, psicólogos, anciões e pais.
Aqueles que desafiam, provocam e ilustram os paradigmas e histórias
da administração do lar. Os artistas, músicos, líderes espirituais, professores e poetas.
Aqueles que compartilham a sabedoria e o amor do universo e nos lembram do
nosso lugar na teia da vida. Os rios, ventos, árvores, fungos, pedras, insetos e animais.
Se todos os seres cumprem um papel na administração do lar,
então somos todos economistas?
Ou é a economia — uma parte de todos nós se manifestando
por meio de nossa contribuição única para este florescimento.
Talvez ser um economista seja um estado de intenção, atenção e conexão.
O momento em que vislumbramos o todo, inteireza, harmonia. O momento em que
pensamos holística e sistemicamente. O momento em que apreciamos as contribuições de
todos os seres para nosso florescimento. O momento em que sentimos e nos alinhamos à
condição da administração do lar, suas qualidades, as propriedades emergentes.
Quando sentimos o sofrimento, a alegria, o incômodo e a esperança
que surgem a cada puxão que reverbera na teia da vida.
Ser um economista é agir, cada um a seu próprio modo, com nossos dons, nossas sombras
e nossas histórias. Viver para um *locus* além de si mesmo, agir em nome do todo vivo,
para o florescimento de todos os seres.
Ser um administrador de abundância, um eco-sattva, um protetor da vida, um facilitador da
vida e, acima de tudo, um membro humilde na cocriação
de nossa jornada compartilhada neste momento deste universo.

Autoria
Della Duncan, tradução Lúcio Proença

RESUMO

Resumo do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS E CURSOS *ON-LINE* PARA MAIOR INTERESSE E CONHECIMENTO SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO DE CASO “GRUPO DE ESTUDOS NOVAS ECONOMIAS SEM COMPLICAÇÃO”

Por
Isabela Soares Guerra

Janeiro de 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Padua

Vivemos uma época com grandes desafios socioambientais, como o avanço da extinção de espécies e a diminuição da diversidade de flora e fauna, que tem afetado diretamente o clima do planeta e acarretado uma crise hídrica, sanitária, contaminação de solos, rios e oceanos, e crises sociais como a desigualdade social aumentando, assim como discriminações se perpetuando, pobreza, fome, entre outras. Tais crises decorrem a partir da maneira como vivemos, consumimos, trabalhamos e nos organizamos como sociedade, no entanto, essa relação causa e efeito não tem sido constatada pela população para que haja mudanças significativas. É evidente que para que tais mudanças aconteçam, é necessário mudar nossa organização, nosso modelo econômico, saindo de um modelo focado em crescimento, para um modelo focado em desenvolvimento sustentável. Algumas dinâmicas e engrenagens sociais já tem sido apresentadas e desenvolvidas para a construção de uma nova economia, mais justa, igualitária socialmente e ambientalmente segura. Para essas novas engrenagens damos o nome de novas economias. No entanto, essas novas possibilidades não alcançam a sociedade com a rapidez e efetividade que deveria acontecer, possivelmente por falta da democratização desse conhecimento, por meio de uma linguagem mais simples e até organizada, que extrapole o meio acadêmico. Em paralelo a tais crises e falta de alcance desses conhecimentos, a tecnologia e a possibilidade de disseminação de informações e conteúdos está cada vez mais facilitada na atualidade, por meio dos acessos as

mídias sociais. As tecnologias disponíveis têm potencial para a disseminação das novas práticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável, o que pode ser explorado nesses canais de comunicação (mídias sociais, infoprodutos e cursos *on-line*). O presente trabalho apresenta o estudo de caso de um infoproduto chamado “Grupo de Estudos Nova Economia sem Complicações”, facilitado pela pesquisadora, lançado de forma independente e via mídias sociais. O estudo traz descrições analíticas de resultados alcançados via pesquisa quali-quantitativa, sobre o potencial de alcance deste infoproduto. Os resultados quantitativos foram coletados via questionário aplicado aos participantes de uma das turmas do Grupo de Estudos antes e após sua realização, utilizando a escala Likert. Os resultados da pesquisa quantitativa demonstraram que houve a percepção dos participantes sobre a aquisição de conhecimento de temas que abordam as teorias relacionadas as novas economias, chegando ao aumento de 65% em um deles. A influência na mudança de comportamentos e crenças que levam em consideração o desenvolvimento sustentável também foi apontada pelos participantes. A pesquisadora utilizou-se também da pesquisa ação, pois participou ativamente da pesquisa como facilitadora do grupo. Já os resultados qualitativos foram coletados via entrevistas semiestruturadas realizadas após a finalização do período em que ocorreu o Grupo de Estudos, e foi realizada a análise de conteúdo para sua apresentação e discussão de resultados, que corroboraram a eficiência do modelo de aprendizagem *on-line* proposto, com discussões de maneira síncrona e apresentação de conteúdos disponibilizados antes dos encontros, além dos discutidos durante e após os mesmos, para que houvesse o aprofundamento. A linguagem utilizada, assim como a divulgação realizada via mídias sociais mostrou-se eficiente em ambas as análises, quantitativas e qualitativas. Ao final deste trabalho foram apresentadas algumas recomendações para maior aproveitamento do potencial desse tipo de educação ambiental não formal.

Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável. Educação ambiental. Novas economias. Educação não formal. Mídias sociais.

ABSTRACT

Abstract do Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre

POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO DE MÍDIAS SOCIAIS E CURSOS *ON-LINE* PARA MAIOR INTERESSE E CONHECIMENTO SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UM ESTUDO DE CASO “GRUPO DE ESTUDOS NOVAS ECONOMIAS SEM COMPLICAÇÃO”

By
Isabela Soares Guerra

January, 2023.

Advisor: Profa. Dra. Suzana Padua

We live in a time with great socio-environmental challenges, such as the advancement of species extinction and decrease in the diversity of flora and fauna, which has directly affected the planet's climate and led to a water and health crisis, contamination of soils, rivers and oceans, and social crises such as increasing social inequality, as well as perpetuating discrimination, poverty, hunger, among others. Such crises arise from the way we live, consume, work and organize ourselves as a society, however, this cause and effect relationship has not been noticed by the population in order to become significant changes. It is evident that for such changes to take place, it is necessary to change our organization, our economic model, moving from a model focused on growth to a model focused on sustainable development. Some social dynamics and gears have already been presented and developed for the construction of a new economy, fairer, socially egalitarian and environmentally safe. We call these new gears new economies. However, these new possibilities do not reach society with the speed and effectiveness that they should, possibly due to the lack of democratization of this knowledge, by means of a simpler and even organized language that goes beyond the academic environment. In parallel to such crises and the lack of reach of this knowledge, technology and the possibility of disseminating information and content is becoming increasingly easier nowadays, through access to social media. The available technologies have potential for the dissemination of new practices that contribute to sustainable development, which can be explored in these communication channels

(social media, infoproducts, and online courses). This dissertation presents the case study of an infoproduct called “Grupo de Estudos Nova Economia sem Complicações”, facilitated by the researcher, launched independently and via social media. The study brings analytical descriptions of results achieved via qualitative-quantitative research, about the potential reach of this infoproduct. The quantitative results were collected via a questionnaire applied to the participants of one of the Study Group classes before and after the study, using a Likert scale. Quantitative results showed that there was a perception of the participants about the acquisition of knowledge of topics that address theories related to new economies, reaching an increase of 65% in one of them. The influence on changing behaviors and beliefs that take sustainable development into consideration was also pointed out by the participants. The researcher also used action research, since she actively participated in the research as a group facilitator. Qualitative results were collected via semi-structured interviews carried out after the end of the period in which the Study Group occurred, and content analysis was performed for presentation and discussion of results, which corroborated the efficiency of the proposed online learning model, with synchronous discussions and presentation of content made available before the meetings, in addition to those discussed during and after them, so that there was a deeper understanding. The language used, as well as the dissemination carried out via social media, proved to be efficient in both quantitative and qualitative analyses. At the end of this work, some recommendations were presented for a better use of the potential of this type of non-formal environmental education.

Keywords: Sustainable development. Environmental education. New economies. Non-formal education. Social media.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura</u>	<u>página</u>
Figura 1 – Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.....	30
Figura 2 – ODS como um quebra-cabeças	31
Figura 3 – Representação integrada dos ODS.....	31
Figura 4 – Os quatro princípios norteadores da economia criativa	49
Figura 5 – Economia Linear e Economia Circular	52
Figura 6 – Donut das fronteiras sociais e planetárias.....	57
Figura 7 – Instrumentos de coleta de evidências	72

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro</u>	<u>página</u>
Quadro 1 – Evolução do conceito de Desenvolvimento Sustentável	33
Quadro 2 – Áreas de interesse do ESG	61
Quadro 3 – Elementos de impacto dos temas abordados no referencial teórico para o desenvolvimento sustentável	64
Quadro 4 – Etapas do Estudo de Caso.....	69
Quadro 5 – Temas abordados e participantes dos encontros do Grupo de Estudos	80
Quadro 6 – Quadro sobre mudanças de crenças e comportamentos a partir dos pressupostos das Novas Economias	93

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela</u>	<u>página</u>
Tabela 1 – Caracterização geral da amostra.....	76
Tabela 2 – Temas oferecidos que despertam maior interesse.....	91
Tabela 3 – O que você mais procurava encontrar no Grupo de Estudos?.....	91
Tabela 4 – Comportamentos ou crenças relacionados com a vida pessoal e temas abordados	92

LISTA DE GRÁFICOS

<u>Gráfico</u>	<u>página</u>
Gráfico 1 – Participação no Grupo de Estudos	79
Gráfico 2 – Preparação para as aulas diante dos comunicados	81
Gráfico 3 – Acesso dos participantes ao material disponibilizado no drive do Grupo de Estudos	82
Gráfico 4 – Você participou do Destrava Cuca?.....	83
Gráfico 5 – Você participou do Workshop?	83
Gráfico 6 – Conhecimento dos temas abordados no Grupo de Estudos.....	85
Gráfico 7 – Conhecimentos sobre a Nova Economia na prática	86
Gráfico 8 – Mudanças de atitudes adquiridas por meio do conhecimento	87
Gráfico 9 – Mudanças de percepção quanto ao lixo	88
Gráfico 10 – Mudanças de percepção quanto a conexão com a natureza.....	88
Gráfico 11 – Mudanças de percepção quanto a diversidade	89
Gráfico 12 – Causas sociais ou ambientais.....	90
Gráfico 13 – Convívio com pessoas que pensam diferente na vida pessoal e profissional.....	95
Gráfico 14 – Valores similares ou não das pessoas que convivem com os participantes	96
Gráfico 15 – Satisfação geral sobre o Grupo de Estudos	97

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
1.1 – Pergunta de pesquisa	22
2. OBJETIVOS	23
2.1 – Objetivo Geral	23
2.2 – Objetivos Específicos	23
3. REFERENCIAL TEÓRICO	24
3.1 – Desenvolvimento Sustentável	24
3.2 – Educação ambiental	33
3.2.1 Educação formal e educação não formal	37
3.2.2 Pedagogia e Andragogia	39
3.2.3 Educação <i>on-line</i>	40
3.3 – Economia	42
3.3.1 Economia Neoclássica	43
3.3.2 Economia Ambiental Neoclássica	44
3.3.3 Economia Ecológica	45
3.4 – Novas Economias	48
3.4.1 Economia Criativa	48
3.4.2 Economia Compartilhada	50
3.4.3 Economia Circular	51
3.4.4 Economia Regenerativa	54
3.4.5 Economia Donut	55
3.5 – Novas Economias nos Negócios	58
3.5.1 Sistema B	59
3.5.2 Capitalismo Consciente	59
3.5.3 ESG	60
3.5.4 Negócios Sociais	63
3.6 – Quadro teórico resumido	64
4. PARTE EXPERIMENTAL, MATERIAIS E METODOLOGIA de PESQUISA	66
4.1 – Parte Experimental	66
4.2 – Metodologia	71

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
5.1.1 Caracterização da Amostra.....	76
5.1.2 Participação no Grupo de Estudos.....	79
5.1.3 Conhecimento adquirido durante o Grupo de Estudos.....	84
5.1.4 Mudanças de atitudes a partir dos conhecimentos adquiridos no Grupo de Estudos	87
5.1.5 Interesses de estudo e conhecimento dos participantes.....	89
5.1.6 Comportamentos e crenças dos participantes	92
5.1.7 Satisfação dos participantes	96
5.1.8 Quanto a linguagem do Grupo de Estudos	98
5.1.9 Sobre o legado do Grupo de Estudos.	99
6. CONCLUSÕES	102
7. RECOMENDAÇÕES E OPORTUNIDADES	105
8. REFERÊNCIAS.....	107
ANEXO A – EMENTA DO GRUPO DE ESTUDOS	114
ANEXO B – QUESTIONÁRIO	115
ANEXO C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	120

1. INTRODUÇÃO

Estamos falhando enquanto sociedade na conservação da biodiversidade e em um desenvolvimento que seja sustentável. Isso pode se comprovar devido ao avanço da extinção de espécies e diminuição da diversidade de flora e fauna, que tem afetado diretamente o clima do planeta e acarretado uma crise hídrica, sanitária, contaminação de solos, rios e oceanos. Também podemos constatar crises sociais como a desigualdade social avançando, assim como discriminações se perpetuando, pobreza, fome, entre outras.

O que deveria ficar evidenciado a partir desses acontecimentos é que a maneira como nos organizamos e vivemos não está trazendo os resultados positivos que esperávamos com relação ao bem-estar humano. Essas crises deveriam deixar claro que precisamos, com urgência, encontrar maneiras diferentes de viver, nos relacionar com as demais pessoas, com a gente mesmo e, principalmente, com o planeta.

Nossos hábitos diários de consumo exacerbado de artigos desnecessários, com uso excessivo de itens descartáveis, descarte incorreto de rejeitos misturados a materiais que poderiam ser recicláveis ou compostáveis, entre tantos outros, agrava o cenário de insustentabilidade, e muitas vezes nem são percebidos. Além disso, existe uma busca incessante por crescimento econômico e lucro a qualquer custo, que tem nos levado cada vez mais ao desequilíbrio ambiental e social. Reverter, ou ao menos minimizar esses danos, deveria ser responsabilidade de todos e não apenas de ambientalistas, sociólogos, estudiosos, ativistas ou pessoas que trabalham diretamente com esses temas.

No entanto, essa relação de causa e efeito muitas vezes não é percebida ou entendida por grande parte da população, muito menos as maneiras como podemos evitá-los com mudanças de hábitos diários e intervenção na economia que rege o mundo. A informação sobre possíveis soluções ou como amenizar esses danos, muitas vezes, pode até chegar às pessoas, mas por meio de dados alarmantes que dividem pessoas em bandidos e mocinhos e colocam pressões para que ocorram mudanças radicais de comportamento, o que acaba por raramente acontecer. Falta a essas pessoas informações claras e objetivas com embasamento e sem jargões técnicos ou acadêmicos, de fácil entendimento ou com soluções plausíveis de serem aplicadas no dia a dia nas suas vidas pessoal e profissional.

Há ainda aqueles que percebem e entendem o impacto de suas escolhas e atitudes e conhecem possíveis mudanças, mas optam por não mudar. Nesse caso, acentuam uma crise de ética e consciência, mas para tratar desse assunto seria necessário um aprofundamento específico que foge ao enfoque deste trabalho. Há ainda aqueles que percebem a seriedade do momento planetário, mas que ficam confusos com relação a quais hábitos devem mudar, ou como se relacionar com o mundo ao seu redor de maneira sustentável no seu dia a dia em casa e no trabalho. Este foi o meu caso.

Ao me dar conta dos impactos que nossa maneira de viver e de trabalhar na atualidade estavam contribuindo para uma aceleração da extinção humana, fui tomada por muitas dúvidas, sendo algumas delas: “Ainda temos algo a fazer para evitar ou minimizar os danos causados por nós? Como lidar com esses temas complexos? Como criar algo novo que vise minimizar as crises atuais? Quais são os modelos novos de se viver, se relacionar, trabalhar que podem ser divulgados como alternativa? Ou simplesmente, por que essas informações e possibilidades de novos modelos não chegam a grande parte da população?”

Por ser bastante inquieta e inconformada, comecei a estudar e pesquisar sobre o tema. Muitas das minhas fontes vinham de pesquisas feitas pela internet: reportagens, notícias, *podcasts* e inclusive as mídias sociais, sendo que a maioria das fontes me trazia dados alarmantes. No entanto, eu não encontrava as fontes com bases científicas para comprovar os dados e teorias apresentados naqueles materiais que justificassem alguma mudança no sistema. Ao pesquisar fontes acadêmicas, eu encontrava dificuldade em entender a linguagem e jargões científicos.

Li diversos livros sobre o tema, alguns fazem parte deste trabalho e serão citados e referenciados ao apresentar o referencial teórico do mesmo, mas dentre todos, um deles me chamou mais atenção, o livro *Economia Donut*, escrito por uma economista britânica chamada Kate Raworth, pois muitas das minhas perguntas relacionadas às necessidades de mudança de comportamento foram sanadas.

Raworth (2019) aponta que grande parte dos desafios que a humanidade enfrenta, são graças a pontos cegos, metáforas equivocadas de um pensamento econômico obsoleto. Na economia, como em qualquer outra ciência, o trabalho mais importante é observar os fatos econômicos, relacioná-los com os demais aspectos sociais e políticos, e a partir daí desenvolver novas ideias, explicações e, em seguida, buscar justificativas empíricas e práticas (BRESSER-PEREIRA, 2009).

Entendi então, que se faz necessário revisitar o modelo econômico vigente, ou *mainstream*, e avaliar os problemas ambientais e sociais da atualidade, para que decisões econômicas mais coerentes possam ser tomadas.

Ao continuar a pesquisa a partir do tema Economia, encontrei a existência de uma tendência mais promissora, que se alinha ao que é chamado de Nova Economia, que contempla soluções para o momento complexo e de crise que vivemos. Essa vertente nos proporciona um olhar para o mundo como em uma visão sistêmica, onde tudo está interligado. Nesse cenário, os valores mudam radicalmente, pois tudo depende de colaboração e de se levar em consideração a vida. Com isso, há uma busca de caminhos que contemplem a conservação da biodiversidade e a regeneração do que foi impactado, contribuindo para um desenvolvimento diferenciado, com vistas à sustentabilidade (SISODIA; GELB, 2019).

No entanto, a nova economia ainda parece utópica para alguns e pouco conhecida e difundida como modelo possível de ser implementada. Vale ressaltar que neste trabalho, o recorte da definição de nova economia será sobre novas engrenagens sociais, modelos econômicos e dinâmicas que favorecem a sociedade e o planeta e que são definidas como novas economias.

Para que as mudanças necessárias para uma nova economia sejam implementadas e aconteçam de fato, faz-se necessário que a informação e os dados cheguem até as pessoas de maneira que as toque o suficiente para que ampliem o olhar para possibilidades inusitadas. Essa é a base na qual depende uma mudança de atitude, saindo da visão *egossistêmica*, onde o olhar é apenas para si, e ir em direção ao olhar *ecossistêmico*, integral, que considera o todo (CAPRA, 2005). A mudança pode e deve ser gradual para que seja sustentável e até entendida como uma realidade alcançável, e existem maneiras para que isso aconteça.

Diante de tantos conceitos novos, de atitudes que emergem, e de necessidade de reflexão, é preciso que se desenvolva uma linguagem e uma metodologia adequadas à disseminação e à aplicação dessas ideias. Também se faz necessário que a divulgação e a democratização de conhecimentos e atitudes que desbravam essas novas visões alcancem contextos e segmentos além dos já sensibilizados pelos ambientes formais e institucionais. Percebe-se a necessidade de se adequar cada vez mais a educação para adultos, utilizando-se de novas técnicas andragógicas para que

o aprendizado aconteça de fato, com a possibilidade de se sensibilizar para facilitar mudanças de atitudes.

Em paralelo aos desafios da educação e maior alcance de tais informações e provocações para a necessidade de mudança, as redes sociais e cursos *on-line* têm se mostrado ferramentas promissoras para a educação não formal, pela facilidade de disseminação de conhecimentos ligados a diversos temas, inclusive os socioambientais.

Ironicamente, no século XXI estamos vivendo essas crises com maior avanço tecnológico e acesso a informações que, teoricamente, nos deixariam mais esclarecidos para tomar decisões, promover mudanças e impactos positivos, que em nenhum outro tempo tivemos tantas condições favoráveis (LEITÃO, 2015). A comunicação virtual faz parte desse novo mundo de intercâmbio entre pessoas, servindo como plataforma de aprendizado.

A quantidade de novos cursos *on-line* lançados via redes sociais a cada dia alcança números cada vez mais grandiosos. Esses cursos são oferecidos das mais variadas formas, alguns são pagos pelos participantes, outros são oferecidos de maneira gratuita e outros de forma patrocinada.

Por entender que há na linguagem e no alcance das redes sociais uma oportunidade ímpar de se chamar a atenção de mais pessoas para assuntos ligados às questões socioambientais, com fontes acadêmicas e informações seguras e comprovadas, e assim promover uma educação não formal de qualidade para impactar na transição para uma nova economia, em 2019 desenvolvi de forma independente um infoproduto chamado “Novas Economias sem Complicações”. Em três anos aconteceram sete turmas, por onde passaram 85 alunos das mais diversas formações e atuações profissionais, sendo que a maioria teve conhecimento do que estava sendo oferecido pela rede social Instagram.

Ao longo desses anos, recebi vários depoimentos de que o Grupo de Estudos com todos os conteúdos apresentados a respeito de novas economias, assim como as interações entre os participantes e dinâmicas desenvolvidas, ajudou a influenciar a mudança de alguns comportamentos e a buscar soluções mais sustentáveis no dia a dia dos participantes, indicando que os sensibilizou para possíveis mudanças individuais, no trabalho e nas pessoas com quem convivem, ou que mostrou novas possibilidades de nos organizarmos enquanto sociedade. Alguns relatos mostraram

que houve um despertar de interesses mais aprofundados em temas afins, enquanto outros mudaram de profissão ou até de atuação, buscando maior foco em sustentabilidade.

Tais relatos me colocaram a pensar no potencial da contribuição que um infoproduto bem estruturado, com embasamento teórico de qualidade, técnicas andragógicas e educacionais adequadas à realidade, linguagem informal e alcance proporcionado pelas mídias sociais pode trazer à educação socioambiental em prol da nova economia.

O presente trabalho visa apresentar os assuntos que foram abordados no Grupo de Estudos “Novas Economias sem Complicações”, e que podem contribuir para a influência no desenvolvimento de uma nova economia. Também pretende descrever analiticamente o potencial de influência da educação não formal e informal na sensibilização de mudanças de comportamentos e atitudes para a transição para uma nova economia, com base no estudo de caso da sétima turma (Turma 7) do Grupo de Estudos, que mudou seu nome para Nova Economia sem Complicação e, a partir da experiência, análise de resultados e de lições aprendidas ao longo das sete turmas, fazer algumas recomendações de como aproveitar tal potencial.

1.1 – Pergunta de pesquisa

As mídias sociais e a educação socioambiental não formal *on-line* podem contribuir para aquisição de conhecimento, sensibilização e influência na mudança de comportamento em prol do desenvolvimento sustentável por meio de um curso *on-line* divulgado via mídias sociais sobre novas economias?

2. OBJETIVOS

2.1 – Objetivo geral

A partir do estudo de caso de um curso *on-line* não formal, em formato de Grupo de Estudos divulgado via mídias sociais, refletir sobre o potencial e eficácia desse tipo de metodologia de educação ambiental para a aprendizagem dos participantes na busca por caminhos influenciados pelas novas economias em direção ao desenvolvimento sustentável.

2.2 – Objetivos específicos

- Descrever analiticamente os indicadores de aquisição de conhecimento a respeito de novas economias via curso *on-line* divulgado via mídias sociais;
- Descrever o interesse em mudanças de comportamentos voltados ao desenvolvimento sustentável a partir da participação do Grupo de Estudos;
- Descrever qualitativamente o interesse dos participantes em se aprofundar nos temas sobre Novas Economias a partir de um Grupo de Estudos divulgado via mídias sociais;
- Fazer recomendações para desenvolvimento de cursos de educação ambiental *on-line* divulgados via mídias sociais.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os principais conceitos que fundamentam esta dissertação. Inicialmente, na seção 3.1, são debatidos os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, com um breve histórico da evolução do debate sobre o conceito e seus desdobramentos para a educação, economia e sociedade. Um importante aspecto para que o desenvolvimento sustentável seja, de fato, aplicado por empresas e sociedade é a necessidade de se pautar numa Educação Ambiental (EA), apresentada na seção 3.2, que aborda brevemente como podem ser ensinados os conceitos e teorias de EA, seja pela educação formal ou não formal, para crianças (Pedagogia) e adultos (Andragogia), e mais recentemente por meio das plataformas digitais (educação *on-line*). Em seguida, na seção 3.3 são apresentadas, sucintamente, algumas definições sobre Economia e as correntes teóricas Economia Neoclássica, Economia Ambiental Neoclássica e Economia Ecológica. Já na seção 3.4 são trazidas ao debate as Novas Economias – Criativa, Compartilhada, Circular, Regenerativa, Donut – que se constituem de alternativas apresentadas por pensadores sobre como incorporar o desenvolvimento sustentável aos modelos econômicos até então vigentes e que fizeram parte da ementa do Grupo de Estudos. A seção 3.5 aborda como as Novas Economias se aplicam ao ambiente de negócios, apresentando os conceitos de Sistema B, Capitalismo Consciente, ESG e Negócios Sociais. Por fim, foi elaborado um quadro teórico resumido de todos os temas abordados no referencial, e que foram desenvolvidos durante o Grupo de Estudos que se constituirá também de quadro analítico para as discussões a partir dos dados coletados.

3.1 – Desenvolvimento Sustentável

Nos últimos anos, por conta do aumento das discussões socioambientais decorrentes da convergência de várias crises (ambiental, social, política, sanitária, entre outras), o crescimento econômico indiscriminado tem sido apontado como um dos principais fatores que influenciam essas crises. Em consequência, o tema desenvolvimento sustentável tem aparecido com maior frequência nas discussões que levam em consideração as questões econômicas, sociais e ambientais.

Para Veiga (2015), a definição de desenvolvimento sustentável mais legítima, mais conhecida e mais aceita, além de ter sua origem devidamente certificada, é a de que o mesmo visa que a humanidade venha a atender às suas necessidades atuais sem comprometer a possibilidade de que as futuras gerações também possam fazê-lo.

O termo desenvolvimento sustentável tem evoluído, desde o seu surgimento, de forma a abarcar em si todas as questões que interrelacionam meio ambiente e desenvolvimento humano. Possui a dimensão crítica da necessidade de coexistência e coevolução dos seres humanos entre si e com as demais formas de vida do planeta, além de ser também concebido como um novo paradigma que relaciona aspirações coletivas de paz, liberdade, melhores condições de vida e de um meio ambiente saudável (CAMARGO, 2002).

A discussão sobre os impactos ambientais do desenvolvimento econômico ganhou força a partir de 1972, quando Dennis e Donella Meadows e um grupo de pesquisadores do chamado Clube de Roma, criado em 1968 para debater o futuro do mundo, encomendou ao MIT (*Massachusetts Institute of Technology* – Instituto Tecnológico de Massachussets) o estudo *Limites do Crescimento*, que teve grande divulgação internacional.

Essas discussões também foram consequência de debates sobre os riscos da degradação do meio ambiente que, de forma esparsa, começaram nos anos 1960 e ganharam, no final daquela década e no início dos anos 1970, um certo destaque, possibilitando a primeira grande discussão internacional que culminou na Conferência de Estocolmo em 1972 (BRÜSEKE, 1998).

Naquele encontro, houve um alerta para a escassez de recursos naturais frente ao crescimento demográfico e a proposta foi uma desaceleração da industrialização nos países desenvolvidos e uma contenção do crescimento populacional nos países não desenvolvidos (MEADOWS et al., 1972).

O relatório apresentou três conclusões (MEADOWS et al., 1972, p. 23-24):

Se as tendências de crescimento da população mundial, industrialização, poluição, produção de alimentos e consumo de recursos naturais continuam inalteradas, os limites para o crescimento neste planeta serão alcançados em algum período entre os próximos cem anos. O resultado mais provável resultará em uma queda na população e na capacidade industrial. É possível alterar essas tendências de crescimento e estabelecer condições econômicas e ecológicas estáveis e sustentáveis para o futuro. Este estado de equilíbrio global pode ser formatado para que cada pessoa na Terra tenha suas necessidades básicas de bens materiais satisfeitas e igual oportunidade de alcançar seu potencial humano individual. Se a população mundial decidir se

comprometer com este segundo propósito mais do que com o primeiro, quanto mais cedo começarem a trabalhar, maiores chances terão de resultados.

Ainda em 1972, aconteceu o primeiro grande encontro da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Meio Ambiente, que ficou conhecida como Conferência de Estocolmo. Para Mebratu (1998), a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em 1972, teve grande influência na conceituação de desenvolvimento sustentável, pois houve indicações de que a maneira como o desenvolvimento econômico estava acontecendo deveria mudar, mesmo não havendo grande atenção sobre a relação entre questões ambientais e desenvolvimento (MEBRATU, 1998).

Mas foi somente em um documento de 1987, intitulado *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum) também conhecido como Relatório Brundtland, que surgiu a definição de desenvolvimento sustentável mais amplamente divulgada:

Um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas (ONU, 1988, p. 46).

Segundo o relatório Brundtland, as causas da instabilidade ambiental estavam fixadas em dois fatores principais: a pobreza do hemisfério sul e o consumismo extremo nos países ricos do hemisfério norte. Percebe-se que essa abordagem do desenvolvimento sustentável aponta as desigualdades econômicas e sociais entre diferentes países como uma das causas da degradação ambiental. Por isso, na discussão ambiental, ficou evidente que os aspectos social e econômico apresentavam relação com as questões ambientais, de forma a não se poder dissociar um do outro (MARINS, 2019).

Segundo Oliveira (2012), o Relatório Brundtland apresentou uma visão otimista, pois lançou uma ideia capaz de preconizar um futuro comum para todos, através de uma estratégia de desenvolvimento dentro do sistema capitalista que seria o desenvolvimento sustentável. Segundo o autor, com essa perspectiva foi lançada uma cortina de fumaça nas contradições e conflitos existentes no capitalismo.

Dois anos depois, em 1989, a ONU aprovou, em assembleia extraordinária, a necessidade da discussão de temas relativos ao meio ambiente e ao desenvolvimento. Esse movimento culminou em 1992, quando aconteceu no Rio de

Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida como a Eco-92 ou Cúpula da Terra, Conferência do Rio de Janeiro ou Rio 92.

Camargo (2002) ressalta que a Rio-92 é um marco na década de 1990, pois demonstra que a consciência ambiental passou a ganhar proporções mundiais, assim como a partir dela iniciou-se com mais periodicidade e força, uma série de movimentos e eventos onde as questões socioambientais e o desenvolvimento econômico eram discutidas.

Dentre uma série de documentos originados da Rio-92 vale destacar a Agenda 21, que pode ser definido como um “programa de ação para o desenvolvimento sustentável que compatibiliza a conservação ambiental, a justiça social e a eficiência econômica” (TEIXEIRA, 2008, p. 31).

A ONU não parou de elaborar planos estruturados com a intenção de guiar governos e os demais setores para um desenvolvimento mais sustentável. Em 2000, durante a Cúpula do Milênio, com líderes de 189 países, foi aprovada a Declaração do Milênio, um compromisso para trabalharem juntos na construção de um mundo mais seguro, mais próspero e mais justo (ONU Brasil, 2010). Essa declaração foi traduzida para um roteiro que estabeleceu 8 metas a serem atingidas até 2015, conhecidas como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que são:

1. Erradicar a pobreza extrema e a fome;
2. Alcançar o ensino primário universal;
3. Promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres;
4. Reduzir a mortalidade infantil;
5. Melhorar a saúde materna;
6. Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças;
7. Garantir a sustentabilidade ambiental;
8. Desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.

Esse projeto foi decisório para a capacidade da organização de atender todas as demandas, incluindo os compromissos sociais, e para impulsionar o desenvolvimento através da assistência técnica, envolvendo todos os Estados membros e outros parceiros da sociedade.

O desenvolvimento esperado não vinha sendo alcançado, devido a várias limitações inclusive na formulação e implementação dos ODM, assim como eles foram estabelecidos a partir das necessidades da época em que foram descritos, então ao se aproximar do limite do prazo, em 2012 a ONU iniciou uma revisão dos ODM e como resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável que aconteceu no Rio de Janeiro (Rio+20), foi publicado um documento intitulado “O Futuro que Queremos”, para que os países membros da ONU estipulassem novos objetivos voltados para o desenvolvimento sustentável. Esses objetivos constituíram e formularam a Agenda 2030 e seus 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, mais amplos e mais inclusivos, como um plano de ação para as sociedades, para o planeta e para a prosperidade (ONU, 2015).

A agenda deve ser cumprida até o ano de 2030 para que se crie condições da população viver de forma equilibrada, justa e que leve em consideração questões sociais, ambientais e econômicas. Os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ver figura 1), são:

1. Erradicação da pobreza: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.
2. Fome zero: acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
3. Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
4. Educação de qualidade: assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5. Igualdade de gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
6. Água limpa e saneamento: assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
7. Energia acessível e limpa: assegurar a todos o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia.

8. Emprego digno e crescimento econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.
9. Indústria, inovação e infraestrutura: construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.
10. Redução das desigualdades: reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
11. Cidades e comunidades sustentáveis: tornar as cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
12. Consumo e produção sustentáveis: assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.
13. Combate às alterações climáticas: tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos.
14. Vida debaixo d'água: conservar e usar sustentavelmente os oceanos, mares e os recursos marinhos, para o desenvolvimento sustentável.
15. Vida sobre a terra: proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra, e deter a perda da biodiversidade.
16. Paz, justiça e instituições fortes: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
17. Parcerias em prol das metas: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

É importante ressaltar que não há uma ordem de prioridades dos ODS na agenda 2030. No entanto, para a construção do equilíbrio do desenvolvimento sustentável, eles são ligados. Belinky (2022) coloca que o reconhecimento dessa natureza integrada dos ODS – universal, indivisível e interdependente – é absolutamente essencial para se distinguir entre o efetivo compromisso de um negócio com o Desenvolvimento Sustentável e as simples práticas favoráveis à minimização de alguns problemas econômicos, sociais ou ambientais.

O autor ressalta que, em reação a essa situação e preocupados com as suas consequências:

...diversos atores buscaram usar a mesma linguagem para chamar a atenção do público quanto à natureza universal, indivisível e interligada dos ODS e, conseqüentemente, para a inadequação de seu uso fragmentado e descontextualizado (BELINKY, 2022, p. 19).

Esses aspectos são exemplificados por Belinky (2022) com representações veiculadas no *World Atlas of Desertification*, da União Europeia (UE), que apresenta os ODS como um quebra-cabeças (ver figura 2) e pelo Centro de Resiliência de Estocolmo, que traz uma representação integrada dos ODS (ver figura 3).



Figura 1 – Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
Fonte: ONU (2015).



Figura 2 – ODS como um quebra-cabeças
 Fonte: reproduzido de Belinky (2022, p. 20).



Figura 3 – Representação integrada dos ODS
 Fonte: reproduzido de Belinky (2022, p. 20).

Para Camargo (2002), o desenvolvimento sustentável pode vir a ser, num futuro muito mais próximo do que se possa talvez esperar, nossa única opção viável e segura para alcançar um projeto coerente de civilização e assegurar o futuro da sociedade humana.

Já, na visão de Belinky (2022), existe um dilema quanto à eventualidade de que o desenvolvimento sustentável sequer exista dentro do modo de produção capitalista, por conta de correntes de pensamento construídas sobre a premissa de que há um problema intrínseco na contínua expansão de um sistema aberto (a economia) dentro de um sistema fechado (o planeta), existindo aqui uma premissa insustentável por definição.

Essa questão envolve uma série de outros estudos, e assim como no trabalho do referido autor, não é o tema principal deste trabalho, no entanto, vale ressaltar que existem algumas linhas que criticam inclusive o termo desenvolvimento sustentável.

Diante do que foi apresentado pelos autores, compreende-se que o desenvolvimento sustentável é uma proposta complexa com muitas contradições, principalmente diante das diferentes concepções de economia e desenvolvimento existentes no mundo. Por um lado, vimos que a noção genérica de desenvolvimento está associada com a modernização das sociedades capitalistas, tendo como eixo central a busca constante da expansão ilimitada e que incentiva o consumismo. Mas esse pensamento justamente vai contra a possibilidade de um desenvolvimento sustentável, visto que os recursos do planeta são limitados.

A relação entre desenvolvimento e sustentabilidade necessita, portanto, de uma identificação sobre qual o tipo de sustentabilidade pretendida, mas deve ter como princípios a conscientização e a mudança de comportamento de todos, desde os governos e empresas até as pessoas, que são também consumidoras dos recursos naturais, por meio da compra de produtos e serviços. Diante disso, a premissa que se propõe neste trabalho é de que a preocupação com a sustentabilidade envolve a necessidade de consciência coletiva na integração dos aspectos econômicos, sociais e ecológicos.

Neste sentido, o desenvolvimento sustentável pode não ser a solução, mas talvez um caminho para uma economia próspera e saudável. Pensar o desenvolvimento sustentável não é tarefa para um setor específico da sociedade e sim uma tarefa global, sob todos os aspectos. O elenco difuso de atores sociais conhecidos como sociedade civil possui pouco poder formal em comparação a governos ou corporações, porém a sociedade civil é essencial numa campanha para a sustentabilidade. Conforme Gardner (2001), a sociedade civil parece ser um campo fértil para provocar mudanças ambientais.

E, para que isso aconteça, os modelos econômicos precisam ser redefinidos, ou seja, sair de um modelo onde seu principal objetivo seja um crescimento a qualquer custo, medido pelo aumento apenas do Produto Interno Bruto (PIB), e caminhar cada vez mais para um desenvolvimento econômico que leve em conta aspectos variados como bem-estar, saúde, educação, cultura, entre outros aspectos que dão qualidade à vida humana. Esse desenvolvimento terá maiores chances de garantir uma prosperidade social e ambiental mais promissora e de qualidade para as gerações atuais e futuras. Afinal, como afirmam Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn (2012), se a imagem que temos de desenvolvimento é aquela ofertada por indicadores do PIB, ela permanecerá inadequada, não somente em relação à nossa percepção, que continuará distorcida, como também nossas ações que insistirão em modelos contra produtivos. Conforme visto nesta seção, diversos acontecimentos marcam a evolução do conceito de desenvolvimento sustentável, tendo influência dos progressos tecnológicos e debates relacionados, bem como do aumento da conscientização de pessoas e governos. No quadro 1, a seguir, foram organizados os principais marcos históricos dessa evolução.

Quadro 1 – Evolução do conceito de Desenvolvimento Sustentável

Data	Marcos históricos
1968	Criação do Clube de Roma
1972	Publicação do relatório “Os Limites do Crescimento” pelo Clube de Roma
	Conferência sobre o Ambiente Humano das Nações Unidas (Estocolmo), foi o 1º grande encontro da ONU sobre o Meio Ambiente
1987	Publicação do Relatório Brundtland (<i>Our Common Future – Nosso Futuro Comum</i>) com a formalização do conceito desenvolvimento sustentável
1992	Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, conhecida (Rio-92) e criação da Agenda 21
2000	Declaração do Milênio e criação dos 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)
2012	Revisão dos ODM pela ONU e criação da Agenda 2030 com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Fonte: elaborado pela autora.

3.2 – Educação ambiental

Para que haja resolução ou mitigação de problemas socioambientais por meio do desenvolvimento sustentável e, assim, melhoria na qualidade de vida e a formação de

uma sociedade sustentável, faz-se necessário que sejam construídos valores e estimulados comportamentos para tal. A educação ambiental (EA) é peça chave para que isso aconteça.

Vale ressaltar que, para que tais valores e comportamentos sejam adotados, a base é o conhecimento sobre a natureza, sobre o resultado da interferência humana sobre a mesma e quais seriam as possíveis ações para mitigação dos problemas. Os valores precisam estar em consonância com esses conhecimentos para que juntos com os conhecimentos seja possível ocorrer a sensibilização para a mudança. Esse pensamento é o que guia este trabalho, assim como foi o impulsionador para a criação dos Grupos de Estudos, em linha com a famosa frase do conservacionista africano Baba Dioum: “No final, só conservaremos aquilo que amarmos. Só amaremos aquilo que compreendermos. Só compreenderemos aquilo que nos ensinaram”.

Mesmo que a sensibilização ambiental esteja hoje fortemente consolidada em âmbito global, as percepções individuais, os valores humanos e as aspirações sociais influenciam a maneira com que cada indivíduo se posiciona em relação à questão ambiental (CAMARGO, 2002).

Para Dias (2004), a educação ambiental trata de uma série de práticas ambientais e conteúdos com enfoque interdisciplinar, que por meio da participação ativa de cada indivíduo (de forma responsável), busca a resolução dos problemas concretos do ambiente. No entanto, por conta de ser uma disciplina que recebe influência de várias áreas de conhecimento, não encontramos apenas um conceito sobre ela.

A educação ambiental segundo Gadotti (2009, p. 99):

Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e pelo ambiente doméstico.

É interessante reconhecer que a educação ambiental é uma disciplina consideravelmente jovem, pois na década de 60 iniciaram-se algumas discussões sobre o tema. Mas foi somente partir de 1972, durante a Conferência de Estocolmo, com o lançamento do relatório “Os Limites do Crescimento”, que a temática entrou na agenda internacional. Aquele foi o primeiro pronunciamento oficial sobre a necessidade da EA em escala mundial, convertendo-se numa recomendação

universal imprescindível, com a propagação de inúmeros projetos e programas para a sua implementação (RAMOS, 2001).

Em 1975, em resposta as recomendações feitas em Estocolmo, a UNESCO promoveu em Belgrado (Iugoslávia) um Encontro Internacional em Educação Ambiental com 65 países. Dias (2004, p. 80) coloca que, a partir desse encontro, foram estabelecidos “princípios e orientações para um programa internacional de Educação Ambiental, que deveria ser contínua, multidisciplinar, integrada às diferenças regionais e voltada para os interesses nacionais”.

Para Ramos (2001), a globalização da EA deu um passo ainda mais significativo com a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, realizada em 1977 na Geórgia, onde participaram delegados de 68 estados membros da UNESCO, observadores de estados não membros, representantes de organizações intergovernamentais e de organizações internacionais e não governamentais. Essa é considerada a “referência internacional para o desenvolvimento de atividade de Educação Ambiental” (DIAS, 2004, p. 104).

A declaração de Tbilisi definiu que a EA deveria preparar o indivíduo, com conhecimentos técnicos e qualidades para a melhoria da vida e proteção do meio ambiente, respeitando valores éticos (DIAS, 2004). A partir de então, estavam lançadas as bases norteadoras sobre educação ambiental no mundo, e cada país com suas particularidades deveriam definir seus planos de desenvolvimento sobre ela.

Há diversas correntes de pensamento sobre como a educação ambiental deveria ser estimulada, desde uma visão ancorada na mudança dos comportamentos individuais até uma perspectiva política que deseja a mudança dos comportamentos coletivos.

Segundo Lima (2007), durante algum tempo os educadores ambientais desperdiçaram alguma energia ao tentar demonstrar de maneira competitiva e excludente que comportamento social era superior ao comportamento ambiental (ou vice-versa).

Assim, aqueles (a) mais “comportamentalistas” tendiam a enfatizar as pedagogias centradas nas mudanças dos comportamentos individuais como mais relevantes, enquanto as correntes mais políticas tendiam a enfatizar as pedagogias focadas nas mudanças dos comportamentos coletivos e na ação política (LIMA, 2007, p. 6).

O autor ainda completa que hoje já está claro que precisamos integrar os dois esforços, que são complementares e indissociáveis. Ademais, ele chama a atenção

para o fato de que precisamos trabalhar as lacunas que separam nossos discursos e práticas de responsabilidade socioambiental.

No processo de aprendizado todos somos vítimas de momentos parcializados onde desenvolvemos o discurso dissociado da prática ou a prática dissociada do discurso e da reflexão. Trata-se, pois, de perceber essa dicotomia e de desenvolver uma pedagogia praxica que exercite e integre teoria e prática ou ação-reflexão-ação (LIMA, 2007, p. 7).

Na mesma linha de pensamento, Ramos (2001) acredita que educação ambiental contém um rico potencial de recursos a contribuir para a construção de uma responsabilidade socioambiental mais solidária, justa e complexa e que os desafios históricos e civilizatórios que vivenciamos contemporaneamente não aceitam respostas menores do que essas.

Possivelmente já existam conteúdos disponíveis em cursos sobre educação ambiental e notícias suficientes para que a conscientização acerca dos impactos dos nossos comportamentos no meio ambiente e na sociedade aconteça. Hoje é possível assistir reportagens a respeito do tema na TV aberta a qualquer horário do dia. No entanto, a comunicação é quase sempre a mesma, com dados alarmantes e apontamentos de bandidos para mocinhos. Mas, também existem exemplos inspiradores que mostram como a educação ambiental pode contribuir para reverter situações indesejadas. E essas valem a pena serem divulgadas para demonstrar que é possível haver mudanças quando se trabalha em prol da vida e das culturas regionais.

Pesquisas e publicações a respeito do tema acontecem diariamente em revistas e periódicos científicos. A produção acadêmica em torno dos assuntos relacionados à necessidade de desenvolvimento sustentável está cada vez mais acentuada, assim como os questionamentos e as críticas sobre o tema. No entanto, ainda se encontra um abismo entre linguagem científica e práticas para a sociedade.

Precisamos de “abordagens inclusivas” na educação ambiental, que compreendam uma nova ética que leve a mudanças de comportamentos. Mudar comportamentos humanos é sempre desafiador porque as pessoas tendem a se apegar a seus hábitos. Mas para protegermos a coletividade, precisamos de posturas éticas, solidárias e participativas. Daí a razão de valores serem indispensáveis para educação ambiental, sempre somados a conhecimentos que ajudem a compreensão das questões a serem trabalhadas (PADUA, 2022, s. p.).

Conforme o trecho citado, vemos que se trata de uma visão da educação ambiental ancorada na corrente da coletividade. Padua (2022) defende também que a educação ambiental deveria prescindir do adjetivo “ambiental”, uma vez que educação deveria contemplar o todo. Infelizmente, não é o que ocorre e daí a necessidade de se criar uma corrente de pensamento que questiona o que precisa ser mudado para que a humanidade desperte para o valor da vida e de seu papel para protegê-la.

Ramos (2001) coloca que a educação ambiental é antes de tudo uma questão da educação geral e, portanto, não pode ser apresentada apenas como uma nova estratégia de ensino sem que sejam questionados os fundamentos, os princípios epistemológicos e conceituais sobre os quais a educação da sociedade atual se desenvolve.

Tendo em vista essa visão de que não se pode tratar da educação ambiental sem que antes sejam alicerçados novos fundamentos relacionados à educação como um todo, a seguir são abordados os conceitos sobre educação formal e educação não formal.

3.2.1 Educação formal e educação não formal

Segundo Cascais e Terán (2014), a educação, geralmente, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessário uma educação, ao longo da vida, a fim de dar suporte aos vários aspectos, sejam eles, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos, impostos por um mundo globalizado e urbanizado, ou mesmo em um ambiente mais rural, onde a tradição muitas vezes ainda predomina.

Para Schneider (2013), dentro da sociedade do conhecimento a educação deve servir ao ser humano contemporâneo, que se apoia na tecnologia da informação e na comunicação para gerar conhecimento, além de consumir o que vem pronto.

A educação formal é aquela praticada de forma estruturada em instituições, academias, escolas. Possui grade curricular e normalmente recebe um título ou certificado ao término de um período de aprendizagem e pontuação mínima pré-estabelecida (GADOTTI, 2005).

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e

burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação (GADOTTI, 2005, p. 2).

Já o que é chamado de educação não-formal tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área de educação para situar atividades e experiências diversas, distintas daquelas que ocorrem nas salas de aula escolares, classificadas como formais (FÁVERO, 2007).

Para Gadotti (2005), a educação não formal tem programas com duração variável e que respeitam a condição cultural, social e histórica dos participantes. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos. Ocorre fora das escolas, em locais informais, onde há processos interativos intencionais, que, segundo Gohn (2006), se constituem de elemento importante de diferenciação.

A educação não formal possui algum grau de estruturação, mas com critérios mais fluídos e com maior liberdade por parte do educador na grade e na ementa do conteúdo. A educação não formal, normalmente aparece em cursos extracurriculares, cursos livres, aulas de idiomas, cursos *on-line* entre outros.

É importante ressaltar que, embora seja senso comum que a educação não-formal é diferente da educação formal, por utilizar ferramentas didáticas diversificadas e atrativas, isto nem sempre é verdade. Há muitos exemplos de professores que adotam estratégias pedagógicas variadas para abordar um determinado conteúdo, fugindo do tradicional método da aula expositiva não dialogada. Também há exemplos de aulas estritamente tradicionais sendo realizadas em espaços não-escolares (JACOBUCCI, 2008).

Para Silva, Silva e Melo (2022), existem várias formas de se trabalhar com a educação ambiental não formal, sendo as mais comuns panfletagens, palestras, rodas de conversas e visitas a áreas naturais. Com o advento da internet e a popularização das redes sociais e outras mídias, o alcance foi amplificado levando a criação de redes de contatos, o que tem sido bastante importante na atualidade.

Diante das definições aqui apresentadas sobre a educação formal e a educação não formal, entende-se que a segunda é um meio para ampliar o acesso à educação, seja para abordar temas específicos ou alcançar grupos diversos. Também pode absorver os interessados em maior interação entre os pares, adeptos de pedagogias participativas, ao invés das aulas dialógico expositivas.

3.2.2 Pedagogia e andragogia

Como o presente trabalho se refere a práticas de educação ambiental para adultos, a metodologia utilizada se baseia na andragogia, que difere da pedagogia.

Ao contrário da pedagogia – educação para crianças – pela qual elas adquirem conhecimento base para sua formação e sabem que têm que aprender, em geral impostos por uma grade curricular, na andragogia, normalmente traduzida como educação do adulto, há a compreensão de que cada um traz consigo em seu processo de aprendizagem toda sua experiência de vida, visão crítica sobre fatos e interesses específicos. Os adultos querem saber o porquê estão aprendendo para poderem identificar o quanto o conhecimento adquirido lhes será útil.

Na pedagogia o foco é maior no educador, responsável pelo conteúdo e processo, enquanto na andragogia, a atenção é no processo de aprendizagem que leva em conta a bagagem trazida pelo adulto. A andragogia é centrada no aluno, enquanto a pedagogia é tradicionalmente centrada no professor.

Por conta da necessidade de enxergar a utilidade no conteúdo repassado, Knowles (1980) postula que a metodologia e a linguagem utilizadas para adultos deve ser diferenciada daquelas usadas para crianças. Entretanto, a andragogia não se opõe à pedagogia, que diz respeito à “educação de crianças”, mas se trata de uma abordagem que é parte da arte de ensinar e de estimular o adulto a aprender (KNOWLES, 1980).

Na visão de Nogueira (2004), sempre que os adultos evidenciam procurar aprender de forma mais autodirigida, o facilitador deve adotar uma postura mais flexível, sendo este um recurso sempre disponível. Nesses casos, o educador atua como um guia, alertando para possíveis falhas e indicando caminhos diversos que o aprendente poderá seguir, se assim o entender.

A andragogia está mais centrada no aprendiz e, assim, cabe então ao educador o papel de facilitador do processo de aprendizagem. Desta forma, o facilitador de grupos passa a apresentar conhecimentos e provocar a interação, além de buscar as questões predominantes trazidas pelos participantes. Com a finalidade de manter o interesse do adulto no que está aprendendo, o educador precisa inovar em suas metodologias de ensino, pois para mantê-los engajados em um curso não formal, a

única variável de conexão é seu próprio interesse em adquirir conhecimento a respeito do assunto estudado.

Estudar em grupo e *on-line* tem se tornado uma prática constante nos dias de hoje, tanto pelas interações sociais que ficaram um pouco mais escassas desde o início da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, quanto pela riqueza da construção de conhecimento que acontece em conjunto, a partir de assuntos que interessem a todos do grupo.

Por meio dos processos interativos, o ser humano reforça seus atributos como sujeito social. Nesse contexto, devem ser considerados também os aspectos afetivos, pois possibilitam que os indivíduos mantenham laços mais próximos e interesses em se engajar em novas questões. Na educação, as interações sociais são um tema muito investigado, principalmente no que diz respeito ao processo de construção do conhecimento (LONGHI et al, 2021).

Gadotti (2005, p. 3) postula que “o professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação”. Cabe ao aluno construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz e cabe ao professor que também deve se mostrar curioso, devendo “buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos”. Assim, o professor deixa o papel de “lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem”, se tornando “um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador” (GADOTTI, 2005, p. 3). Essa visão postula que o professor é aquele que “cuida” da aprendizagem.

Em suma, a abordagem da andragogia permite que os alunos assumam o controle, sejam mais independentes e estabeleçam seus próprios objetivos. A andragogia inspira os instrutores a fazer um trabalho conectado às experiências de aprendizado ao que os alunos adultos já sabem, permite a opinião pessoal e auxilia os adultos a conectar o que já sabem em relação aos novos tópicos que são apresentados.

3.2.3 Educação *on-line*

O pensador Paulo Freire sugere que o indivíduo é capaz de intervir ativamente no seu processo de evolução de se tornar consciente de sua realidade para então poder agir para mudá-la. O diálogo é a base dessa consciência social e compromisso com a

mudança, que são elementos indispensáveis para a participação. Essa possibilidade de diálogo ficava na teoria como um componente ideológico em 1969, e hoje com as mídias sociais se torna prática e viável sendo usada no marketing (MAHONEY; TANG, 2016).

Com o avanço da tecnologia, principalmente da internet e mídias sociais, diariamente, inúmeros produtos são lançados no mercado: cursos, grupos de estudo, *e-books* ou demais infoprodutos divulgados pelo alcance exponencial das mídias sociais. As redes sociais facilitam a disseminação e a venda desses cursos de forma assertiva por serem capazes de reunir, muitas vezes por conta do algoritmo, os interessados no assunto que se pretende ensinar.

As novas tecnologias da informação criaram espaços inovadores de se promover conhecimento (GADOTTI, 2005), pois permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível. Com apenas um clique, qualquer pessoa pode acessar uma informação específica e manter contato com pessoas que estão distantes (VERMELHO et al., 2014).

Percebe-se, a partir da própria vivência pessoal, que a expansão da internet trouxe diferentes maneiras de comunicação e interação. Segundo Longhi et al. (2021, p. 42-43):

A interação adquire, então, uma nova roupagem, e há mudanças significativas nas formas como instituições e profissionais alteram as estratégias de mediação e de desenvolvimento de suas propostas. Nesse contexto, algumas ferramentas de comunicação também passaram a fazer parte das interações, como as mídias sociais, em especial, o Facebook e o Instagram, pela possibilidade de formar grupos de alunos e por haver espaço para discussões. Isso configura um novo paradigma, com características inéditas ou inovadoras para a aprendizagem, transformando e rompendo modelos mecanicistas nas práticas educacionais.

O termo “mídia social”, numa perspectiva sociológica, pode ser descrito como bens coletivos produzidos através da mediação do computador e por ação coletiva (ARAGÃO et al., 2016). Para esses autores, as mídias sociais são portadoras de importantes tendências que devem ser do interesse das organizações operantes no espaço digital ou em qualquer outro espaço.

Segundo o relatório denominado Digital 2022, com dados de abril de 2022, publicado em parceria pela *We Are Social* e Hootsuite, os brasileiros ficam, em média, 3 horas e 47 minutos por dia conectados às redes sociais.

O Instagram, que foi a mídia social utilizada para divulgação do Grupo de Estudos pela autora desse estudo, foi escolhido por sua popularidade entre os brasileiros. Conta com 122 milhões de usuários e passou a ser a terceira mídia social mais usada no Brasil segundo dados do mesmo relatório. O Instagram foi uma rede social criada em 2010 por dois engenheiros, o norte americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, inicialmente apenas para o compartilhamento de fotos e para usuários do sistema operacional IOS da Apple. Alcançou a marca de 1 milhão de usuários em dezembro do mesmo ano de lançamento e, devido ao sucesso com o crescimento na sua base de usuários, em 2012 foi adquirido pela Facebook Inc. por 1 bilhão de dólares (WIKIPÉDIA, [s.d.]).

Hoje, notamos que as mídias sociais já não se limitam apenas a espaços para postar fotos das férias ou saber as novidades de algum tema, mas acabaram se tornando fontes de informação e plataformas onde diversos tipos de organizações e públicos interajam. As mídias sociais possibilitam a divulgação de serviços e disseminação de informações que podem não ter fontes seguras ou ter sido repassadas por profissionais que não sejam gabaritados para tal. Por outro lado, abrem uma grande oportunidade de se proporcionar aprendizagem de qualidade a respeito de temas importantes para a atualidade como, por exemplo, a necessidade urgente de mudanças de comportamento e ações efetivas que possam interferir de maneira positiva nas questões relacionadas às diversas crises que enfrentamos e que já foram citadas anteriormente neste trabalho.

Levando em consideração a oportunidade de grande alcance que as mídias sociais proporcionam e a necessidade de se praticar uma educação ambiental inclusiva, conforme já apontada esta necessidade anteriormente, a divulgação do Grupo de Estudos foi feita pelo Instagram da pesquisadora (@_belaguerra_), que na época contava com 3000 seguidores e assuntos relacionados a novas economias eram tratados diariamente por posts, *lives* ou vídeos.

3.3 – Economia

O presente estudo não tem como objetivo realizar um aprofundamento no histórico ou um detalhamento das teorias econômicas, pois não se trata de um trabalho sobre economia propriamente dito. No entanto, faz-se necessário uma breve conceituação

sobre o tema, da forma como ele comumente tem sido apresentado nas universidades ou no *mainstream*. Serão abordados, então, os principais conceitos de Economia Neoclássica, Economia Ambiental Neoclássica e Economia Ecológica, por acreditar que esses são temas relevantes para esta pesquisa.

3.3.1 Economia Neoclássica

A Teoria da Economia Neoclássica surge a partir de 1870. A escola neoclássica nasce de dentro da escola clássica, e mantém a política do liberalismo econômico, ou seja, economia de mercado. Uma das principais diferenças entre economia clássica e neoclássica, está associada ao preço dos produtos, que anteriormente era medido de acordo com o valor do trabalho (teoria clássica) e passou a ser medido com base na utilidade desse trabalho (BLAUG, 1999).

Na Teoria Neoclássica o indivíduo é abordado sob o pressuposto do *homo economicus*, ou seja, considerando somente a sua faceta econômica, preocupado com a maximização de sua satisfação, é um agente racional e calculista, que toma as decisões considerando os custos e benefícios de cada alternativa. Essa abordagem apresenta um papel passivo e impessoal aos indivíduos, que reagem as circunstâncias que lhes são impostas. Impessoal, pois características importantes para a singularidade destes indivíduos (como gostos, preferências, moral, experiência de vida etc.) são abstraídas da análise, assim como outras motivações além dos interesses materiais (do seu auto interesse). Passivo, pois estes indivíduos não têm capacidade (ou necessidade), nem interesse, em realizar transformações nas estruturas socioeconômicas. Os choques exógenos são perturbações temporárias, pois a tendência ao equilíbrio e o autoajuste dos mercados implicam retorno ao equilíbrio (e a interferência gera resultados ineficientes). Assim, os indivíduos se adequam aos choques exógenos, e seu comportamento padrão (auto interesse, racional e maximizador) é previsível e conduz o sistema ao equilíbrio ótimo (IZEPÃO; BRITO; BERGOCE, 2020, p. 70-71).

A partir disso, fica entendido que a questão ambiental e outros aspectos como as necessidades sociais e a responsabilidade corporativa de contribuir com o bem-estar coletivo não são consideradas na Teoria Neoclássica.

Para Mueller (1998), no final da década de 1960 e início da década de 1970, começaram a surgir estudos apresentando os impactos de restrições ambientais sob o crescimento econômico e dele sobre o meio ambiente, assim como foram divulgados os primeiros modelos que buscavam equilíbrio entre as relações do meio ambiente e sistema econômico.

No entanto, segundo Mueller (1998), a discussão só ganhou robustez após três grandes eventos:

- a) A comprovação de que em áreas mais industrializadas e com maior circulação de carros, a degradação ambiental e poluição chegavam a níveis alarmantes em meados da década de 1960;
- b) Crise do petróleo de 1970, com acentuada elevação dos preços, que incutiu na opinião pública uma noção de sua crescente escassez;
- c) Relatório dos estudos do Clube de Roma que aconteceram na década de 1960 e foram publicados em 1972 em forma do relatório *The Limits to Growth*, com a indicação que o aumento demográfico e econômico nos modelos correntes, levariam a humanidade a uma catástrofe ambiental em pouco tempo (assunto que foi explorado no subcapítulo 3.1 do referencial deste trabalho).

A partir dos referidos eventos, por mais que grande parte dos economistas neoclássicos ainda subtraíam do modelo econômico a questão ambiental, o debate de interdependência dos temas tornou-se inexorável, surgindo então a Teoria da Economia Ambiental Neoclássica.

3.3.2 Economia Ambiental Neoclássica

Para Andrade (2008), a Economia Ambiental Neoclássica é uma tentativa, por parte do *mainstream* econômico, de incorporar em seus modelos a ideia de sustentabilidade ambiental. No entanto, muito do que prega a Economia Ambiental Neoclássica é similar a própria Teoria Neoclássica, sendo apenas uma derivação dela. A diferença de maior relevância é a inclusão da importância dos recursos naturais, que passaram a ser considerados (ANDRADE, 2008).

A ideia de que o meio ambiente é fornecedor de materiais e, ao mesmo tempo, receptor de resíduos, fez com que a análise econômica se preocupasse com temas ligados à escassez crescente de recursos e com a poluição gerada pelo sistema econômico. Nesse sentido, desenvolveram-se duas ramificações da Teoria Ambiental Neoclássica: a teoria da poluição e a teoria dos recursos naturais (ANDRADE, 2008). Mueller (1998) explica que hoje a teoria neoclássica da poluição é o ramo mais importante da Economia Ambiental Neoclássica. Para o autor, houve uma época em que problemas de escassez de recursos naturais tiveram certo peso na agenda

neoclássica, mas a partir de meados da década de 1980, a teoria da poluição passou a predominar.

Tal fato se deu por conta da diminuição do receio da escassez generalizada de recursos naturais oriundo da crise do petróleo de 1970, e também por conta dos problemas causados pela poluição e degradação originados no sistema econômico, especialmente nas sociedades afluentes (MUELLER, 1998).

A principal mensagem da teoria da poluição é que, com uma correta definição de direitos de propriedade e com instrumentos de internalização dos custos sociais da poluição, a sociedade será levada a um “nível ótimo de poluição”, definido com base nas preferências dos indivíduos que a compõem, na dotação de recursos e nas alternativas tecnológicas à sua disposição (MUELLER, 1998). O autor completa que meio ambiente e economia operam em um contínuo equilíbrio e que as posições são reversíveis.

A teoria dos recursos naturais, por sua vez, considera o meio ambiente sob a ótica de provedor de recursos ao sistema econômico. Nesse ramo da Teoria Ambiental Neoclássica, procura-se responder a questões referentes ao padrão ótimo de uso desses recursos, qual o manejo adequado dos recursos renováveis e qual a melhor taxa de depleção dos recursos não renováveis (ANDRADE, 2008).

Na Economia Ambiental Neoclássica há uma utopia e um certo otimismo, que considera que todos os problemas relacionados à escassez de recursos naturais serão superados com o desenvolvimento tecnológico e até da ciência.

3.3.3 Economia Ecológica

Ainda há certa confusão entre os conceitos de Economia Ecológica e Economia Ambiental Neoclássica, mas vale ressaltar uma das principais diferenças entre as duas, é a tentativa de assegurar que a Teoria Ambiental Neoclássica é apenas uma extensão da Economia Neoclássica, quando trata os recursos ambientais a partir da sua utilidade. Todavia, vale ressaltar que, como coloca Andrade (2008), a Economia Ecológica não recrimina a utilização de recursos naturais para a produção de energia, ou outros usos a serviço da humanidade. A grande crítica da Economia Ecológica é o uso indiscriminado e irresponsável dos recursos, sem considerar sua finitude.

Partindo-se do princípio de que a atividade econômica, a qualidade de vida e a coesão das sociedades humanas são profunda e irremediavelmente dependentes dos bens e serviços providos pelo meio ambiente, é fundamental que a teoria econômica considere em seu arcabouço teórico as interconexões entre sistema econômico e seu meio externo, procurando compreender a dinâmica subjacente aos processos naturais de suporte à vida e os impactos que as atividades humanas têm sobre os sistemas naturais (ANDRADE, 2008).

Economia Ecológica, ao contrário da Economia Ambiental Neoclássica, está mais interessada em uma modelagem explícita das relações pessoas-ambiente ou economia-ecologia, mapeando relações de causa e efeito e processos dinâmicos dentro do ambiente (hidrológico, químico, físico e ecológico) (VAN DEN BERGH, 2001). Para a Economia Ecológica, há uma clara hierarquia de objetivos de política econômica: escala sustentável, distribuição justa intra e intergeracional e, por fim, eficiência econômica.

A crescente percepção de que o sistema ecológico de sustentação da vida encontra-se cada vez mais ameaçado constitui o ponto de partida da reflexão que deu origem formal à Economia Ecológica. Há um enfrentamento constante entre natureza e sociedade, meio ambiente e economia, com incertezas, percalços, urgências e novas fronteiras. Conflitos aparecem desafiando a tendência à valoração puramente monetária (como a do “mercado”, por exemplo) de situações essenciais para a vida humana (CAVALCANTI, 2010).

O que precisa acontecer de fato é uma interdisciplinaridade entre Economia e Ecologia, sem que uma sobressaia-se à outra. A Economia Ecológica busca se colocar a partir dessa interdisciplinaridade, como propõe Cavalcanti (2010, p. 60):

Cumprir reconhecer a inquestionável evidência de que não existe sociedade (nem economia) sem sistema ecológico, mas pode haver meio ambiente sem sociedade (e economia). Enquanto isso, a economia (ciência econômica) convencional trata apenas da espécie humana, esquecendo todas as outras, e a ecologia convencional estuda todas as espécies, menos a humana. Ao constatar, em ambos os casos, a necessidade de superar a estreiteza disciplinar que impede uma visão de conjunto da problemática ecológico-econômica, a EE surge sem dependência disciplinar, seja da economia, seja da ecologia, resultando, ao revés, numa tentativa de integração de ambas. Sua visão de mundo teria, pois, que ser transdisciplinar, com foco nas relações entre ecossistemas e sistemas econômicos no sentido mais amplo possível.

A Economia Ecológica é um ramo relativamente recente do conhecimento, estruturado de modo formal em 1989, com a fundação da *International Society for Ecological Economics* (ISEE) e com o periódico *Ecological Economics* (ANDRADE, 2008). O autor afirma também que a Economia Ecológica vislumbra a economia com um subsistema de um ecossistema global maior – finito e materialmente fechado, embora aberto ao fluxo de energia solar – o qual impõe limites ao crescimento físico do sistema econômico.

Para Van Den Bergh (2001), a Economia Ecológica integra vários elementos de economia, ecologia, termodinâmica, ética e uma série de outras ciências sociais e naturais para fornecer uma perspectiva integrada e biofísica sobre as interações ambiente-economia, visando contribuir para soluções estruturais para os problemas socioambientais. Por isso, na Economia Ecológica, cientistas naturais (principalmente ambientalistas) e cientistas sociais (incluindo economistas) unem forças.

Segundo Andrade (2008), a Economia Ecológica, em uma perspectiva de longo prazo, chega a parecer pessimista a noção de que a continuidade dos atuais padrões de expansão do sistema econômico fará com que a humanidade se depare com uma escassez generalizada de recursos vitais e sofra as consequências de desestabilização crescente do meio ambiente. Mas, essa é uma realidade que precisa ser encarada para que a humanidade encontre novos modelos de desenvolvimento que estejam em harmonia com os limites planetários.

Na Economia Neoclássica (e na Ambiental Neoclássica), o princípio ético dominante é o presenteísmo (o presente é sempre preferível ao futuro), o utilitarismo e o antropocentrismo. Na Economia Ecológica, por sua vez, o princípio ético é de que todas as espécies vivas têm valor instrumental e intrínseco, além do que há, na perspectiva econômico-ecológica, uma preocupação explícita com questões de justiça social (entre a mesma geração e entre gerações diferentes).

A economia ensinada hoje privilegia o presente vis-à-vis o futuro. E isto vai contra a ideia de sustentabilidade, pois esta presume, necessariamente, solidariedade entre as gerações. Qualquer comportamento que fuja à maximização do prazer é considerado irracional. Solidariedade, cooperação e altruísmo são, portanto, considerados comportamentos irracionais no arcabouço neoclássico. Isto é uma prova de que esse tipo de referencial teórico não nos é útil quando o que precisamos é justamente comportamentos cooperativos. Veja a questão do clima, por exemplo: não

dá pra se ter um mecanismo de governança global sem o princípio basilar de cooperação entre as nações. O que deve ficar claro para o leitor é que sua ideia de “novas economias” pressupõe uma organização econômica que comporte atributos de cooperação e solidariedade, não apenas competição. Isso será aprofundado a seguir.

3.4 – Novas Economias

Alguns novos modelos econômicos, que buscam o desenvolvimento sustentável já têm sido estudados, divulgados e praticados para que possa se desenvolver uma nova economia. Para que esses novos modelos sejam, de fato, implementados algumas novas dinâmicas são necessárias, a essas dinâmicas damos o nome de novas economias, e alguns exemplos (abordados durante o Grupo de Estudos) serão apresentados a seguir¹.

3.4.1 Economia Criativa

Para Howkins (2005 citado por GHELFI, 2005, p. 15), “a criatividade não é nova e nem a economia, mas o que é novo é a natureza e extensão do relacionamento entre eles, e como eles se combinam para criar extraordinário valor e riqueza”.

Já, segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UCNTAD², [s.d.]), a economia criativa não tem uma definição única, pois é um conceito em evolução que se baseia na interação entre a criatividade e as ideias humanas e a propriedade intelectual, o conhecimento e a tecnologia. Essencialmente, são as atividades econômicas baseadas no conhecimento sobre as quais as “indústrias criativas” se baseiam.

A economia criativa desenvolve-se a partir do potencial de produção de bens tangíveis e intangíveis com valor econômico e conteúdo criativo, intelectual e artístico. Ela é

¹ O tema sobre novas economias não se esgota com esses conteúdos apresentados durante o Grupo de Estudos. Alguns outros modelos ou dinâmicas econômicas merecem atenção, e caso houver uma oitava turma do Grupo de Estudos, possam ser abordadas. Algumas delas são: Economia de Francisco e Clara, Economia Verde, Economia Azul, modelo de Empresas Humanizadas, empresas TEAL entre outras que podem vir a ser desenvolvidas após a publicação deste trabalho.

² *United Nations Conference on Trade and Development.*

focada tanto no trabalho individual e coletivo, e origina-se de talentos, criatividade e habilidades.

É um modelo que se baseia na abundância, e não escassez, pois na maioria das vezes não depende de recursos finitos para seu desenvolvimento, e os recursos infinitos utilizados além de não esgotarem podem ter a capacidade de renovação e multiplicação.

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2012), a economia criativa possui princípios norteadores, que são: a importância da diversidade cultural do país, a percepção da sustentabilidade como fator de desenvolvimento local e regional, a inovação como vetor de desenvolvimento da cultura e das expressões de vanguarda e a inclusão produtiva com base em uma economia cooperativa e solidária (ver figura 4).

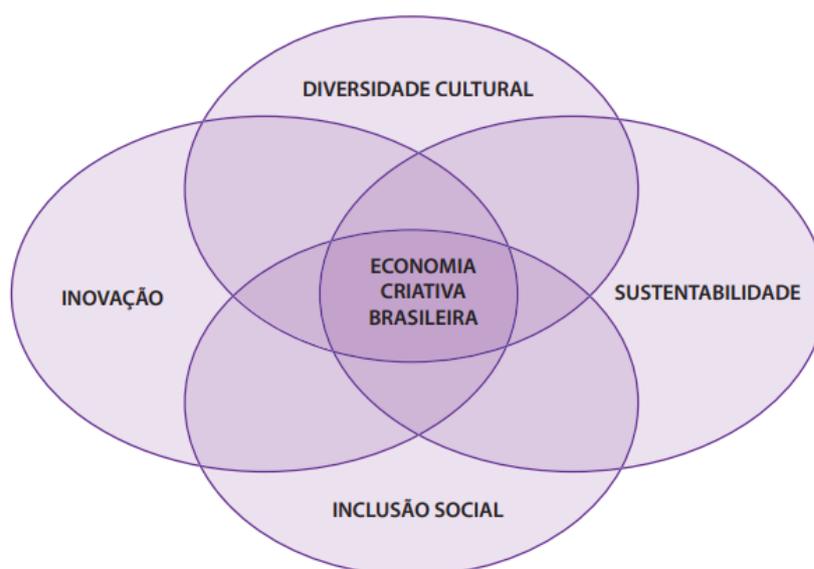


Figura 4 – Os quatro princípios norteadores da economia criativa
Fonte: reproduzido de Sebrae (2012, p. 7).

O SEBRAE (2012) também expõe que a economia criativa possui potencialidades que devem ser exploradas, como a produção não poluente, a inovação tecnológica, fortalecimento de vínculos das características locais e regionais, geração de empregos, rendas e tributos, a alimentação da economia associada a outros segmentos produtivos, a promoção da inclusão social, o reforço da cidadania, a promoção da diversidade e do respeito e o estímulo de novas qualificações profissionais.

Para Deheinzelin (2011), a economia criativa pode e deve ser vista como meio para promoção da sustentabilidade, por conta de seus impactos econômicos social, cultural e ambiental. Ao abarcar processos e mudanças, tanto subjetivas quanto coletivas, nas diversas dimensões sociais, pode-se constatar que a economia criativa gera diversos tipos de valor: cognitivo, simbólico, cultural, social, ambiental, econômico e material. Por isso, a autora sugere que o conceito de economia criativa seja compreendido como uma cadeia integrada de geração de valor.

Podemos então concluir que a Economia Criativa pode contribuir para o alcance de grande parte dos ODS da Agenda 2030, sendo assim peça importante para um novo modelo econômico que visa o desenvolvimento sustentável.

Levando em consideração a influência da Economia Criativa para o desenvolvimento sustentável e reconhecendo a sua importância, 2021 foi declarado pela ONU o ano internacional da economia criativa (UNCTAD, 2022). Segundo o relatório da ONU chamado *Creative Economy Outlook 2022*, o Ano Internacional da Economia Criativa de 2021 acentuou o papel crítico da criatividade na superação dos desafios globais. Enquanto isso, a pandemia do COVID-19 impactou severamente algumas indústrias criativas e destacou suas vulnerabilidades.

A economia criativa pode construir sociedades mais inclusivas, conectadas e colaborativas. Pode ajudar a diversificar a produção, construir vantagem competitiva, atrair investimentos, estimular o empreendedorismo e a inovação, apoiar o crescente setor de serviços e promover a diversidade cultural e o bem-estar (UNCTAD, 2022, p. 84, tradução nossa).

A criatividade serve tanto como motivador quanto como um facilitador para o desenvolvimento sustentável, pois a partir do estímulo de inovações no âmbito da indústria cultural estimuladas pela criatividade, pode ser impulsionado o crescimento inclusivo econômico e sustentável.

3.4.2 Economia Compartilhada

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, a forma como as relações de consumo são desenvolvidas (como consequência do sistema econômico *mainstream*), proporciona a má distribuição de renda, descartabilidade, manipulação e oferta desenfreada de bens de consumo.

Martin (2016) discorre que a economia compartilhada permite o desenvolvimento de uma nova cultura em direção a uma cultura onde os consumidores compartilham o acesso aos bens, diminuindo assim o excesso de consumo e, conseqüentemente, de produção e descarte. A economia compartilhada se baseia no compartilhamento de produtos que são em sua maioria provenientes de recursos limitados, para que não se esgotem e mais pessoas possam utilizá-los, além de proporcionar na maioria das vezes, menor custo do que ter a posse do mesmo produto.

Martin (2016) coloca que a mudança é impulsionada por plataformas *peer-to-peer* da Internet que conectam os consumidores e permitem que eles façam uso mais eficiente de ativos subutilizados, como exemplo o Airbnb, que se trata de uma plataforma *peer-to-peer* baseada no aluguel de ativos (acomodações).

Para Silveira, Petrini e Santos (2016), a economia compartilhada parece responder a necessidade da combinação do crescimento econômico com a sustentabilidade social e ambiental, que são as dimensões básicas do desenvolvimento sustentável, e quando tomados em conjunto, a economia compartilhada e o desenvolvimento sustentável aparentam ter o potencial de produzir novas formas de organização e concorrência, bem como alterar ou refinar os modelos já existentes.

3.4.3 Economia Circular

A maneira linear como a indústria se constituiu, onde se extrai materiais da natureza (na maioria das vezes de forma irresponsável), produz algum produto e ao fim o descarta quando não mais se presta aos propósitos originais, tem afetado diretamente as questões socioambientais. Esse sistema “extrair, produzir, descartar” (a economia linear – figura 5) nos levou a uma situação de “sobrecarga ecológica” (WEETMAN, 2019, p. 32).

Weetman (2019) também chama atenção para o fato de que essa sobrecarga ecológica interfere diretamente na danificação dos nossos sistemas vivos, aliados aos grandes desafios da pobreza e da desigualdade, e destaca que precisamos reconsiderar nossos sistemas não só de produção, mas também de consumo, visto que o consumismo vem aumentando a cada dia, o que gera maior demanda nas indústrias agravando ainda mais nossos problemas.

Ao contrário do modelo linear, a economia circular apresenta uma nova proposta de produção, pois preconiza que não seja feito o descarte precoce de qualquer material, fazendo utilização da matéria-prima até o ponto que não possa mais ser transformada, reutilizada ou reciclada, num modelo cíclico (ver figura 5).



Figura 5 – Economia Linear e Economia Circular
Fonte: reproduzido de Grupo Opersan (2022).

Para Leitão (2015), a Economia Circular abre excelentes perspectivas enquanto fonte de inovação e permitindo a redução da procura de recursos naturais com a recuperação de desperdícios e resíduos, a serem encaradas pelas empresas como alavanca e motivação para um crescimento com bases sólidas e com futuro, além das vantagens competitivas no contexto de um mercado global altamente dinâmico.

MacArthur (2014) coloca que a Economia Circular é um modelo que permite repensar as práticas econômicas da sociedade atual e que se inspira no funcionamento da própria natureza, incluindo-se num quadro de desenvolvimento sustentável baseado no princípio de “fechar o ciclo de vida” dos produtos, permitindo a redução no consumo de matérias-primas, energia e água (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2014).

A economia circular é baseada em quatro princípios básicos da natureza (ELLEN MACARTHUR FOUNDATION, 2014; WEETMAN, 2019), que são definidos da seguinte forma:

- Resíduos como nutrientes: como na natureza, o desperdício se torna alimento para outros seres ou nutrientes para o solo. No caso dos objetos, isso se traduz em manter objetos a serem reutilizados e redesenhados, a fim de estender sua

durabilidade mantendo todas as suas partes com a mais alta qualidade possível. Portanto, um ciclo de vida do produto pode ser prorrogado indefinidamente.

- Resiliência: como na natureza, a resiliência é construída através da diversidade de espécies. Ao criar um amplo *pool* de recursos, a economia circular pode usá-los para se adaptar a todos os contextos e circunstâncias.
- Energia renovável: criar um sistema colaborativo entre as partes que proporciona um fluxo de recursos, ideias e informações, tudo alimentado por energia renovável.
- Sistêmico: baseia-se na conexão entre seus constituintes, criando oportunidades para o contexto em que se desenvolve, dando exemplo para outras economias/culturas/sociedades.

Além de proporcionar benefícios operacionais e estratégicos nos níveis micro e macroeconômico, a Economia Circular proporciona incalculáveis oportunidades de inovação e design de produtos, processos e modelos de negócio. Por conta de um aumento de criação de empregos, estimula o crescimento econômico inteligente, sustentável e integrador, com efeitos positivos sobre a saúde econômica, ecológica e social (WEETMAN, 2019).

No entanto, Weetman (2019) ressalta que para a transição de uma economia linear para a circular, serão requeridas novas habilidades das pessoas, principalmente no que tange a criatividade, tecnologia, design, publicidade, entre outras. E que essa transição depende de uma mudança de paradigma, onde o pensamento sistêmico ajudará a construir as estruturas corretas e orientar a mudança de comportamento.

Percebe-se então que implementar um sistema baseado na economia circular requer um processo para transformar paradigmas sociais e culturais, eliminando costumes e hábitos aprendidos ao longo das gerações, de modo a incluir outros que se alinham às diretrizes colocadas pela economia circular, que se baseia num ciclo de regeneração para os recursos naturais.

Para Abramovay (2015), a economia circular preconiza uma economia não apenas com menos danos, mas também regenerativa tanto dos ecossistemas como dos tecidos sociais que têm sido sistematicamente destruídos pelas formas atuais como se obtém riqueza. Isso se dá por conta da economia circular ter a ambição de transformar esse sistema para que tanto os nutrientes biológicos, como os nutrientes

técnicos que compõe a riqueza sejam permanentemente não apenas reciclados, mas revalorizados ao longo dos processos produtivos.

No entanto, a economia regenerativa vai além da revalorização de nutrientes técnicos, que evita o descarte precoce deles. A economia regenerativa defende que o descarte, objetivo do negócio ou sistema produtivo, seja gerar impacto positivo no meio a ponto de contribuir para a regeneração dele, e por isso vale abordar sobre o assunto a seguir.

3.4.4 Economia Regenerativa

Nos tempos atuais, por conta da gravidade e avanço nas crises ambiental e social, não basta mais trabalhar com o intuito de alcançar a sustentabilidade, a premissa agora é regenerar, ou seja, buscar frear a destruição socioambiental e regeneração dos sistemas, e por conta disso, o termo Economia Regenerativa tem aparecido cada vez mais nos discursos onde novos modelos econômicos são discutidos.

Na pesquisa *Rethinking the Built Environment*, realizada na Nova Zelândia, por Zari e Jenkin (2009, p. v):

A definição de sustentabilidade do ambiente construído está mudando rapidamente. Ainda que buscar a neutralidade ou redução dos impactos em termos de energia, carbono, resíduos ou água são metas válidas, está ficando claro que o ambiente construído deve ir além disso. É preciso alcançar efeitos positivos para o mundo vivo.

A economia regenerativa visa além do desenvolvimento sustentável já visto anteriormente, ela visa um desenvolvimento regenerativo. Assim, esse novo modelo em que a indústria é regenerativa (e não destrutiva e predatória) proporciona uma oportunidade de negócio viável para enfrentar com êxito um mercado cada vez mais competitivo e com exigências ecológicas.

Gabel (2015) coloca que o desenvolvimento regenerativo está para o desenvolvimento sustentável, assim como o desenvolvimento sustentável está para o desenvolvimento econômico de *mainstream*. Ou seja, um é a evolução ou a solução para o outro.

O autor diferencia os dois conceitos, onde ele define desenvolvimento sustentável como o uso dos recursos para aprimorar a qualidade de vida da sociedade de uma forma que não destrua ou acabe com os sistemas suporte necessários para o crescimento futuro, e o desenvolvimento regenerativo é o uso dos recursos para

aprimorar a qualidade de vida da sociedade de forma que construa a capacidade de regenerar e manter os sistemas necessários para o crescimento futuro.

O autor ainda completa, explicando que o paradigma regenerativo pode ser trabalhado em todos os setores do desenvolvimento e que todos os problemas enfrentados pela sociedade global podem ser enfrentados através dele. No entanto, para que a economia regenerativa e o desenvolvimento regenerativo tenham êxito, é necessário existir uma cultura que os suporte. E a transição para uma cultura regenerativa é bastante complexa.

Para Wahl (2019), essa transição exige o *redesign* de nossas comunidades, empresas, sistemas de governança e como atendemos às necessidades básicas de todos. Em seu livro “Design para Culturas Regenerativas”, o autor ressalta que para que isso aconteça faz-se necessário um olhar sobre a nossa “história da separação”, onde a complexidade do mundo é descartada, como se não fizessemos todos parte de um mesmo sistema onde somos todos interligados.

Esse pensamento estimula a competição, a escassez e o sucesso individual que são baseados em teorias neodarwinianas que tem sido amplamente rediscutida e indicada como ultrapassadas. Ou seja, é necessário um movimento significativo de desenvolvimento das pessoas e mudança na visão de mundo.

3.4.5 Economia Donut

A Economia Donut propõe uma mentalidade econômica adequada ao contexto e aos desafios do século XXI. Não é um conjunto de políticas e instituições, mas sim uma forma de pensar que traz a dinâmica regenerativa e distributiva que a atualidade exige. Baseando-se em *insights* de diversas escolas de pensamento econômico – incluindo economia ecológica, feminista, institucional, comportamental e de complexidade – apresenta sete maneiras de pensar como um economista do século 21 pode trazer as economias do mundo para um espaço seguro e justo para a humanidade (DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB, 2022).

O conceito de Economia Donut (*doughnut economic*) foi desenvolvido pela economista inglesa Kate Raworth, publicado pela primeira vez em 2012. O conceito rapidamente ganhou força internacional por ser uma resposta ao crescimento da

economia a qualquer custo, onde limites planetários vêm sendo extrapolados e alicerces sociais não são atendidos (DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB, 2022). Utilizando o formato de um *donut* (rosquinha) como diagrama de representação de indicadores econômicos a serem respeitados, Raworth (2019, p. 20) justifica a utilização de uma imagem explicando que “(...) as narrativas mais poderosas ao longo da história, foram aquelas contadas com imagens. Se queremos reescrever a economia, precisamos também redesenhar suas imagens, porque temos poucas chances de contar uma história nova se nos apegarmos a ilustrações antigas”. A autora complementa que:

No cerne do pensamento econômico da corrente dominante, encontram-se um punhado de diagramas que enquadraram, sem palavras, mas poderosamente, a maneira como fomos ensinados a compreender o mundo econômico – e são todos obsoletos, incompletos ou simplesmente errados. Eles podem estar ocultos da nossa visão, mas enquadram profundamente a maneira como pensamos sobre economia em sala de aula, no governo, na sala de reuniões, na mídia e na rua. Se quisermos escrever uma nova história econômica, precisamos desenhar novas imagens, que confinem as velhas aos manuais do século passado (RAWORTH, 2019, p. 33).

O *donut* foi desenhado contendo em sua parte interna doze elementos que consideram as esferas sociais que devem ser atendidas para que a sociedade viva de maneira digna. Esses doze elementos incluem: alimento suficiente; água potável e saneamento adequado; acesso à energia e instalações limpas para cozinhar; educação e assistência médica de qualidade; habitação digna; uma renda mínima e trabalho decente; e, acesso a redes de informação e a redes de apoio social.

Além disso, exige-se que esses elementos sejam adquiridos com equilíbrio de gênero, equidade social, voz política ativa, paz e justiça (RAWORTH, 2019). Todos esses elementos estão incluídos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, propostos em 2015, e fazem parte da agenda 2030. Segundo Raworth (2019), há indícios de que o desenho do *donut*, apresentado pela primeira vez no ano de 2012, estivesse presente na mesa das discussões da ONU que cravaram os ODS na Agenda 2030. Ao redor do *donut*, estão os limites planetários que não devemos extrapolar para termos qualidade de vida na terra.

Essencialmente o Donut propõe um alicerce social de bem-estar o qual indica que ninguém deve ficar abaixo de um nível digno de vida, respeitando um teto ecológico de pressão planetária que não devemos transpor. Entre os dois, encontra-se o espaço

seguro e justo para todos os seres vivos (RAWORTH, 2019). A autora ainda ressalta que mesmo as pessoas que não estudaram economia, carregam em si a referência dos diagramas que a economia neoclássica nos apresenta, que justificam o crescimento do PIB e o considera o principal indicador de sucesso (a qualquer custo) de um país (RAWORTH, 2019).

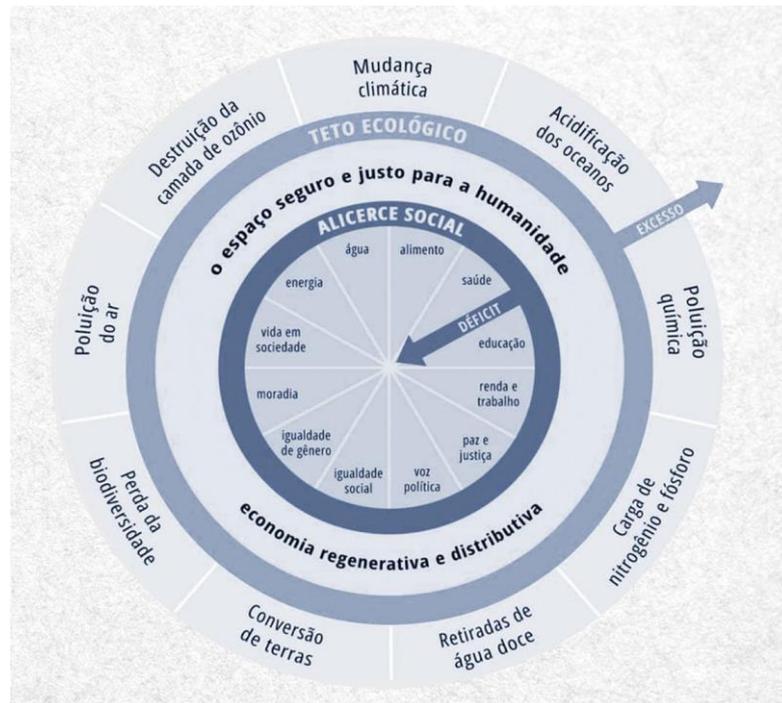


Figura 6 – Donut das fronteiras sociais e planetárias
 Fonte: reproduzido de Raworth (2019, p. 55).

Para que a economia Donut torne-se um caminho para a realidade, Raworth (2019) defende que devemos todos pensar e agir como um economista do século XXI, e que isso precisa ser guiado por sete premissas descritas de forma sucinta a seguir:

1. Mudar o objetivo geral - do PIB ao Donut;
2. Analisar o quadro geral - abandonar a narrativa da eficiência do mercado e incompetência do Estado, e convidar as novas narrativas, sobre o poder do mercado, a parceria do Estado, o papel central do agregado familiar e a criatividade dos bens comuns;
3. Estimular a natureza humana - sair da imagem do ser humano econômico racional (egoístas, solitários, calculistas, pouco afeitas a mudanças e que dominam a natureza), para o nosso novo autorretrato (seres sociais, interdependentes, próximos, fluidos e dependentes do mundo vivo);
4. Compreender o funcionamento do Sistema - parar de procurar alavancas ilusórias de controle da economia e começar a administrá-la como um sistema complexo em evolução;

5. Projetar para distribuir - levar em consideração que a desigualdade não é uma necessidade econômica, e sim uma falha de projeto, e que há maneiras de criar economias muito mais distributivas;
6. Criar para regenerar - criar um pensamento econômico que desencadeia uma concepção regenerativa para criar uma economia circular;
7. Ser agnóstico com relação ao crescimento - criar economias que nos façam prosperar e não crescer indiscriminadamente.

Os estudos e publicações sobre Economia Donut ainda são em pequeno número, pois mesmo tendo sido publicada pela primeira vez em 2012, a teoria ganhou espaço e visibilidade maior a partir do livro “Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo”, escrito pela própria Kate Raworth em 2017. O livro logo se tornou um *best-seller* internacional e já foi publicado em mais de 20 idiomas, incluindo inglês (Reino Unido e EUA), português do Brasil, entre outras (DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB, 2022).

No Reino Unido, existe um laboratório de disseminação de práticas e estudos sobre Economia Donut, o DEAL (*Doughnut Economics Action Lab*). O DEAL faz parte do movimento global emergente de um novo pensamento econômico, cujo objetivo é ajudar a criar economias do século 21 que sejam regenerativas e distributivas por design, para que possam atender às necessidades de todas as pessoas dentro dos meios do planeta vivo, ou seja, cumprir a Economia Donut (DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB, 2022).

3.5 – Novas Economias nos Negócios

Para que possamos construir novos modelos econômicos, além de esforços individuais e de mudanças de hábitos e comportamentos, é de extrema importância que os negócios, organizações públicas e privadas, aliem seus lucros e propósito às causas socioambientais.

Nos últimos anos, diversos movimentos e modelos de se fazer negócios tem surgido ou ganhado força com o intuito de levar em consideração os impactos sociais e ambientais. Alguns negócios já nascem com o objetivo de resolver algum problema da sociedade (ou ao menos amenizá-lo), outras organizações têm redirecionado sua rota para que possam minimizar seus impactos já gerados. São diversos os modelos, os movimentos e até nomenclaturas a respeito do tema. Abaixo estão apresentados alguns deles, que foram tratados no Grupo de Estudos.

3.5.1 Sistema B

Segundo a definição do próprio movimento B no Brasil, o Sistema B surgiu em 2006 nos Estados Unidos com o intuito de redefinir o sucesso nos negócios e na economia, saindo de um modelo tradicional para um sistema econômico inclusivo, equitativo e regenerativo para todas as pessoas e o planeta. Esse movimento acredita que a comunidade empresarial pode ser parte da solução dos problemas globais, como desigualdade, mudanças climáticas e desordem social, criando soluções com impacto socioambiental positivo (SISTEMA B BRASIL, 2022).

Para uma empresa ser considerada B, ela passa por uma avaliação *on-line* e gratuita, chamada de *B Impact Assessment – BIA* (AVALIAÇÃO DE IMPACTO B, [s.d.]). O BIA contempla a medição de 5 pilares de impacto, que visam responder 220 perguntas nos seguintes temas: governança, trabalhadores, meio ambiente, comunidade e cliente. Esses pilares contemplam os 17 ODS da ONU, e a empresa para se certificar como B precisa alcançar a pontuação mínima de 80 questões. A partir do resultado do BIA, a empresa pode ser auditada ou não e então conquistar a certificação e selo de Empresa B (HONEYMAN, 2017).

Para o Sistema B, as empresas se comprometem a ser melhores para o mundo, para as pessoas e para a natureza e não mais as melhores do mundo apenas em termos financeiros. Hoje, no mundo, existem 5837 empresas certificadas, sendo 961 na América Latina e 275 no Brasil (SISTEMA B BRASIL, 2022).

3.5.2 Capitalismo Consciente

Mais do que um conceito ou conjunto de práticas, o Capitalismo Consciente é considerado um movimento. Esse movimento surgiu a partir de um estudo realizado em 2007 realizado por Raj Sisodia, Jef Shereth e David Wolf para identificar como algumas empresas mantinham alto engajamento dos seus clientes, assim como credibilidade da sociedade e colaboradores e também sustentabilidade dos seus negócios.

O movimento ganhou força quando os resultados do estudo chegaram até o então CEO da rede *Whole Foods* que ali identificou muitas práticas que já tinha adotado em

seu negócio. Esse estudo evoluiu para a publicação do primeiro livro a respeito do tema, com o título no Brasil de “Empresas Humanizadas”.

Em 2013, Sisodia e Mackey publicam o livro *Conscious Capitalism: liberating the heroic spirit of business*. Para Sisodia e Mackey (2014), o Capitalismo Consciente nasce como uma reflexão a respeito do papel dos negócios e empresas no mundo. O conceito defende que eles devem aliar seus lucros financeiros a propósito e bem-estar para a sociedade e para o meio ambiente.

Os 4 pilares para que uma empresa seja considerada aderente ao Capitalismo Consciente, segundo os autores, são:

1. Propósito maior - empresas com fortes valores e propósitos, que vão muito além do retorno financeiro, incluindo resultados sociais e econômicos no desempenho do negócio;
2. Orientação para stakeholders - empresas que atuam no sentido de contemplar os interesses de diversos públicos que influenciam e são influenciados por ela – funcionários, investidores, consumidores, fornecedores e comunidade;
3. Liderança consciente - líderes com visão holística, comprometidos com os objetivos de negócio, que veem a empresa como parte de um sistema complexo de relações, interdependente e em constante evolução;
4. Cultura consciente - empresas que possuem uma cultura forte, baseada em elementos como dedicação, resiliência, confiança, autenticidade, cuidado, transparência, integridade, aprendizado e empoderamento (SISODIA; MACKEY, 2014, BARKI, 2013 citados por MACEDO, 2019, p. 13).

Além dos livros e artigos, que ainda não são muitos no meio acadêmico, o movimento do Capitalismo Consciente vem sendo difundido por meio de institutos em todo o mundo e também no Brasil. Algumas ONGs vêm promovendo encontros, palestras, cursos e mantendo ampla comunicação em rede social. Por exemplo, o Instituto Capitalismo Consciente Brasil (INSTITUTO CAPITALISMO CONSCIENTE BRASIL, [s.d.]), teve início em 2013, e é mantido pelas organizações associadas ao mesmo (127) e também pelas empresas parceiras (54), que por meio de divulgação e parceria de trabalhos e eventos disseminam o movimento.

3.5.3 ESG

A sigla em inglês ESG (vinda da abreviação *environmental, social and governance*, que corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização) surgiu em 2004 em um Relatório do Pacto Global e Banco Mundial chamado “*Who Cares Wins*” (com tradução livre “Quem cuida, vence”), o qual provocava instituições

financeiras do mundo a refletirem sobre formas de integrar fatores sociais, ambientais e de governança no mercado de capitais.

No relatório, foi colocado que um investimento bem-sucedido depende de uma economia vibrante, que depende de uma sociedade, que depende, em última instância, de um planeta sustentável e que a inclusão de fatores ambientais, sociais e de governança corporativa (ESG) nas decisões de investimento acabarão por contribuir para uma economia estável e mercados previsíveis, que é do interesse de todos os atores (SWISS FEDERAL DEPARTMENT OF FOREIGN AFFAIRS; UNITED NATIONS, 2004).

Segundo o relatório, a prática ESG pode variar de território para território, e são apresentadas algumas ações que contemplam cada uma das áreas, conforme mostrado no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Áreas de interesse do ESG

Problemas ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças climáticas e riscos relacionados • A necessidade de reduzir as emissões e resíduos tóxicos • Nova regulamentação ampliando os limites da responsabilidade ambiental em relação a produtos e serviços • Aumento da pressão da sociedade civil para melhorar o desempenho, transparência e responsabilidade, levando a riscos de reputação se não gerenciado corretamente • Mercados emergentes para serviços ambientais e produtos amigos do ambiente
Problemas sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Saúde e segurança no local de trabalho • Relações Comunitárias • Questões de direitos humanos na empresa e fornecedores • Relações governamentais e comunitárias no contexto de operações em países em desenvolvimento • Aumento da pressão da sociedade civil para melhorar o desempenho, transparência e responsabilidade, levando a riscos de reputação se não gerenciado corretamente
Questões de governança corporativa	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e responsabilidade do conselho • Práticas contábeis e de divulgação • Estrutura do comitê de auditoria e independência dos auditores • Remuneração executiva • Gestão de questões de corrupção e suborno

Fonte: reproduzido com adaptações de Rosa (2022, p. 48).

As informações relacionadas a ESG tem sido cada vez mais levadas em consideração para tomada de decisões de investidores, principalmente a partir de 2018, após a carta aberta anual de Larry Finck³, CEO da Black Rock, uma das maiores gestoras de fundos do mundo, que atingiu o valor recorde de US\$ 10 trilhões em ativos sob sua gestão no fim de dezembro de 2021 (ESTADÃO, 2022). Desde que Finck declarou que não investirá em empresas que não levem em consideração (e nem tornem público) seus índices de sustentabilidade social e ambiental alinhados a sua governança, o mercado privado iniciou um movimento com proporções nunca vistas anteriormente.

Entretanto, o que deveria motivar o engajamento e preocupação das organizações com as pautas sociais e ambientais são os desafios enfrentados pela humanidade nessas áreas, mas declarações com relação a investimentos (como a mencionada acima), a valorização de ações na bolsa e a reputação da marca movimentam o mercado de forma acelerada em direção a tais pautas.

Na perspectiva de Belinky (2022), a ansiedade do mercado por novidades e soluções simples para problemas complexos, assim como a facilidade de assimilação de conceitos e expressões de modismo contribui para expansão no uso do termo ESG. Já Consiglio (2022) chama a atenção de que existe um movimento anti ESG surgindo e cita a colocação de Carlos Nobre, pesquisador do IEA-USP a respeito do tema:

Não é surpresa o surgimento de um movimento de setores economicamente poderoso do mundo global de negócios contra a necessária implementação acelerada do conceito ESG em todo mundo empresarial. Estão associados a movimentos políticos anticência e que não se importam com a construção de uma sociedade igualitária. Pretendem manter crescente a desigualdade de renda e vastas classes pobres e miseráveis, semiescravas destes super ricos. É hora de mostrar todos os benefícios do ESG na construção de um futuro sustentável para o planeta, com maior justiça social e econômica e combatendo a emergência climática, protegendo a biodiversidade e as comunidades indígenas tradicionais em todo o planeta.

Tal citação reafirma que há uma parcela de empresários querendo manter o *status quo*, mas como completa Carlo Pereira, CEO da Rede Brasil do Pacto Global da ONU (CONSIGLO, 2022): “o crescente impacto da crise climática, o advento de novas tecnologias e as novas gerações fazem inevitável a transição para uma sociedade mais regenerativa, justa e integrada”.

³ A carta pode ser lida em: <https://www.blackrock.com/br/larry-fink-ceo-letter>.

3.5.4 Negócios Sociais

Não há uma situação exata ou um momento específico para o surgimento dos Negócios Sociais, visto que, em cada canto do mundo, algum movimento filantrópico surgiu para tentar mudar os paradigmas impostos até então (JAHCHAN; COMINI; DAMARIO, 2016).

Os negócios sociais surgiram para resolver algum problema na sociedade (reduzir a pobreza, a desigualdade social, a discriminação racial ou de gênero, questões ambientais como degradação ambiental, uso insustentável de recursos naturais, acúmulo de dejetos, poluição de água ou solo, entre outros) por meio de seus produtos ou serviços. Nos negócios sociais, o lucro não é um fim em si mesmo, mas apenas um meio para resolução do problema que se propõe a solucionar. Eles funcionam na dinâmica de mercado similar aos demais setores, mas, no entanto, sua razão de existir deixa de ser o interesse dos acionistas e sim o da sociedade.

Teixeira (2015), enfatiza que negócios sociais não são instituições de caridade, pois oferecem produtos e serviços que geram receitas ao mesmo tempo que beneficiam a sociedade. Para Jahchan, Comini e Damario (2016), esse novo tipo de negócio centrado no impacto social surgiu como meio-termo entre organizações tradicionais e ONGs, dessa maneira, incorporando o melhor das duas: o negócio social é autossustentável financeiramente e focaliza-se no impacto social. Por isso, muitas vezes são denominados como “Setor 2,5” da economia, ou seja, estão entre o segundo e o terceiro setor⁴.

Para Teixeira (2015), os negócios sociais não se tornarão *mainstream* no futuro que se enxerga, mas as bandeiras das empresas com causas empunhadas por eles, se constituem de uma influência positiva para a economia como um todo. É uma resposta prática aos limites do crescimento econômico.

Conforme visto até aqui, desde que surgiram os primeiros debates acerca do desenvolvimento sustentável, há maior prevalência sob o aspecto econômico macro ambiental, transmitindo preocupações e desafios para as nações, governos e instituições relacionadas com eles. Em seguida, desdobrou-se para a aplicação no âmbito das empresas, com incorporação de práticas ou modelos que trazem a

⁴ O primeiro setor diz respeito às obrigações do governo, o segundo setor à iniciativa privada e o terceiro setor se refere às organizações sem fins lucrativos – ONGS.

problemática ambiental e social para suas publicações de balanços ou para obtenção de certificações, o que ainda gera críticas sobre serem apenas estratégias para promoção de uma imagem positiva para a empresa.

Entretanto, ainda há necessidade de se estabelecer um pacto coletivo entre toda a comunidade planetária, no qual a educação tenha um papel estratégico e essencial para promover as mudanças culturais necessárias rumo à sustentabilidade, ou seja, é necessário efetivamente a incorporação de educação ambiental como tema de estudos seja na educação formal ou não formal, como será tratado a seguir.

3.6 – Quadro teórico resumido

Consolidando os conceitos e teorias abordados no referencial teórico, apresenta-se a seguir o quadro 3, que resume os elementos de impacto de cada economia ou de negócios sociais para o desenvolvimento sustentável.

Quadro 3 – Elementos de impacto dos temas abordados no referencial teórico para o desenvolvimento sustentável

Temas/Teorias		Elementos de Impacto
Economias	Economia Neoclássica	Não considera impactos sociais ou ambientais.
	Economia Ambiental	Considera que os impactos ambientais podem ser revertidos ou resolvidos por soluções de mercado. O crescimento econômico não precisa ser estrangulado.
	Economia Ecológica	Considera que os impactos ambientais podem ser irreversíveis e podem causar consequências catastróficas para a humanidade. Tenta incorporar os limites de resiliência dos ecossistemas como limite máximo sustentável para a expansão econômica.
Novas Economias	Economia Circular	Busca manter o recurso extraído do ambiente em uso pelo maior tempo possível antes de ser descartado.
	Economia Criativa	Desenvolve-se a partir do intangível. Não depende de recursos finitos.
	Economia Colaborativa	A partir do compartilhamento diminui o consumo e utilização de recursos finitos.
	Economia Regenerativa	Promove a regeneração além da sustentabilidade.
	Economia Donut	Respeita aos limites planetários e índices sociais necessários para uma vida digna e sustentável.

Continua na próxima página...

Temas/Teorias		Elementos de Impacto
Novas Economias nos Negócios	ESG	Empresas que levam em consideração índices Sociais, Ambientais e de Governança.
	Capitalismo Consciente	Empresas que presam o equilíbrio entre resultados financeiros e sustentabilidade por meio de propósito e consciência.
	Sistema B	Empresas que medem os impactos socioambientais em todos os <i>stakeholders</i> (meio ambiente, sociedade, fornecedores, colaboradores) para certificação.
	Negócios Sociais	Negócios que visam resolver problemas socioambientais e não distribuem lucro.

Fonte: desenvolvido pela autora com base em Marins (2019).

Conforme visto no quadro acima, nota-se a diferença sobre como são percebidos o uso dos recursos e seu impacto para o desenvolvimento sustentável. Assim, partem de uma visão onde nem eram considerados os impactos (Economia Neoclássica), passando por uma fase de reconhecimento dos impactos, mas sem a proposição de soluções para o uso sustentável dos recursos (Economia Ambiental e Ecológica). Somente a partir das novas economias é que surgem preocupações com o reuso, regeneração, compartilhamento, aumento do ciclo de vida e limites para extração e uso dos recursos.

4. PARTE EXPERIMENTAL, MATERIAIS E METODOLOGIA de PESQUISA

4.1 – Parte Experimental

Todos os dados, análises e comparações para o estudo de caso apresentado decorreram da realização do Grupo de Estudos “Nova Economia sem Complicação” – turma 7, realizado entre julho e setembro de 2021.

Para maior entendimento e contextualização do estudo de caso, a seguir é apresentado um breve histórico sobre como o Grupo de Estudos surgiu e como tudo aconteceu desde a turma 1 até a turma 7.

O Grupo de Estudos “Novas Economias sem Complicações”, surgiu em julho de 2019, a partir de uma necessidade pessoal e dificuldade de encontrar materiais e explicações acessíveis sobre possíveis resoluções para problemas socioambientais em outras esferas de atuação além da acadêmica ou políticas públicas. Com base numa pesquisa ampla sobre esse tema, em fontes e locais distintos, a pesquisadora se deparou com o tema Novas Economias e identificou que não havia trilhas de conhecimento e nem cursos *on-line* formais ou não formais que apresentassem as possíveis soluções de forma lógica e abrangente.

A partir dessa constatação e necessidade pessoal foi estruturado um curso *on-line* em 4 encontros, no formato de Grupos de Estudos para que a pesquisadora pudesse atuar como facilitadora (apresentando conteúdos e facilitando discussões) e aprendiz, juntamente com os participantes, pois a cada contribuição dos mesmos, um novo aprendizado acontecia.

A escolha pela divulgação nas redes sociais (Instagram) se deu por conta do alcance que as mesmas têm e pela democratização de conhecimento que é possível de se obter a partir deste ferramental.

As duas primeiras turmas foram oferecidas com o valor de R\$80,00 por pessoa, para que a pesquisadora pudesse arcar com custo de plataformas de venda e realização dos encontros. As vendas foram realizadas via plataforma Sympla, e os encontros foram disponibilizados via plataforma Zoom por duas horas por semana. Os conteúdos, gravações e referências foram enviados via e-mail e ficaram armazenados em uma pasta de acesso exclusivo aos participantes no Google Drive. Toda a divulgação foi realizada de maneira independente pelo Instagram, ou seja, sem contar com patrocínio de empresas ou outras instituições. A primeira turma aconteceu entre

agosto e setembro de 2019 e contou com 12 participantes. A Turma 2 aconteceu entre outubro e novembro de 2019 e contou com 12 participantes inscritos. Para estas turmas, toda a divulgação (design e posts), assim como comunicação, foi realizada exclusivamente pela facilitadora.

Em dezembro de 2019, aconteceu um encontro gratuito, onde as duas turmas participaram para trocar percepções e indicar mudanças que poderiam ter ocorrido em suas vidas. Foi nessa ocasião que houve o pedido dos participantes para um aprofundamento dos conteúdos e discussões.

A nova turma (turma 3) começou em março de 2020, quando teve início a pandemia ocasionada pelo Coronavírus. Essa turma teve um formato diferente das duas primeiras. Para alcançar novos participantes (que não estavam presentes nas turmas 1 e 2) e para abranger mais assuntos que pudessem interessar aos participantes recorrentes, foram incluídos novos conceitos estudados pela facilitadora naquele período. O conteúdo foi então revisado e reformulado. A abertura da turma 3 aconteceu com uma *Masterclass* de duas horas no formato de aula, ou seja, apresentação unilateral de conteúdos, sem muito espaço para interações como é proposto no modelo de Grupo de Estudos. A *Masterclass* contou com grande parte do conteúdo das turmas anteriores, balizando, assim, o conhecimento entre novos participantes e os recorrentes.

A partir da segunda semana, os encontros voltaram ao formato de apresentação de conteúdos e interações entre os participantes, com início da nova ementa de estudos (ver anexo A). Foram realizados 5 encontros além da *Masterclass* e o valor de participação passou para R\$140,00 para novos alunos e R\$100,00 para participantes das turmas 1 e 2. Houve ainda a oferta de uma vaga social. A forma de divulgar, armazenar conteúdo e vender seguiu o formato das turmas 1 e 2. Os encontros aconteceram no período da tarde, por conta do momento pandêmico, onde a maioria dos participantes estava com tempo ocioso ou trabalhando em casa. Na turma 3 houve a participação de 15 pessoas. Além da facilitadora principal, duas convidadas apresentaram assuntos de suas especialidades.

A turma 3 provocou bastante movimentação na rede social (Instagram) de @_belaguerra_. Foram divulgadas fotos e republicados os *Stories* dos participantes durante os encontros. A facilitadora também recebeu alguns convites para participar

de lives em outros perfis, que resultaram no maior interesse e alcance. A turma 4, a maior (e mais diversificada) turma do Grupo de Estudos, contou com 21 inscritos.

Na turma 4, os diferenciais foram o horário, que passou para noturno, e o valor que passou para R\$160,00 para novos alunos. Assim como na turma 3, tiveram mais 3 facilitadores com assuntos de sua especialidade. Como aconteceu com a turma 3, houve uma movimentação nas redes sociais que provocou a necessidade de mais uma turma.

Para a turma 5, novamente foi acrescentado um encontro, totalizando 7 com a *Masterclass*, devido à necessidade de mais tempo para cada assunto apresentado, conforme observado pelo feedback da turma 4. O valor mudou para R\$269,00. A turma contou com 12 participantes inscritos.

Entre outubro e dezembro de 2020, aconteceu a turma 6 pois existia demanda pelo Grupo de Estudos. A *Masterclass* foi oferecida de forma gratuita para atrair mais candidatos, já que o número de interessados estava diminuindo. O valor e número de encontros se manteve o mesmo. Na *Masterclass* participaram 37 pessoas, e no grupo permaneceram 10 inscritos.

No início do ano de 2021 houve novamente interesse de seguidores do perfil @_belaguerra_ para nova turma. Em março de 2021 foi realizado um encontro gratuito das 6 turmas, com o intuito de saber como estava o andamento dos aprendizados e as mudanças ou não na vida dos participantes. Os relatos foram variados e alguns expressaram emoção, mostrando mudanças pessoais e profissionais na maior parte dos participantes. Assim, surgiu a motivação para lançar a turma 7 e estudar a influência do Grupo de Estudos na vida das pessoas em prol da Nova Economia, objetivo do presente trabalho.

Por conta do aumento de conteúdos, o valor passou para R\$395,00. Além da *Masterclass* gratuita (com 31 inscritos), o número de encontros aumentou para 8 + 1 workshop denominado “mão na massa”, para que os participantes pudessem desenhar planos de ação e colocar os conceitos da Nova Economia em sua vida e trabalho. Após a *Masterclass* houve 12 inscritos, mas nem todos participaram dos encontros até o final. Entre o encontro 8 e o *workshop* foi proposto um exercício de 14 dias para estimular a criatividade dos participantes. O exercício acontecia diariamente por um grupo de WhatsApp paralelo.

Para o desenvolvimento deste estudo de caso, houve 9 etapas descritas no quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Etapas do Estudo de Caso

Etapa	Descrição
1ª Delimitação do novo conteúdo do Grupo de Estudos	Foi enviado questionário via Google Forms para as Turmas 3, 4, 5 e 6 do Grupo de Estudos, a fim de identificar quais foram os temas de maior interesse dos participantes anteriores e identificar possíveis melhorias. Houve 20 respostas de turmas variadas e a partir das respostas e sugestões, foi revisada a ementa da turma 7 do Grupo de Estudos (ver Anexo A)
2ª Divulgação e venda do Grupo de Estudos	Divulgação feita via Instagram @_belaguerra_ por meio de Lives e publicações. Venda e inscrições realizadas via plataforma Sympla, por ter grande alcance e utilização bastante intuitiva, e por ter sido utilizada com sucesso nas turmas anteriores. Para auxiliar na divulgação também foi realizada uma Masterclass gratuita com apresentação da ementa do Grupo de Estudos, assim como introdução ao tema a ser estudado.
3ª Avaliação pré Grupo de Estudos	Foi aplicado um questionário aos inscritos da turma 7, antes de iniciar os estudos, a fim de avaliar seus conhecimentos e comportamentos que são considerados correlatos a praticantes da Nova Economia e ao conteúdo que seria trabalhado (ver Anexo B – questionário)
4ª Realização do Grupo de Estudos	A turma 7 do Grupo de Estudos teve 8 encontros. Estavam previstos 7 encontros e uma “sessão pipoca”, onde a turma iria assistir algum filme ou documentário e ao final debateria o tema abordado. Mas no decorrer dos encontros os participantes sugeriram que não houvesse tal sessão e fosse substituída por mais um encontro, o que foi acatado pela facilitadora.
5ª Jornada e “destrava a cuca”	A atividade denominada de “destrava a cuca” teve como objetivo trabalhar a criatividade dos participantes por 14 dias. Os participantes recebiam via WhatsApp alguns exercícios reflexivos para que houvesse estímulos antes do Workshop final.
6º Workshop “mão na massa”	Houve um workshop aberto para os participantes de todas as turmas do Grupo de Estudos. O workshop teve um caráter prático para lembrar alguns conteúdos e apoiar os participantes no desenho de um plano de ação para aplicar conceitos e comportamentos relacionados à Nova Economia no contexto escolhido por cada um deles.
7º Questionário de encerramento	Foi aplicado um questionário após a realização do Grupo de Estudos, com o intuito de obter mais informações sobre o que havia sido oferecido.

8ª Entrevistas semiestruturadas	Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os 7 participantes do Grupo de Estudos que mais estiveram presentes nos encontros.
9ª Coleta e análise dos dados	Os dados coletados foram avaliados em todas as etapas, a partir da metodologia descrita em detalhes na seção 4.2.

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme visto na etapa 2, para que um evento *on-line* aconteça, é necessário que se tenha um controle de ingressos, inscrições, pagamentos, contato e acesso ao curso. Dentre as várias plataformas *on-line* existentes no mercado que prestam esse tipo serviço, foi escolhida a Sympla, pela sua facilidade de uso e auto explicação para inscritos e organizadores.

A Sympla é uma plataforma que conecta pessoas a experiências únicas, desde o momento de descoberta à realização do evento. Através da tecnologia, possibilita que organizadores possam criar, organizar, gerir e divulgar eventos, proporcionando ao participante uma pluralidade de opções para escolher o que quiser viver. Líder de mercado, com o maior número de eventos do Brasil, a Sympla é para todo tipo de evento e de público, em qualquer lugar do país (SYMPLA, [s.d.]).

Já, as demais tecnologias digitais empregadas para a realização do Grupo de Estudos foram: a plataforma Zoom para os encontros *on-line* e o Google Drive para o compartilhar e armazenar os materiais instrucionais.

A plataforma Zoom fornece um serviço de conferência remota que combina videoconferência, reuniões *on-line*, bate-papo e colaboração móvel. Por meio da plataforma Zoom é possível compartilhamento de telas de conteúdo, aplicação de metodologias interativas de facilitação *on-line* e distribuição dos participantes em salas virtuais menores (com menos participantes) para aprofundamento das discussões (WIKIPÉDIA, [s.d.]). A ferramenta também possibilita a gravação dos encontros para disponibilidade após o encontro síncrono.

Para o compartilhamento das gravações dos encontros e referências bibliográficas apresentadas foi utilizado o Google Drive, um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos que foi apresentado pela Google em 24 de abril de 2012 (WIKIPÉDIA, [s.d.]). O Google Drive também possibilita que o acesso aos documentos e gravações sejam direcionados a grupos específicos, assim como permite que as pessoas que tenham acesso a eles, possam salvá-los.

Na próxima seção está detalhada a metodologia de pesquisa com o embasamento em autores da área.

4.2 – Metodologia

A metodologia aplicada neste trabalho foi o estudo de caso, por se tratar de um método de pesquisa onde observa-se um tema em um caso concreto, como aconteceu no Grupo de Estudos. Para Yin (2001), um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001, p. 32).

Na visão de Martins (2008), o estudo de caso deve reunir o maior número possível de informações, em função das questões e proposições orientadoras do estudo, por meio de diferentes técnicas de levantamento de informações, dados e evidências, as quais devem estar embasadas em um bom referencial teórico, o qual é testado no decorrer da investigação (YIN, 2001, p. 49). A triangulação de informações, dados e evidências garante a confiabilidade e a validade dos achados do estudo (MARTINS, 2008).

Diante disso, como recomendam Martins (2008) e Yin (2001), para a coleta de dados e evidências das análises deste estudo de caso, optou-se pelo tipo de pesquisa mista, de natureza quali-quantitativa. A pesquisa mista pressupõe uma mescla de métodos de pesquisa, denominada como triangulação metodológica ou mixed-methodology e se baseia “no uso combinado e sequencial de uma fase de pesquisa quantitativa seguida de uma fase qualitativa, ou vice-versa” (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 9).

Também se justifica a escolha da pesquisa mista para este estudo de caso, porque “é considerada uma forma robusta de se produzir conhecimentos, uma vez que se superam as limitações de cada uma das abordagens tradicionais – qualitativa e quantitativa” (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 9).

Um protocolo de pesquisa, em estratégia de estudo de casos deve apresentar os seguintes itens: (a) questão principal da pesquisa; (b) objetivo principal; (c) temas da sustentação teórica; (d) definição da unidade de análise; (e) potenciais entrevistados e múltiplas fontes de evidência; (f) período de realização; (g) local da coleta de evidências; (h) obtenção de validade interna, por meio de múltiplas fontes de evidências; (i) síntese do roteiro de entrevista (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 15).

A figura 7, a seguir ilustra os principais instrumentos para a coleta de evidências que foram utilizados neste estudo de caso.

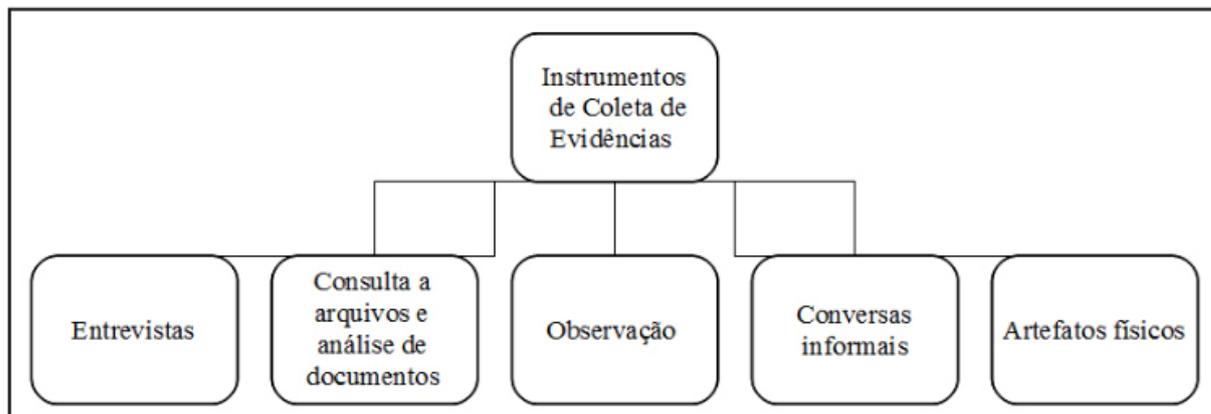


Figura 7 – Instrumentos de coleta de evidências
Fonte: reproduzido de Freitas e Jabbour (2011, p. 16).

Como descrito anteriormente, as análises deste trabalho foram feitas a partir de técnicas quali-quantitativas. A coleta de dados para a análise quantitativa foi realizada por meio da aplicação de um questionário antes do Grupo de Estudos começar e após o Grupo de Estudos terminar. Essa etapa teve a finalidade de quantificar o conhecimento adquirido durante os encontros do Grupo de Estudos e as possíveis mudanças de atitudes adquiridas por meio do conhecimento, assim como permitir tabular o perfil profissional e demográfico dos participantes. O questionário foi aplicado via Google Forms tendo seu link enviado via e-mail aos participantes.

Para Silva Júnior e Costa (2014), nas ciências sociais e comportamentais, a mensuração de variáveis de interesse é realizada por meio de escalas específicas, as quais são construídas de modo a se adaptarem à natureza abstrata de grande parte dos construtos. As ditas escalas de mensuração são parte da instrumentação básica da medição (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014). Assim, foi escolhida a Escala Likert como escala de mensuração neste trabalho.

A Escala Likert, conhecida por ser uma escala somativa, é o modelo mais utilizado para mensurar atitudes, preferências e perspectivas, devido a sua facilidade de aplicação e entendimento. Desenvolvida por Rensis Likert em 1932, é um dos modelos mais debatidos pelos pesquisadores, com facilidade de manuseio e entendimento. Nessa escala são desenvolvidas um conjunto de afirmações relacionadas com a definição de um construto e os respondentes emitem seu grau de concordância com

as afirmações (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014). Assim, “os respondentes se posicionam de acordo com uma medida de concordância atribuída ao item e, de acordo com esta afirmação, se infere a medida do construto” (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014, p. 4).

Para este estudo, foi adotado o parâmetro de 5 pontos para que se obtivesse consistência nas respostas, sem grandes dificuldades de escolha para o respondente. Todo o questionário foi desenvolvido a partir dos assuntos que seriam abordados durante o Grupo de Estudos e que foram previamente divulgados.

O questionário pré-Grupo de Estudos contou com 7 questões sobre o perfil dos participantes, 16 questões a respeito do conhecimento acerca do conteúdo a ser apresentado durante os encontros do Grupo de Estudos, 12 questões a respeito de hábitos, 2 questões sobre interesses e 19 questões sobre comportamentos (ver Anexo B – questionário).

O questionário pós Grupo de Estudos contou com 2 questões que foram mantidas sobre o perfil dos participantes, 2 questões sobre a dinâmica do Grupo de Estudos, 16 questões a respeito do conhecimento acerca do conteúdo apresentado durante o Grupo de Estudos, 5 questões relacionadas às expectativas acerca do Grupo de Estudos, 12 questões a respeito de hábitos, 2 questões sobre interesses e 19 questões sobre comportamentos, 3 perguntas sobre materiais enviados e duas questões abertas com relação a críticas, sugestões ou depoimento (ver Anexo B).

Os dados dos questionários foram apresentados em gráficos e tabelas, por meio de estatística descritiva, a partir do agrupamento da comparação (entre antes e depois do Grupo de Estudos) das respostas das categorias dos questionários já descritas acima.

A análise qualitativa foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas e pesquisa-ação durante os encontros do Grupo de Estudos, permitiu ampliar o entendimento para além dos dados, de forma menos restritiva e com maior oportunidade de entendimento da realidade, de forma holística.

Durante os encontros do Grupo de Estudos, a pesquisadora utilizou o método de pesquisa-ação, pois além de apresentar o conteúdo do Grupo de Estudos, facilitou as discussões e interações dos participantes, contribuindo na produção de conhecimento e intervenções. Para Yin (2001), a observação participante é um modo especial de observação, em que o investigador não é meramente um observador passivo, mas

pode assumir uma variedade de papéis no estudo de caso, podendo mesmo participar em acontecimentos a serem estudados (YIN, 2001).

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 2009, p. 16).

Assim, a escolha da pesquisa-ação se encaixou aos propósitos do estudo de caso durante o desenvolvimento das atividades com os participantes do Grupo de Estudos. Foi analisado o que os participantes tinham a “dizer” (THIOLLENT, 2009) e quais foram suas ações, ou mudanças de comportamento advindas da participação no Grupo de Estudos, ou seja, quais as mudanças no “fazer” (THIOLLENT, 2009).

As observações a respeito dos encontros, que foram obtidas por meio de observação e participação da pesquisadora, estão em forma de anotação. Vale ressaltar que os encontros não foram transcritos.

Já na fase de pesquisa exploratória, a coleta de dados qualitativos constou da aplicação de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas 3 meses após o término do grupo, conduzidas *on-line* pela plataforma Zoom, com horário marcado individualmente. Esse modelo de entrevista foi escolhido devido a flexibilidade dada ao entrevistado de usar suas próprias palavras a respeito do entendimento dos conteúdos e suas aplicações práticas, em linha com o intuito da análise do tipo exploratória e sua abordagem qualitativa, segundo Roesch (2010): “procura o que é comum, mas permanece aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos, em vez de destruí-los na busca por uma média estatística” (ROESCH, 2010, p. 124).

Os objetivos das entrevistas semiestruturadas foram:

- Entender o momento de vida do participante e como isso interferiu ou não no seu engajamento no Grupo de Estudos;
- Buscar entender o real motivo e necessidade de cada um dos participantes, quais os motivos o fizeram participar do Grupo de Estudos;

- Aprofundar a investigação dos aprendizados adquiridos após o Grupo de Estudos;
- Investigar a mudança de comportamentos relacionados à Nova Economia após o Grupo de Estudos;
- Investigar a aplicação dos conteúdos no dia a dia pessoal e profissional dos participantes;
- Identificar a contribuição mais significativa do Grupo de Estudos para o participante;
- Identificar pontos de melhoria na metodologia e divulgação do Grupo de Estudos;
- Identificar possíveis próximos passos para o desenvolvimento do Grupo de Estudos.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas é apresentado no Anexo C e a transcrição das entrevistas estão agrupadas em uma pasta do Google Drive que pode ser acessada pelo link [Transcrição entrevistas](#).

Para análise das entrevistas semiestruturadas, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados que tem como objeto o processo de comunicação e como ponto de partida a mensagem. Tal técnica, pode ser aplicada em pesquisas qualitativas de forma confiável e eficiente. Confiável porque suas regras de aplicação permitem que a investigação contenha rigor metodológico e seja passível de verificação. E eficiente, pois ao possibilitar a realização de inferências, contribui para uma adequada interpretação do conteúdo (MASSA; OLIVEIRA; BORGES, 2021).

Para Oliveira et al. (2003), na análise de conteúdo o interesse não está na simples descrição dos conteúdos, mesmo que essa seja a primeira etapa necessária para se chegar à interpretação, mas em como os dados poderão contribuir para a construção do conhecimento após serem tratados (OLIVEIRA et al., 2003).

A seguir está o capítulo de apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos, tanto da pesquisa quantitativa, quanto da pesquisa qualitativa, que foram agrupados, a fim de facilitar o entendimento do leitor.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados referentes a pesquisa quantitativa, foram obtidos por meio dos questionários, apresentados em gráficos e tabelas separados por categorias, onde houve a comparação dos resultados recolhidos antes do Grupo de Estudos e após sua realização. Os resultados representam a média do grupo e não as respostas individuais dos participantes, já que o presente estudo visa medir o impacto em um grupo.

Foram obtidas 10 respostas do questionário antes e 12 respostas do questionário depois, pelo fato de dois participantes de outras turmas também terem respondido. Porém, para que as análises das percepções dos participantes sobre “antes” e “depois” do Grupo de Estudos fossem consistentes, foram considerados os dados daqueles que responderam aos dois questionários, sendo assim, a amostra foi de 7 participantes.

Já, os dados referentes a pesquisa qualitativa, foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas (individuais) realizadas após 3 meses do término do Grupo de Estudos. Ao total foram realizadas 7 entrevistas, tendo 6 participantes do sexo feminino e um do sexo masculino, cujos resultados foram descritos analiticamente e discutidos conjuntamente com os resultados quantitativos.

5.1.1 Caracterização da Amostra

Para a caracterização da amostra os dados foram organizados na tabela 1, constando das informações gerais dos respondentes.

Tabela 1 – Caracterização geral da amostra

Idade	Percentual	Tipo de Trabalho	Percentual
15 a 25 anos	14%	Autônomo	14%
25 a 35 anos	29%	CLT	43%
35 a 45 anos	43%	Empreendedor	14%
45 a 55 anos	14%	Outro	29%
Total	100%	Total	100%

... continua na próxima página

Escolaridade	Percentual	Residência	Percentual
Superior Cursando	14%	Belo Horizonte - MG	14%
Superior Completo	14%	Campos Novos - SC	14%
Pós-graduação completa	43%	Florianópolis - SC	29%
Doutorado	14%	Paranavaí - PR	14%
Doutorado completo	14%	São José - SC	14%
		São Paulo - SP	14%
Total	100%	Total	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Conforme apresentado na tabela 1, pode-se entender que a divulgação do Grupo de Estudos via Instagram alcançou pessoas de várias áreas de atuação e níveis de escolaridade.

Quando observamos a idade dos respondentes, a maioria está na faixa entre os 35 a 45 anos, correspondendo a 43% da amostra, seguido da faixa etária de 25 a 35 anos que constitui 29% da amostra. Tais dados trazem à tona a participação da geração X (nascidos entre 1965 e 1980) nas mídias sociais, que muitas vezes não são usuários frequentes como os da geração Y (ou *Millennials*) que são os nascidos entre 1981 e 1996, os quais tiveram maior convivência com as tecnologias digitais desde a infância. Todas as respondentes da pesquisa quantitativa são do sexo feminino, mas convém ressaltar que houve um participante do sexo masculino (excluído da amostra quantitativa porque não respondeu ao questionário após a finalização do Grupo de Estudos).

A maioria possui o tipo de trabalho com CLT, sendo 43% da amostra. As profissões foram bem diversas, sendo: uma bancária, uma designer de interiores, uma engenheira química, uma estagiária, uma planejadora financeira (e funcionária pública), uma jornalista e uma professora.

Essa diversidade de profissões é vista como imprescindível por Camargo (2002), pois a autora defende que pensar a sustentabilidade não é tarefa para um único ramo científico, devido a necessidade de se compreender as mudanças globais e aumentar as discussões crescentes em torno do desenvolvimento sustentável, sendo interessante a variedade de público em discussões a respeito do tema.

Entre os respondentes, 43% do público possui pós-graduação completa, corroborando ao que foi apresentado no referencial teórico acerca do conteúdo, de que precisamos deixar a comunicação e a educação ambiental mais atrativa e acessível, extrapolando a linguagem técnica e teórica apresentadas na academia.

Segundo relato da Entrevistada 3, mestre e doutora, sobre sua experiência durante a disciplina “Sociedade e Meio Ambiente” em uma pós-graduação:

*“...quando eu tive o primeiro contato com essa disciplina, aí sim deu um baque, sabe? Tipo fala assim “aí caramba, tá meio perdido as coisas assim meio sem rumo né?” (...) na disciplina que eu fiz, parava por aí, tipo “ah o problema é esse” e parava por aí, sabe? E aí eu fiquei muito incomodada porque eu falava **não, tem que ter um jeito**, tem que ter uma outra forma de fazer as coisas, porque que é assim e tal, e comecei a querer estudar sobre o assunto. Então foi esse momento em que você chegou até mim, e aí eu resolvi entrar no grupo porque eu precisava conhecer essas novas formas da gente se relacionar enquanto sociedade, da gente fazer a economia acontecer. E o grupo trouxe várias respostas assim, sabe? Coisas assim que eu não tinha tido contato até então...”* (Entrevistada 3).

Percebe-se no trecho acima, o incômodo da Entrevistada 3 sobre seus estudos anteriores acerca do “diagnóstico dos problemas”, mas sem a “proposição de soluções” e sua necessidade de querer agir para a mudança. Esse tipo de atitude é essencial na primeira fase da mobilização social para o desenvolvimento sustentável, pois segundo Máñez et al. (2020), as pessoas altamente interessadas e engenhosas são cruciais e formam uma “massa crítica” para influenciar outras pessoas.

O local de residência dos participantes está distribuído entre os estados do sul e sudeste, sendo 29% residentes em Florianópolis. Este fato pode se dar devido a pesquisadora morar na cidade e frequentar eventos ou participar de comunidades que visam a nova economia, o que aumenta o *networking* deste público. Vale ressaltar também que Florianópolis é uma cidade com um ecossistema de economia de impacto considerado desenvolvido, possuindo assim movimentos da nova economia em plena expansão, principalmente na área de empreendedorismo.

No entanto, nesta análise também deve ser considerado que mesmo com a hipótese de influência da residência da pesquisadora, o Grupo de Estudos aconteceu em 2021, quando a pandemia de COVID ainda estava afetando a realização de eventos presenciais⁵.

O modelo *on-line* do Grupo de Estudos possibilita a participação de pessoas que estão em localidades geográficas diferentes, valor percebido pelos participantes conforme trecho de entrevista a seguir.

⁵ Apenas as Turmas 1 e 2 não aconteceram durante a pandemia.

“(...) o on-line estou me adaptando ainda, mas eu acho que é uma questão bem pessoal porque acho que a maioria das pessoas que já estavam trabalhando desde o começo da pandemia tiveram que trabalhar on-line (...) E eu acho por um lado também interessante porque você tem essa possibilidade de juntar pessoas que nunca estariam juntas presencialmente. Eu em São Paulo, você em Curitiba, as meninas em Florianópolis. Então acho que também tem isso. Acho que tem que tirar melhor proveito do que você pode disso” (Entrevistada 5).

Vale ressaltar que o Grupo de Estudos foi facilitado de diferentes cidades por conta de viagens da pesquisadora. Ou seja, o modelo *on-line* possibilitou que o programa fosse cumprido sem interferência de local.

5.1.2 Participação no Grupo de Estudos

Com relação à participação dos respondentes no Grupo de Estudos, os dados foram agrupados no gráfico 1, sendo que apenas 14% não assistiu aos encontros ao vivo e pretendia assistir depois. Os demais respondentes assistiram ao vivo ou viram as gravações após disponibilizadas.

Gráfico 1 – Participação no Grupo de Estudos



Fonte: dados da pesquisa.

Para se analisar com maior profundidade sobre a participação, o quadro 5 descreve o número de participantes ao vivo, assim como os temas abordados em cada um dos encontros.

Quadro 5 – Temas abordados e participantes dos encontros do Grupo de Estudos

Encontro	Participantes	Assuntos
<i>MasterClass</i> (aula aberta e gratuita)	7 de turmas anteriores 13 “novos” participantes	Apresentação pessoal Boas-vindas O perigo de uma única história Economia <i>mainstream</i> X Nova Economia Comportamentos para transição Acordos gerais Desenvolvimento Sustentável
Encontro 1	6 da Turma 7 3 de turmas anteriores (11 inscritos)	Caminhos para aprendizagem autodirigida Educação como parte fundamental para a mudança
Encontro 2	6 da Turma 7 5 de turmas anteriores	Âncoras que nos seguram na antiga economia Inteligência interpessoal, intrapessoal, tecnológica, aprendedora e educadora, ecológica e social
Encontro 3	5 da Turma 7 4 de turmas anteriores	Economia Criativa Economia Colaborativa Cases
Encontro 4	6 da Turma 7 2 de turmas anteriores	Economia Circular Cases
Encontro 5	5 da Turma 7 2 de turmas anteriores	Economia Regenerativa Design de Culturas Regenerativas Biomimética Permacultura
Encontro 6	6 da Turma 7 3 de turmas anteriores	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável Economia Donut
Encontro 7	4 da Turma 7 2 de turmas anteriores	Negócios Sociais Capitalismo Consciente
Encontro 8	3 da Turma 7 3 de turmas anteriores	Sistema B Encerramento

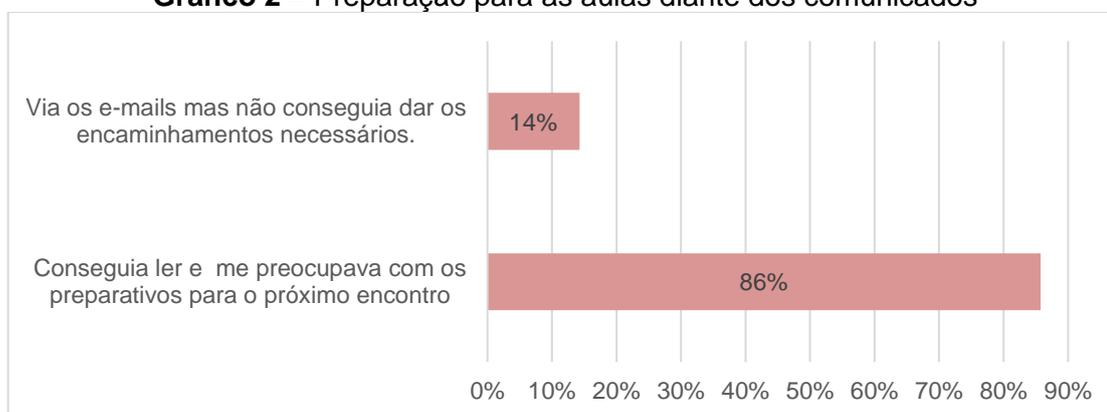
Fonte: elaborado pela autora.

É interessante observar ao se cruzar os dados quantitativos ao quadro acima, que o número de participantes girou em torno de 10 (taxa de participação de 83%) e em todos os encontros houve a participação de integrantes de turmas anteriores do Grupo de Estudos, que eram convidados a participar. Este ponto de recorrência da presença de “ex-alunos” demonstra que uma comunidade tem se formado em torno do tema. A participação ao vivo nos encontros, proporcionava a possibilidade de conversar, fazer trocas e debates entre os participantes, o que despertava o interesse deles, conforme trecho de entrevista a seguir:

“Eu achei os debates a bem interessantes porque eu penso que faz parte do Grupo de Estudos. Eu acho que quem está procurando um Grupo de Estudos, não quer estudar sozinho. E porque senão você põe no Google ali “novas economias”, não é? (...) Quem está buscando um Grupo de Estudos está buscando interação então isso é super importante no grupo de estudo ter integração, não é? É o compartilhamento, a troca de ideias, não é? E a experiência de cada um dentro da sua profissão que isso foi bastante rico no nosso grupo né?” (Entrevistada 2).

Semanalmente eram enviados *e-mails* com comunicados sobre o Grupo de Estudos, para que os participantes pudessem se preparar para os encontros ao vivo. Os dados sobre a preparação para as aulas estão agrupados no gráfico 2.

Gráfico 2 – Preparação para as aulas diante dos comunicados



Fonte: dados da pesquisa.

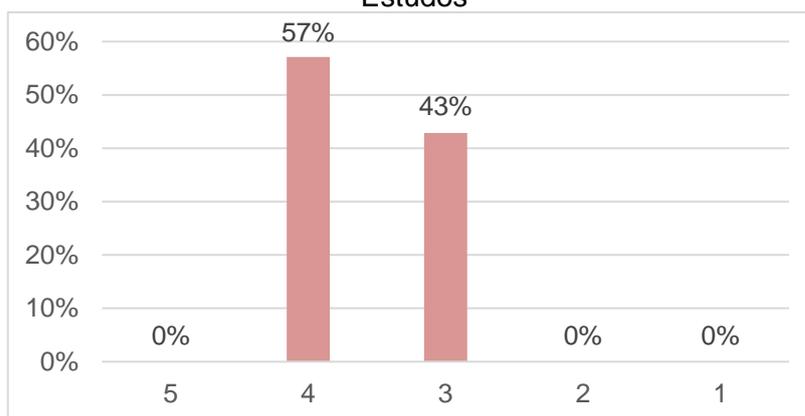
Conforme o gráfico 2, a maioria dos participantes esteve em dia com a leitura das comunicações e se preparava com antecedência, e apenas 14% não conseguiu acompanhar as comunicações. Tais dados mostram o interesse e comprometimento dos participantes com o Grupo de Estudos.

Ainda a respeito do material disponibilizado para os alunos, a maneira como foi feito, com estímulo a leitura e não como obrigação ou pré-requisito para a participação dos encontros, também foi destacado em entrevista.

“(...) você disponibilizava o material, mas ficou leve assim tipo, quem conseguisse estudar e ir preparado né com uma bagagemzinha já ia, e quem não tivesse tido tempo, também podia participar do mesmo jeito né?” (Entrevistada 3).

Os materiais dos encontros semanais e outros materiais suplementares eram disponibilizados para acesso na nuvem (via Google Docs), de forma que os participantes pudessem explorar o conteúdo por conta própria, ou consultar depois. Os participantes foram questionados se acessavam esse material e 57% informaram ter acessado frequentemente, conforme o gráfico 3.

Gráfico 3 – Acesso dos participantes ao material disponibilizado no drive do Grupo de Estudos



Fonte: dados da pesquisa.

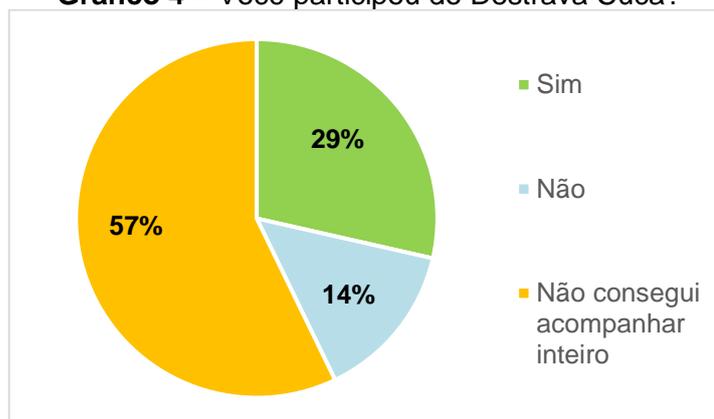
O fato de os participantes acessarem o material do Grupo de Estudos após os encontros para que pudessem se aprofundar nos assuntos de maior interesse, os dava autonomia para estudar e aprender quando achassem necessário. Proporcionar a autonomia é indispensável para o engajamento de adultos em cursos, pois como visto no referencial teórico são práticas comuns na didática da Andragogia⁶.

Após o término dos encontros do Grupo de Estudos foi oferecida uma atividade para estimular a criatividade dos participantes chamada de “destrava a cuca”. A atividade foi baseada no livro “O caminho do artista: Desperte o seu potencial criativo e rompa seus bloqueios” de Julia Cameron. Todos os dias eram enviadas mensagens via WhatsApp aos participantes que se inscreveram no “destrava a cuca” propondo atividades simples que pudessem estimular a criatividade.

Os resultados sobre a participação nessa atividade são apresentados no gráfico 4.

⁶ Em depoimento via Instagram, uma participante do Grupo 4 comentou que mesmo 2 anos após a finalização de sua turma, ela ainda faz consultas regulares ao material disponibilizado.

Gráfico 4 – Você participou do Destrava Cuca?

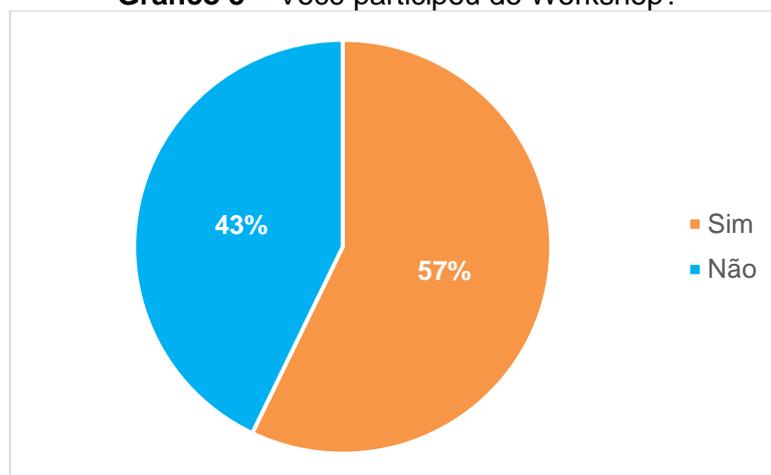


Fonte: dados da pesquisa.

Segundo o gráfico 4, a maioria (57%) não conseguiu acompanhar todas as atividades da dinâmica “destrava a cuca” e 29% acompanharam, mas 14% não participou de nenhuma das atividades propostas nessa dinâmica. Houve um caso de uma participante solicitar todas as atividades para fazer novamente sozinha a dinâmica, pois ela perdeu o celular e seu histórico.

Quanto à participação no workshop, que contou ainda com os participantes das turmas dos Grupos de Estudos anteriores, os dados de participação da Turma 7 foram agrupados no gráfico 5.

Gráfico 5 – Você participou do Workshop?



Fonte: dados da pesquisa.

O workshop teve a participação de mais da metade dos inscritos na Turma 7, sendo que 57% participaram do workshop e 43% não participaram.

Conforme relatos dos participantes durante o workshop, ele foi de extrema importância para que os participantes presentes pudessem “amarrar” os assuntos e saírem minimamente com um Plano de Ação utilizando os conceitos que aprenderam e discutiram. A baixa adesão pode ter ocorrido por conta de o encontro acontecer em um sábado pela manhã e 3 semanas após o término do Grupo de Estudos.

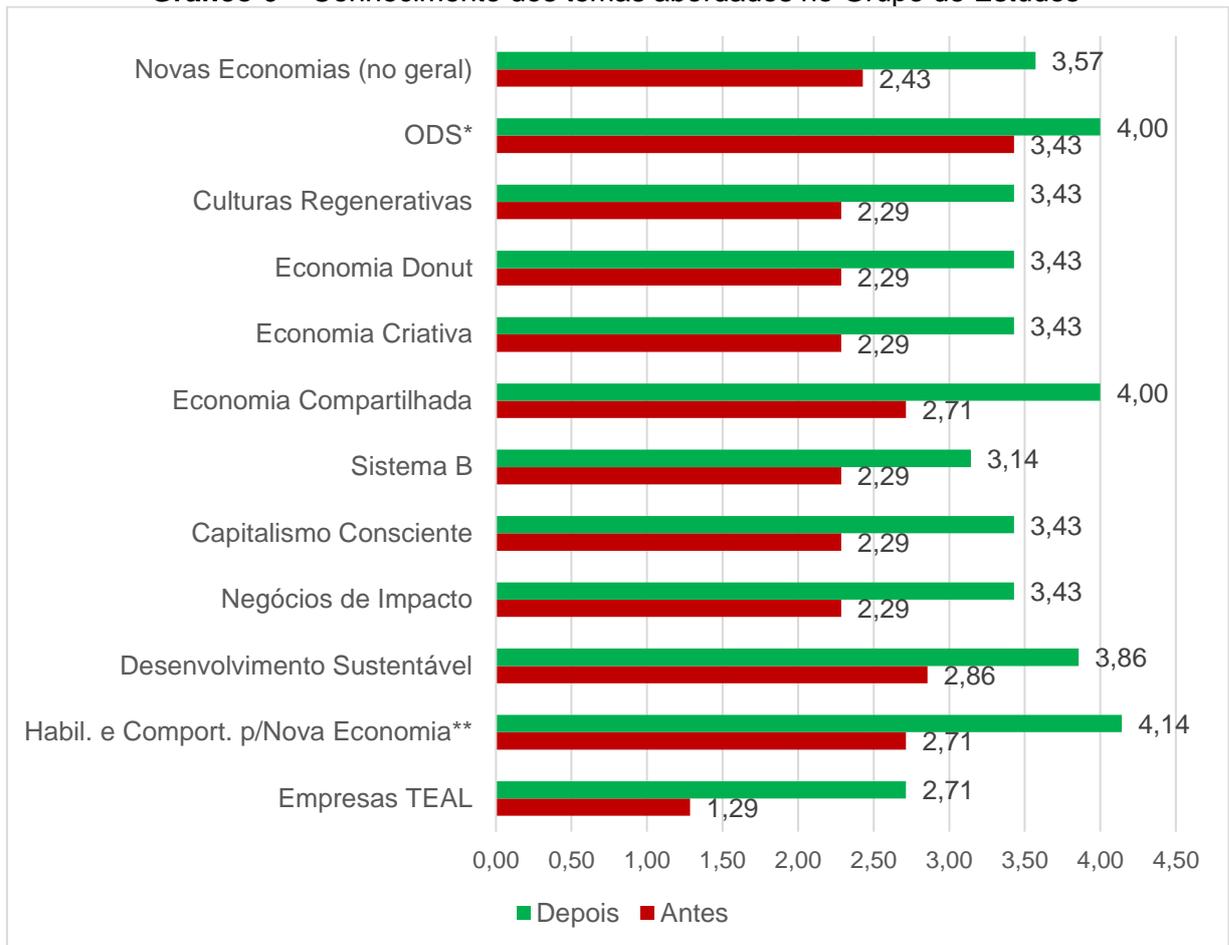
Sobre os resultados apresentados nesta sessão, é interessante dizer que, em um curso aberto de educação não formal, o desafio para engajamento dos participantes a cada encontro é bastante grande. Não há controle de presença e não há nenhum tipo de avaliação sobre a aprendizagem. O participante precisa tomar a decisão de participar ao invés de estar em qualquer outro compromisso, e por isso há o risco de ter evasão de alunos.

Considera-se que o educador seja capaz de reconhecer, compreender e lidar com estímulos ambientais emocionalmente relevantes, seja para comunicar informações sobre o conteúdo e intensificar o engajamento no aprendizado, seja para mediar conflitos e resgatar o aluno de eventual evasão (LONGHI, 2021) e, para que isso aconteça, o educador-facilitador deve estar preparado com metodologias ativas e interessantes que despertem o interesse dos participantes, assim como deve estar atento aos sinais que os participantes possam apresentar, como por exemplo, quando os mesmos desligam a câmera. Durante o Grupo de Estudos, em vários momentos houve a necessidade de parar o compartilhamento de telas e fazer perguntas disparadoras de comentários para que a interação pudesse se manter e assim evitar a evasão dos encontros.

5.1.3 Conhecimento adquirido durante o Grupo de Estudos

Em relação aos conhecimentos que os participantes tinham acerca dos temas abordados no Grupo de Estudos, o gráfico 6 apresenta as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos sendo: não conheço nada (1 ponto) até conheço muito (5 pontos).

Gráfico 6 – Conhecimento dos temas abordados no Grupo de Estudos



Fonte: dados da pesquisa.

Obs.: *ODS = Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

** Habilidades e Comportamentos para a Nova Economia

Conforme mostrado no gráfico 6, houve aquisição de conhecimentos para todos os temas abordados no Grupo de Estudos, pois as médias de conhecimentos antes foram superadas para os conhecimentos verificados após a realização do grupo.

Convém destacar que o tema menos conhecido foi empresas TEAL (média antes 1,29). Este conteúdo foi apenas citado durante um dos encontros, pois devido à falta de tempo, mesmo sendo anunciado durante a divulgação do grupo não foi aprofundado. É interessante ressaltar que uma das participantes relatou em entrevista que se inscreveu em um Clube de Leitura sobre o tema “Empresas Teal” (indicado pela pesquisadora), demonstrando novamente que o interesse pelo tema foi despertado e um processo de autoaprendizagem se confirmou.

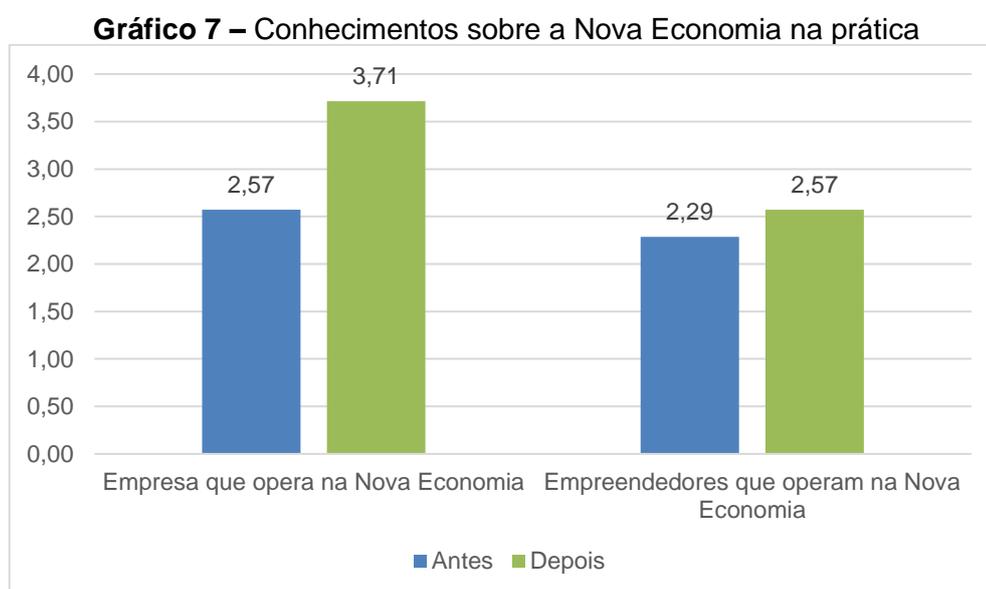
O assunto mais conhecido foi objetivos do desenvolvimento sustentável – ODS (média antes 3,43). Esse conteúdo foi transversal durante todo o Grupo de Estudos e

abordado não somente na apresentação do conteúdo, mas também em exemplos e atividades, assim, acreditamos que a repetição e prática podem ter sido responsáveis pela maior aquisição de conhecimento.

Também foi realizada uma atividade chamada “adote dois ODS” (de autoria da pesquisadora), onde os participantes tinham a tarefa de escolher dois ODS para tentar observá-los e contribuir em alguma de suas metas em seu dia a dia. A prática provocou uma longa reflexão no decorrer dos encontros, demonstrando assim o valor das Novas Economias no DS.

Já o tema que houve maior aquisição de conhecimentos foi de habilidades e comportamentos para a Nova Economia, que teve média de 4,14 após a realização do Grupo de Estudos.

O gráfico 7 se refere aos conhecimentos dos participantes sobre a Nova Economia na prática, com as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos sendo: não conheço nenhum(a) (1 ponto) até conheço mais do que 10 (5 pontos).



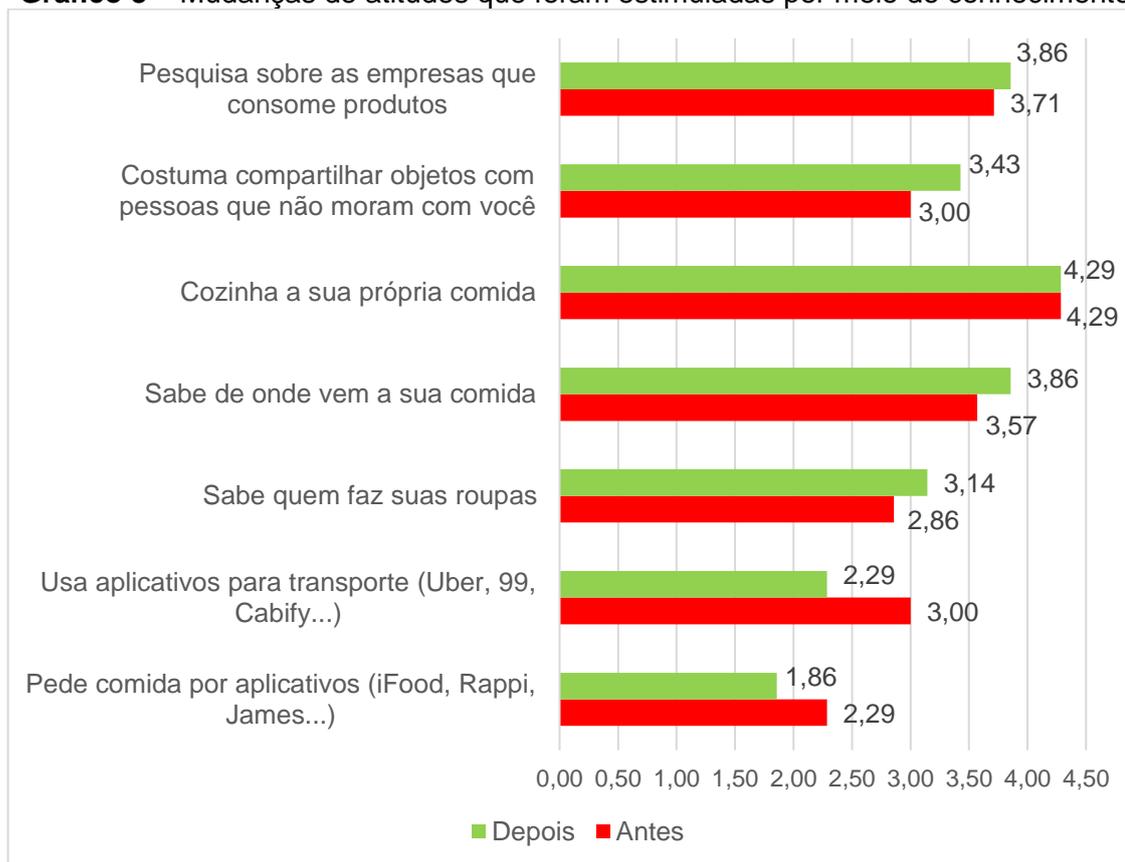
Fonte: dados da pesquisa.

Os resultados do gráfico 7 comprovam que houve aquisição de conhecimentos sobre empresas e empreendedores que operam na Nova Economia. Aqui vale ressaltar que o conhecimento sobre o tema pode ter ampliado o olhar e mudado a atenção do participante, a ponto de fazê-lo ficar mais atento ao modo como as empresas operam.

5.1.4 Mudanças de atitudes a partir dos conhecimentos adquiridos no Grupo de Estudos

Em relação às possíveis mudanças de atitudes adquiridas por meio do conhecimento com o Grupo de Estudos, o gráfico 8 mostra as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos considerando: nunca (1 ponto) até sempre (5 pontos). Cozinhar seu próprio alimento foi a atitude que não teve mudanças antes ou depois do Grupo de Estudos (média 4,29 antes e depois). Mas o uso de aplicativos de transporte (Uber, Cabify, 99 etc.) e *delivery* de comida (iFood, Rappi, James etc.) foram as mudanças de atitudes mostradas pelos participantes, que passaram a utilizar menos tais serviços depois de participarem do Grupo de Estudos.

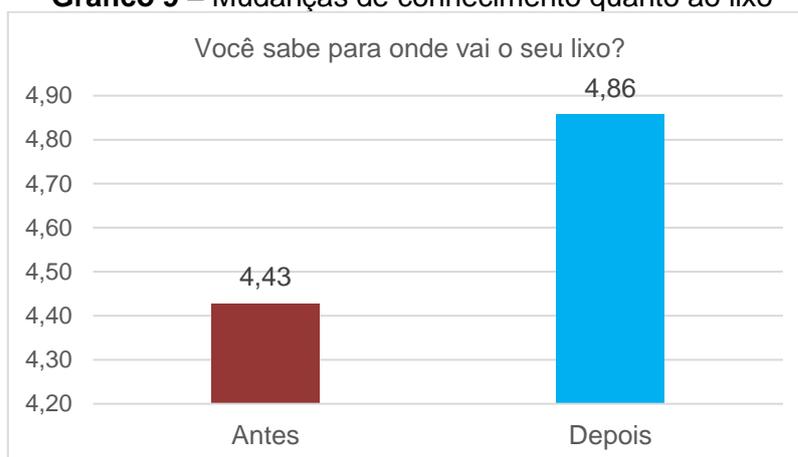
Gráfico 8 – Mudanças de atitudes que foram estimuladas por meio do conhecimento



Fonte: dados da pesquisa.

O gráfico 9 apresenta sobre o conhecimento dos respondentes quanto ao lixo após terem participado do Grupo de Estudos, com as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos considerando: não tenho ideia (1 ponto) até sei (5 pontos).

Gráfico 9 – Mudanças de conhecimento quanto ao lixo

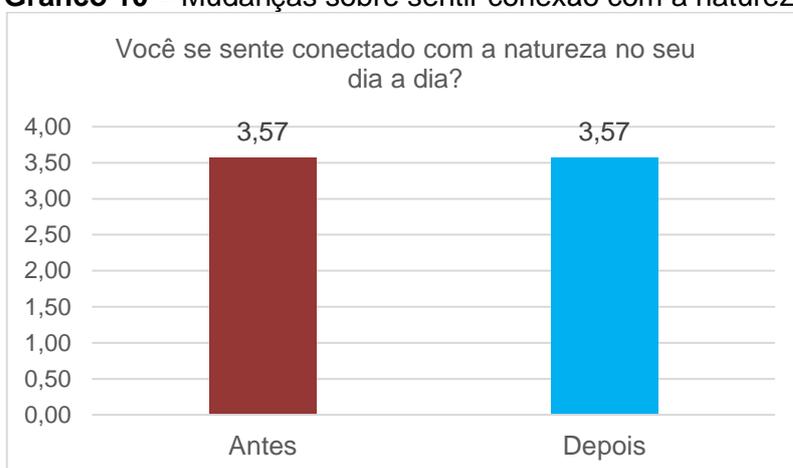


Fonte: dados da pesquisa.

Houve ganhos sobre o conhecimento dos respondentes em relação para onde é destinado seu lixo, pois a média antes era de 4,43 e aumentou para 4,86.

Em relação sobre como os respondentes sentem-se quanto a sua conexão com a natureza, o gráfico 10 mostra as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos considerando: nada conectado (1 ponto) até muito conectado (5 pontos).

Gráfico 10 – Mudanças sobre sentir conexão com a natureza



Fonte: dados da pesquisa.

Essa manutenção sobre os sentimentos do participante com relação a sua conexão com a natureza levanta a hipótese de que a divulgação do grupo tenha alcançado somente pessoas que já eram conectadas ao tema, ou que poderiam já estar sensibilizadas com as questões ambientais, o que pode não ser positivo, levando em

consideração que seria interessante alcançar outros públicos que ainda não tenham despertado esse interesse ou conhecimentos.

O gráfico 11 mostra as respostas para o questionamento: “No seu dia a dia, você enxerga diversidade entre as pessoas (gênero, raça, idade, cor...)?”, com as respostas médias antes e depois para a escala Likert de 5 pontos considerando pouca diversidade (1 ponto) até muita diversidade (5 pontos)

Gráfico 11 – Mudanças de percepção quanto a diversidade



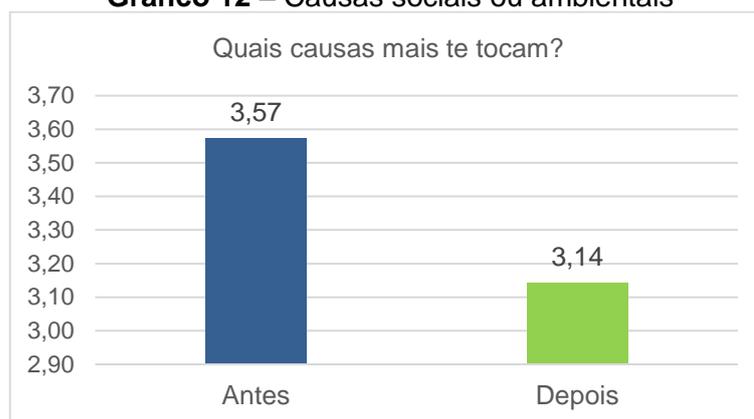
Fonte: dados da pesquisa.

Houve melhora na percepção de diversidade no dia a dia dos participantes, mas percebe-se que esse tema ainda requer mudanças na sociedade. Esse resultado indica que as causas ambientais podem estar mais sensíveis ou gerar maior interesse aos participantes do Grupo de Estudos do que as causas sociais, tema que é aprofundado a seguir.

5.1.5 Interesses de estudo e conhecimento dos participantes

Para se obter uma visão sobre a orientação para os tipos de causas que são mais sensíveis para os respondentes, o gráfico 12 apresenta as respostas médias antes e depois sendo “exclusivamente” sociais (1 ponto) ou “exclusivamente” ambientais (5 pontos).

Gráfico 12 – Causas sociais ou ambientais



Fonte: dados da pesquisa.

Os participantes se mostraram mais interessados nas causas ambientais antes de participarem do Grupo de Estudos, com aumento do interesse para as causas sociais após o Grupo de Estudos.

Este resultado pode estar refletindo como foi o andamento dos encontros desta turma. Uma das participantes, bastante engajada a causas e projetos sociais, participou ativamente de todos os encontros compartilhando exemplos de suas vivências, o que gerava discussões e despertava curiosidade nos outros participantes. Em entrevistas, três pessoas relataram que após o término do Grupo de Estudos fizeram algum tipo de contato com ela para parcerias de trabalhos voluntários ou não. Uma destas parcerias se concretizou.

Já quanto aos temas que faziam parte da ementa do Grupo de Estudos, conforme mostra a tabela 2, o tema que despertou maior interesse foi o de "negócios para a Nova Economia", com 21,2% de interesse tanto antes como depois do Grupo de Estudos. Pela manutenção deste percentual, pode-se concluir que a discussão sobre o tema nos encontros despertou ainda mais interesse nos participantes, inclusive o tempo previsto para o tema era de um encontro, no entanto, foi necessária mais metade do encontro seguinte para tentar esgotá-lo.

Em seguida, os temas de maior interesse antes do Grupo de Estudos empataram em segundo lugar sendo: "desenvolvimento sustentável" e "comportamentos e habilidades para a Nova Economia" com 18,2%.

Convém destacar que para essa questão, os participantes poderiam sugerir outros temas antes de começarem os estudos do grupo e as sugestões foram: capitalismo consciente, economia e ecologia, empresas TEAL, ODS e tipos de economia.

Tabela 2 – Temas oferecidos que despertam maior interesse

Temas oferecidos	Antes		Depois	
	Freq.	Percentual	Freq.	Percentual
Workshop bônus	1	3,0%	2	6,1%
Planos de ação para a Nova Economia	3	9,1%	6	18,2%
Culturas regenerativas	3	9,1%	4	12,1%
Economia Donut	3	9,1%	5	15,2%
Cases de empresas	4	12,1%	3	9,1%
Comport. e habilidades para a Nova Economia	6	18,2%	3	9,1%
Desenvolvimento Sustentável	6	18,2%	3	9,1%
Negócios para a Nova Economia	7	21,2%	7	21,2%
Total	33	100%	33	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Quanto ao maior interesse após o Grupo de Estudos, os temas destacados pelos participantes foram “planos de ação para a Nova Economia” (18,2%) e em seguida economia Donut (15,2%) e culturas regenerativas (12,1%), conforme a tabela 2.

O interesse em “planos de ação para a Nova Economia” demonstrado na tabela acima, foi citado durante o Workshop realizado ao fim dos encontros com apresentação de conteúdo. Duas participantes comentaram como foi importante conhecer além do conteúdo, mas também como fazê-lo acontecer na prática em seus negócios, trabalhos e dia a dia.

Tabela 3 – O que você mais procurava encontrar no Grupo de Estudos?

Tipos de conteúdo/interações	Antes		Depois	
	Freq.	Percentual	Freq.	Percentual
Teorias e conteúdo	6	18,8%	7	24,1%
Referências e indicações de livros e filmes	6	18,8%	4	13,8%
Trocas com os participantes	5	15,6%	7	24,1%
Networking	5	15,6%	7	24,1%
Parcerias	4	12,5%	2	6,9%
Exercícios entre uma reunião e outra p/praticar	3	9,4%	2	6,9%
Quero apenas ouvir	3	9,4%	0	0,0%
Total	32	100%	29	100%

Fonte: dados da pesquisa.

Em relação aos tipos de conteúdo ou formas de interação do Grupo Estudos, conforme apresentado na tabela 3, houve maior interesse por “teorias e conteúdo” e “referências e indicações de livros e filmes” (18,8%) e em segundo estavam as trocas com os demais participantes e *networking* (15,6%) antes do Grupo de Estudos.

Após a realização do Grupo de Estudos, o maior interesse dos participantes continuou sendo sobre “teorias e conteúdo”, empatado com as trocas com os participantes e

networking (24,1%). Isso demonstra que a turma não estava interessada apenas nos conteúdos formais do Grupo de Estudos, mas em ampliar o seu capital social.

5.1.6 Comportamentos e crenças dos participantes

Em relação aos comportamentos ou crenças relacionados com a vida pessoal e alguns dos temas abordados no Grupo de Estudos, na tabela 4 foram agrupadas algumas perguntas, com as respectivas indicações escalas e as médias antes e depois da participação no Grupo de Estudos.

Tabela 4 – Comportamentos ou crenças relacionados com a vida pessoal e temas abordados

Comportamentos ou crenças	Média antes	Média depois
Dia a dia mais orientado para: Competição (1) ou Colaboração (5)	3,57	4,14
Quando precisa de algum utensílio: Compro novos utensílios (1) ou Crio novos utensílios (5)	3,00	3,29
Tenho posse (exclusiva) dos utensílios que preciso (1) ou Compartilho (5)	2,71	3,14
Meu dia passa com pressa e correria (1) ou Com calma e presença (5)	2,71	2,86
Estilo de vida com controle (1) ou Uma vida em fluxo (5)	2,57	2,71
Quanto ao uso de utensílios e objetos: Descarte do que utiliza (1) ou Reuso do que utiliza (5)	3,86	3,71
Na sua vida você busca: Crescimento econômico (1) ou Desenvolvimento econômico (5)	4,43	4,71
Julgamento com pessoas de hábitos diferentes (1) ou Empatia com hábitos diferentes (5)	2,86	3,29
Enxerga a vida como Escassa (1) ou Abundante (5)	3,43	3,86
Consome mais produtos Artesanais (1) ou Industriais (5)	1,86	2,00
Vida voltada para Posição e Status (1) ou Propósito (5)	4,29	4,86
Não acredita que “o mundo tem jeito” (1) ou Acredita que “o mundo tem jeito” (5)	4,14	3,86
Você se considera: Pessoa que vive na Economia Ortodoxa (1) ou Pessoa que vive a Nova Economia (5)	3,42	4
Com relação a Nova Economia, hoje você se considera: Aprendendo (1) ou Ensinando (5)	1,57	2,29
Me considero Conservador (1) ou Progressista (5)	4,43	4,71

Fonte: dados da pesquisa.

A intenção para que ocorram mudanças dos comportamentos e crenças, que foram apresentadas na *Masterclass*, foram estimuladas durante os encontros do Grupo de Estudos durante a apresentação dos conteúdos, conforme o quadro 6, a seguir.

Quadro 6 – Quadro sobre mudanças de crenças e comportamentos a partir dos pressupostos das Novas Economias

Novas Economias	Mudança de crenças e comportamentos nos conteúdos apresentados	
	De	Para
Economia Criativa Economia Circular Economia Colaborativa Economia Regenerativa Economia Donut	Menos competição	Mais colaboração
Economia Criativa Economia Circular	Menos consumo	Mais criação
Economia Colaborativa	Menos posse	Mais compartilhamento
Economia Regenerativa Economia Donut	Menos controle	Mais distribuição
Economia Circular Economia Regenerativa	Menos descarte	Mais reuso
Economia Donut	Menos crescimento	Mais desenvolvimento
Economia Criativa Economia Circular Economia Colaborativa Economia Regenerativa Economia Donut	Menos desconexão	Mais empatia
Economia Criativa Economia Circular Economia Colaborativa Economia Regenerativa Economia Donut	Menos escassez	Mais abundância
Economia Criativa	Menos industrializados	Mais artesanal
Economia Criativa Economia Circular Economia Colaborativa Economia Regenerativa Economia Donut	Menos status	Mais propósito

Fonte: desenvolvido pela autora com base em quadro apresentado no curso “Decola” de Rafaela Cappai (2018).

Uma das participantes relatou em entrevista que achou interessante provocar este assunto, conforme transcrição abaixo:

“Acho que foi importante falar disso também porque envolve uma mudança muito maior, as novas economias envolvem uma mudança maior. Uma mudança de olhar mesmo então acho que... Acho que foi super legal você ter abordado isso. Acho que para mim já tinha sacado isso, mas é sempre bom a gente relembrar assim porque a mudança vem... é um processo. Não adianta a gente achar que é uma coisa que vai pronta” (Entrevistada 5).

Conforme os resultados apresentados na tabela 4 e dados levantados nas entrevistas, houve melhorias sobre a intenção de mudança de comportamentos ou crenças após conhecimento adquirido durante o Grupo de Estudos, pois todas as médias aumentaram, com exceção “do uso de utensílios e objetos” e sobre a crença de “o mundo tem jeito”, cujas médias diminuíram.

Segundo a análise dos resultados, a percepção ou intenção de mudança de comportamentos importantes para as novas economias (conforme a tabela 4) aconteceu, no entanto, Máñez et al. (2020) pontuam que, por mais que informações possam, de fato, levar a uma maior conscientização ambiental, isso não significa necessariamente que o comportamento mude.

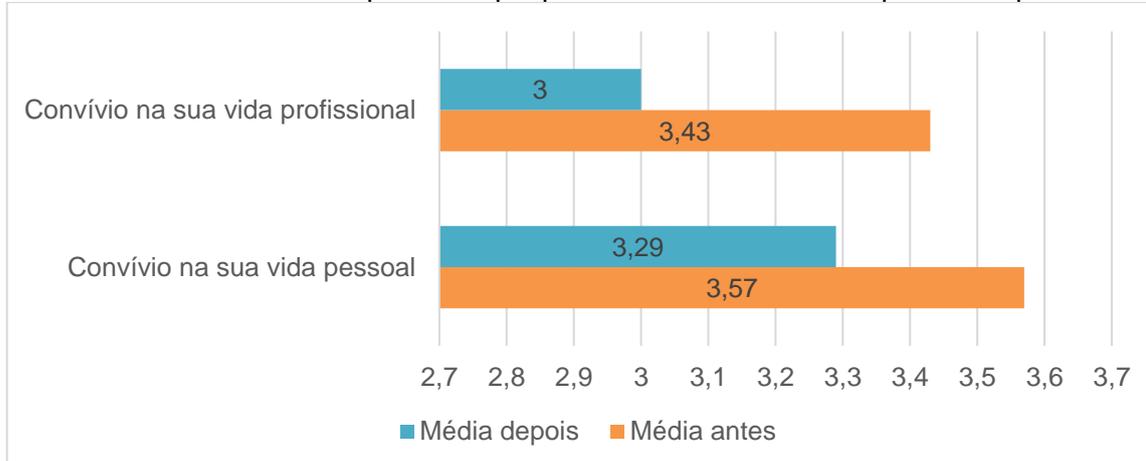
A pessoa precisa passar por quatro estágios antes de realmente modificar o comportamento: (1) adquirir conhecimento sobre um determinado assunto, (2) processar esse conhecimento de uma maneira que leve à formação de valores apropriados, (3) traduzir esses valores em uma intenção de agir, e (4) com base na intenção, realizar o comportamento desejado (MÁÑEZ et al., 2020, p. 43).

Tal colocação confirma que, por mais que disseminar o conhecimento seja indispensável para o desenvolvimento sustentável por meio da mudança do modelo econômico, isso serve apenas como um propulsor, ou uma fagulha que possa ativar novas percepções de valores que podem contribuir de fato para uma mudança de comportamento. Por isso, o estímulo à autoaprendizagem dos participantes, apresentando alguns caminhos para pesquisa e disponibilizando referências para que pudessem se aprofundar no que, de fato, havia importância para cada um, foi de suma importância. Afinal, o aprendizado e o plano de ação para desenvolvimento dos novos modelos econômicos apenas se iniciou durante o Grupo de Estudos.

Para se obter uma visão sobre como é o convívio com pessoas que pensam diferente dos participantes, o gráfico 13 apresenta as respostas médias antes e depois sendo:

se afasta de quem pensa diferente (1 ponto) ou dialoga com quem pensa diferente (5 pontos).

Gráfico 13 – Convívio com pessoas que pensam diferente na vida pessoal e profissional



Fonte: dados da pesquisa.

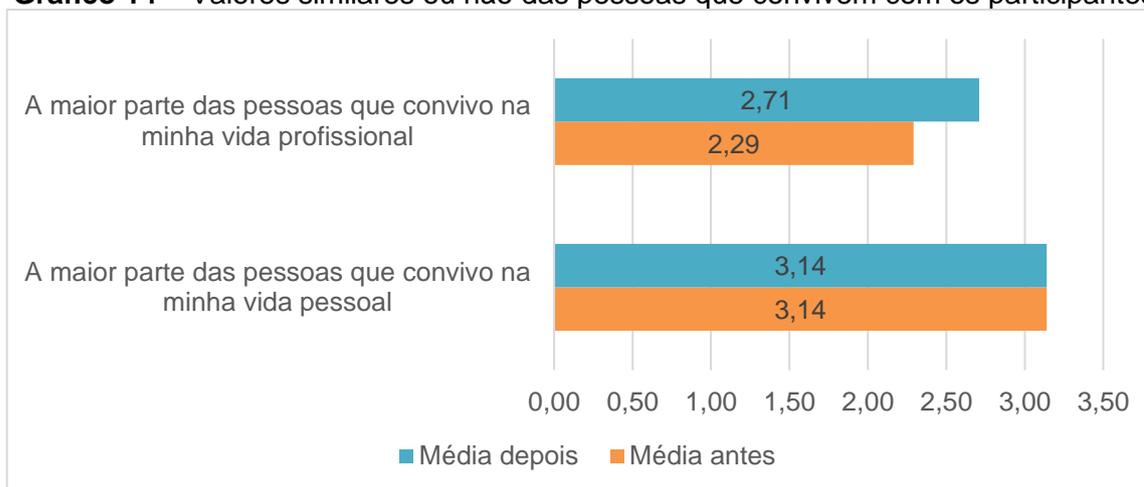
Os resultados acima apresentados (gráfico 13), sobre o convívio dos participantes com quem pensa diferente deles, tanto na vida pessoal quanto profissional, traz um ponto de atenção e discrepância com relação a um relato em especial em entrevista.

“(...) às vezes, eu perco um pouco a paciência com as pessoas. E aí você falou ah a gente tem que chamar para um cafezinho, pegar no colo. E é. É isso, então eu acho que fiquei mais atenta a isso sim. Eu não posso exigir que as pessoas enfim se comportem como eu gostaria que elas se comportassem. Tem todo um processo” (Entrevistada 5).

Durante o Grupo de Estudos, não foi estimulado que o afastamento acontecesse. Como relatado acima, foi estimulado que os participantes tivessem paciência e conversassem com pessoas de diferentes opiniões “chamando para um cafezinho”, como citado pela participante. Aqui, é levantada a hipótese que mesmo sendo estimulados a se aproximar e provocar a mudança nos cenários “fora da nossa bolha” (expressão usada repetidamente durante os encontros), a maior parte dos participantes não tem interesse em fazê-lo. Tal dado pode ter relação com a média da afirmação “o mundo tem jeito” (vide tabela 4), que diminuiu após a finalização do grupo. Este é um ponto de atenção que merece ser aprofundado em pesquisas futuras referentes ao assunto em questão.

O gráfico 14, por sua vez, mostra quais são os valores da maior parte das pessoas que convivem com os participantes do Grupo de Estudos, tanto na vida pessoal como profissional, sendo: tem valores diferentes dos meus (1 ponto) ou tem valores como os meus (5 pontos).

Gráfico 14 – Valores similares ou não das pessoas que convivem com os participantes



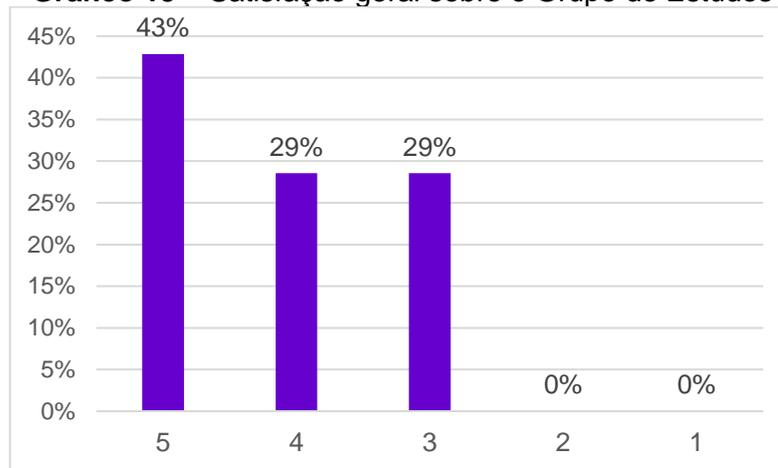
Fonte: dados da pesquisa.

Nota-se, a partir do gráfico 14, que houve uma melhoria sobre a questão de convivência com pessoas que possuem valores similares na vida profissional dos participantes do Grupo de Estudos, ou que houve uma procura por se aproximar de pessoas que pensam da mesma forma, pois a média aumentou. Já, na vida pessoal, não houve diferenças antes e depois de participarem do Grupo de Estudos.

5.1.7 Satisfação dos participantes

Para se ter algum tipo de avaliação dos participantes se ficaram satisfeitos ou não após finalização dos encontros, foi questionado sobre o grau de satisfação geral quanto ao Grupo de Estudos. Conforme o gráfico 15, os dados demonstraram que não houve insatisfeitos e 43% ficaram totalmente satisfeitos em ter feito parte da turma 7.

Gráfico 15 – Satisfação geral sobre o Grupo de Estudos



Fonte: dados da pesquisa.

Os participantes foram questionados se houve algum tipo de frustração com a participação no Grupo de Estudos e todas as respostas foram negativas, com exceção do comentário: “Ter passado tão rápido”.

Vale colocar que, mesmo sendo repetido durante os encontros que os assuntos não seriam aprofundados, ficou evidenciado em algumas entrevistas, a vontade dos participantes de conhecerem mais sobre o assunto. Uma das participantes relatou:

“Uma pena que a gente não consegue aprofundar nas teorias, né? Que essa acho que é uma questão que a gente fica, acho que, acho que até foi uma coisa que a gente já conversou no Workshop, que acho que era essa questão que sente falta, às vezes, de aprofundar um pouco mais numa teoria ou outra, de conhecer mais” (Entrevistada 4).

Outra participante afirmou que o grupo atendeu o que se propôs com relação a aprofundamento, mas que gostaria de saber mais, conforme trecho a seguir:

“(…) é que assim para mim, assim a forma com que eu estudo faltou aprofundamento então assim para mim não é que não que não é que que foi insuficiente, ele foi suficiente naquilo que ele se propôs. Mas para sanar a minha sede de conhecimento eu precisaria mais tempo com mais aprofundamento” (Entrevistada 2).

Demais dados observados e analisados a partir das entrevistas são apresentados a seguir.

5.1.8 Quanto a linguagem do Grupo de Estudos

Como um dos intuitos desta pesquisa foi de verificar a aceitação de uma linguagem com menos termos técnicos e jargões e com maior probabilidade de encantamento, a resposta foi positiva, tanto em relação ao entendimento do conteúdo, quanto ao estímulo para a participação.

É interessante destacar que, sobre este tema, foi ressaltado por uma das participantes que tem carreira acadêmica e doutorado.

“Ah eu achei ótimo assim. Achei que foi super leve, super descontraído. Nada formal. Achei que as pessoas tinham liberdade para perguntar, para enfim opinar. Acho que foi ok. Me senti à vontade. Teve a questão que eu não estou muito habituada ainda ao zoom, mas enfim, eu acho que tem também pessoas que tem mais necessidade de falar, de expor, de compartilhar assim as coisas, mas me senti acolhida assim. Não senti ah não vou falar porque a Bela vai achar que isso ou aquilo. Achei que foi ótimo. Achei que foi descontraído e acho que as coisas fluem melhor assim” (Entrevistada 5).

Essa entrevistada colocou em seu relato, de forma explícita, que achou importante a leveza e diversão em um assunto que pode trazer culpa para quem escuta e, assim, impedir a mudança de atitude.

“Porque senão for divertido também, enfim, tentar colocar alguma leveza no discurso porque se você colocar, acho até que a gente falou sobre isso no grupo, se você ficar tocando o tempo todo na culpa. A culpa é sua. Não vai mudar. Não adianta” (Entrevistada 5).

No que diz respeito as interações e trocas entre os participantes, foi constatado em 100% das entrevistas que o número de participantes para trocas e colaboração não deveria extrapolar muito o número total da turma 7, chegando ao máximo em 20 pessoas.

“Então, como é Grupo de Estudos, eu fico imaginando que se tu botar muitas pessoas dentro, vai dar muita conversa cruzada, acho que ninguém vai... né, tipo, o percentual sempre, de quem participa mesmo, é muito pequeno. Quanto maior o grupo, eu acho até menor, né, que é um percentual menor, assim. Então, eu acho que, eu gostei do tamanho do grupo, sabe? Acho que todo mundo consegue colaborar” (Entrevistada 4).

Por fim, a próxima seção apresenta as análises quanto ao legado do Grupo de Estudos deixou para a Turma 7 e os aprendizados para melhorias na oferta de novas turmas.

5.1.9 Sobre o legado do Grupo de Estudos.

De modo geral, a aquisição de novos aprendizados leva um tempo para ser convertida em novos comportamentos que podem ser aplicados para novos projetos ou ações. No entanto, ao ler e analisar as respostas do questionário, assim como ouvir os relatos em entrevistas, pôde-se identificar que houve tanto conhecimento adquirido quanto sensibilização para a mudança de comportamento em prol de uma economia que vise o desenvolvimento sustentável.

Também ficou evidenciado que foi despertado o interesse dos participantes em alguns assuntos mencionados, mas não abordados, mas que se correlacionam com desenvolvimento sustentável e novas economias, conforme relatos abaixo:

“Quero ler aquele livro que você indicou das culturas regenerativas” (Entrevistada 5).

“(...) eu já tô com o livro do Daniel Whal (Culturas Regenerativas), eu já sei que existe a biomimética lá da menina, né, sei que existe a biomimética. Então, assim, ele (o Grupo de Estudos) te dá um parâmetro legal de tudo que existe e te dá material, assim "olha, quero conhecer mais?", vai e busca aqui, né, vai te indicando onde que tu vai achar, a partir, dando as referências, né, pra achar mais conteúdo, sabe? Acho que essas seriam as duas indicações: networking e as referências de pesquisa nas diversas áreas que vai apresentar. (...) A biomimética. Eu tenho um livro de biomimética que eu não olhava pra ele, assim, eu não sabia nem o quê que isso significava, que eu dizia "o quê que será que é essa tal de biomimética?" E aí, eu até comecei a seguir aquele insta que tu indicou, a bioinspirations, né? O quê que é aquilo? Aquela mulher é fantástica, tá louco? Achei o máximo, assim. E, até tô com as minhas anotações aqui” (Entrevistada 4).

Os participantes expressaram nas entrevistas que as motivações para que participassem do Grupo de Estudos e buscassem mais conhecimento sobre novas economias eram muito variadas, desde a vontade de fazer uma transição de carreira para algo com mais propósito, passando pela vontade de aprender conteúdos novos

para ensinar e até para o desenvolvimento de projetos sociais⁷. Durante os encontros do grupo e durante as discussões, parte deles comentou que a maior motivação era algum tipo de incômodo com a situação atual da sociedade.

Faz-se interessante relatar que, mesmo que nas turmas anteriores não tenha sido feita a pesquisa com coleta e análise de dados de modo formal, não se pode desconsiderar que 82 pessoas passaram pela experiência do Grupo de Estudos durante as 7 turmas. Assim, alguns resultados positivos seguem sendo relatados de forma espontânea por parte dos participantes dessas 7 turmas.

Há relatos sobre cada vez que fazem alguma ação ou lembram de algum conteúdo ou discussão que ocorreu durante o Grupo de Estudos. Seguem abaixo alguns exemplos:

- Três participantes fizeram transição de carreira para área de sustentabilidade;
- Dois participantes tornaram-se multiplicadores das empresas B;
- Um participante passou a fazer parte de uma grande rede de aprendizagem *on-line* sobre Economia Donut e hoje está no grupo de estratégia para ações;
- Um participante relatou que faz consulta nos materiais enviados constantemente para a realização de projetos;
- Uma pessoa que assistiu uma *live* de divulgação decidiu por fazer o mestrado do Instituto IPÊ;
- Dois participantes entraram em clubes de leituras sobre livros relacionados aos temas das Novas Economias indicados pela pesquisadora;
- Um participante finalizou o planejamento de um projeto social com mulheres de baixa renda em Florianópolis (e fez parceria com outra participante para realização de uma disciplina no projeto);
- Um participante presenteou o marido com a inscrição no grupo, que por sua vez, indicou para seu primo;
- Um participante (a mais jovem) envolveu-se na política de seu município para que pudesse incluir o tema nas políticas públicas;
- Um participante abriu o primeiro hub de economia de impacto em uma capital brasileira e segue desenvolvendo projetos ligados ao tema.

⁷ Conforme contato posterior, após encerramento do Grupo de Estudos, uma das participantes conseguiu um trabalho como analista de sustentabilidade e outras duas fizeram uma parceria para desenvolvimento de projeto social.

Diante desses relatos, imagina-se que o legado de todas as turmas ainda poderá se desenvolver após a conclusão deste trabalho. Corroborando essa constatação, uma das entrevistadas relatou que:

“Bela, que o grupo, eu acho que ele pode causar grandes transformações na vida das pessoas. De verdade, de verdade mesmo. Porque eu acho assim, que tem gente que já entra sabendo alguma coisa, e tem aqueles que não sabem nada, e é muito legal assim” (Entrevistada 3).

Com base nos resultados tanto quantitativos como qualitativos, o aprendizado proposto pela ementa do Grupo de Estudos foi efetivo e houve incentivo para que cada participante aprofunde os temas sobre Novas Economias de seu interesse.

6. CONCLUSÕES

A mudança do modelo econômico para um novo modelo onde novas economias operam, pode impactar diretamente e de formas diferentes, no desenvolvimento sustentável, conforme o quadro 3 apresentado ao final do referencial teórico. Apesar de ter ganho certo destaque nas discussões atualmente, esse ainda é um assunto que predominantemente ocupa ambientes formais ou acadêmicos, ou é encontrado de forma dispersa e pouco embasada nas mídias sociais ou *websites* da internet.

Como resultados desta pesquisa a aquisição de conhecimento foi identificada em quase todos os temas apresentados e trabalhados por meio dos resultados quantitativos. Os participantes do Grupo de Estudos mostraram maior interesse em teorias, conteúdos, referências e indicações de livros e filmes (18,8%); e nas trocas com os demais participantes e networking (15,6%). Os resultados descritivos apresentados sobre Grupo de Estudos Novas Economias sem Complicações, que foi 100% divulgado via Instagram, mostraram que há uma oportunidade interessante de se democratizar tal conhecimento. Os resultados das entrevistas e análise de conteúdo indicam que a forma de comunicação durante os encontros do produto foi informal e baseada na realidade, sem julgamentos simplistas sobre bandidos e mocinhos e focada em possíveis mudanças na sociedade. A possibilidade de interação online e a divulgação por meio de mídias sociais foram considerados diferenciais e pontos fortes do produto, permitindo que ele alcançasse mais pessoas. Quando nós, educadores socioambientais, não ocupamos esses lugares que podem escalonar conhecimentos, deixaremos de alcançar grande parte do público que tem condições de contribuir para um desenvolvimento sustentável.

Além disso, deixamos espaço para que outros educadores ou até mesmo influenciadores ocupem esta lacuna com pouco preparo e com informações sem embasamento, ou até falsas. Afinal, a educação não formal *on-line*, muitas vezes dá espaço para pouco preparo por parte dos educadores, pois se não há validação acadêmica ou institucional do ensino, não há também do educador. Neste sentido, o embasamento de tudo que era citado e abordado pela facilitadora durante os encontros foi de extrema importância.

Após a conclusão deste estudo, por mais que o Instagram continue sendo uma rede social que merece destaque devido ao grande número de participantes que possui, o

TikTok tem apresentado cada vez mais adeptos, podendo ser uma mídia social importante para abordar o público-alvo para os assuntos ligados à educação ambiental. Na mesma linha de raciocínio, o LinkedIn, que alcança um público predominantemente corporativo, mas que também carece desses assuntos, pode ser uma mídia social de interesse para que os profissionais possam incorporá-los no dia a dia, principalmente pelo interesse na pauta ESG apresentada no referencial teórico deste trabalho.

Em suma, as mídias sociais e tecnologias avançam muito rápido. Então, faz-se necessário que educadores estejam sempre alinhados não só com estudos relacionados a questões ligadas ao desenvolvimento sustentável, mas também sobre as mídias sociais e suas possibilidades de alcance. As mídias sociais podem contribuir para democratizar o conhecimento sobre o desenvolvimento sustentável a partir da apresentação de conteúdos sérios e bem embasados de forma leve, que encante as pessoas e as faça ter interesse em buscar aprofundamento e desenvolver comportamentos mais sustentáveis.

Há de se considerar que os temas “Novas Economias” ou até mesmo “Desenvolvimento Sustentável” não são midiáticos, pois exigem novos posicionamentos e mudanças de comportamentos, hábitos e atitudes. Hábitos que muitas vezes são desafiadores de serem mudados. Além disso, ao contrário de grande parte dos conteúdos apresentados via Instagram, que fazem promessas de resultados imediatos para o indivíduo, o resultado de uma mudança de atitude não aparece imediatamente, e o interesse normalmente deriva de um valor individual.

Conforme Herculano (1992, p. 29):

...é evidente que o conceito de desenvolvimento sustentável traz embutido em si a proposta de uma nova sociedade. Muitos compartilham deste entendimento e traduzem seus anseios por uma nova sociedade de forma mais cautelosa, usando a expressão “novo estilo de desenvolvimento”. Isso é um equívoco. Insisto: desenvolvimento não significa sociedade. A proposta de “desenvolvimento sustentável”, tal como vem ganhando corpo, é uma soma de mecanismos de ajustes em prol de um capitalismo *soft*.

A autora ainda assegura que se deve pensar na ideia da construção de uma sociedade passada a limpo, igualitária e livre, justa e democrática, bonita e feliz como algo muito amplo, pois sai necessariamente do campo limitado da economia e entra no campo muito mais abrangente da filosofia, sendo sobretudo uma questão ética.

Embora haja uma aplicação crescente das descobertas das ciências comportamentais à conservação, há uma aceitação limitada dessas soluções aplicadas pela ciência. Em outras palavras, enquanto as ciências comportamentais estão se desenvolvendo rapidamente e o número de soluções práticas também aumenta, esses desenvolvimentos acontecem em paralelo. Existe um potencial considerável na ligação dos dois, que até agora não foi suficientemente explorado (MÁÑEZ et al., 2020).

Dizer que vamos mudar o modelo econômico ou “desenvolver” a ética nas pessoas para que o façam por meio da internet, ou de cursos *on-line*, pode parecer utópico. No entanto, estimular essa mudança por meio da divulgação de conhecimentos embasados, com provocações e discussões que estimulam o desenvolvimento do senso crítico, pode ser um bom começo com grande potencial de impacto.

Para a mudança de comportamento em larga escala ocorrer, normas sociais, culturais e desigualdades estruturais devem ser levadas em consideração e, portanto, o foco é na comunidade como unidade de mudança e não na população inteira (MAHONEY; TANG, 2016).

Afinal, diante dos resultados aqui apresentados sobre a Turma 7 do Grupo de Estudos e suas análises podemos concluir que “não devemos duvidar de um pequeno grupo de pessoas dispostas a mudar o mundo”, visto que mudanças já ocorreram e continuarão a ocorrer, com esses participantes e em seu entorno, tornando-os multiplicadores de ações em prol das novas economias e principalmente contribuindo no desenvolvimento mais sustentável.

7. RECOMENDAÇÕES E OPORTUNIDADES

Este trabalho sugere possibilidades para futuras pesquisas. Poderá ser explorado com maior profundidade a influência de cursos *on-line* e democratização do conhecimento via mídias sociais na sociedade e ambiente por meio de outros métodos de avaliação, como por exemplo entrevistas após um tempo maior do fim do Grupo de Estudos. Também podem ser desenvolvidos outros Grupos de Estudos a partir dos *gaps* ou interesses apontados nestes resultados discutidos. A possibilidade da crise de percepção e consciência na sociedade atual que impacta diretamente na dificuldade de mudança de atitudes em prol do desenvolvimento sustentável pode ser explorada a partir da análise de consumo de conteúdos por meio de mídias sociais de determinado grupo de pessoas. Também pode ser sugerida a pesquisa sobre outros tipos de dinâmicas econômicas que são desenvolvidas a cada dia para que possam ser desenvolvidos outros cursos.

Além dessas recomendações, cabe destacar que trabalhar com redes sociais exige dedicação constante. Como mencionado anteriormente, é necessário que se conheça muito além do conteúdo a ser compartilhado. É necessário manter-se atualizado das tendências das mídias, ter autenticidade e uma marca registrada nos *posts* para que o curso siga a linguagem de comunicação escolhida e que uma comunidade seja construída ao redor do seu tema.

Com base na experiência relatada neste trabalho, seguem algumas recomendações para lançamentos de cursos *on-line* divulgados via mídias sociais acerca do tema desenvolvimento sustentável:

- Pesquisar qual a mídia social tem mais alcance na época de lançamento;
- Identificar o público-alvo a ser atingido para que se possa escolher a rede social a ser utilizada e a linguagem adequada ao seu público;
- Frequentar eventos *on-line* ou presenciais a fim de se fazer conhecido no seu assunto de domínio;
- Definir a sua identidade nas redes, qual a sua marca, sua linguagem;
- Lançar de forma gratuita algumas aulas (como foi feito com a *masterclass*) para os participantes, ou de forma patrocinada, que poderão alcançar mais pessoas;
- Fazer parcerias com outros influenciadores da temática socioambiental para divulgação;

- Fazer *lives* com parceiros da área corporativa, acadêmicos, empreendedores.

Em relação às técnicas de ensino e aprendizagem:

- Fazer um número maior de sessões sem apresentar conteúdos e com mais discussões pode ser interessante para fomentar a análise crítica dos participantes.
- Em curso de curta duração é importante utilizar técnicas que estimulem a aprendizagem autodirigida para que os participantes possam continuar seu desenvolvimento.

Com relação a continuidade do Grupo de Estudos:

- Oferecer novos módulos com novos conteúdos para os participantes das turmas anteriores;
- Fortalecer a comunidade criada no Instagram @_belaguerra_ por meio de *lives*, encontros gratuitos e esporádicos (mesmo perdendo seguidores, 80% dos participantes das turmas anteriores continuam seguindo a rede até a data de publicação deste trabalho);
- Lançar Grupo de Estudos durante Pós-graduação, Mestrado, ou outros cursos formais para que a prática seja cada vez mais entendida – divulgados via redes sociais como complemento;
- Promover turmas corporativas em empresas que começaram a implantar ESG, e que sejam divulgadas via mídias sociais internas da empresa.

Como sugestão de pesquisas futuras:

Talvez a medição da eficácia do quanto um Grupo de Estudos influencia a mudança de comportamento em direção ao desenvolvimento sustentável deva acontecer com maior tempo de intervalo após o término do curso para que uma maior amostra seja alcançada, e, assim, possam se fazer análises mais profundas.

Indicação de perfis com autoridade sobre o tema em redes sociais:

Existem influenciadores, redes ou perfis bastante sérios que fazem o trabalho de educação socioambiental, segue alguns exemplos: @bioinspirations @marianakruger @transiçoesecologicas @casasemlixo @armariocoletivofloripa @imagine2030 @pedagogiasustentavel @menos1lixo @sistemabrazil @theclimaterealitybrasil, entre outros.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. A economia circular chega ao Brasil. **Valor econômico**, São Paulo, 17 nov. 2015. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/a-economia-circular-chega-ao-brasil>. Acesso em: 16 out. 2022.

ANDRADE, Daniel Caixeta. Economia e meio ambiente: aspectos teóricos e metodológicos nas visões neoclássica e da economia ecológica. **Leituras de Economia Política**, v. 14, p. 1-31, 2008.

ARAGÃO, Fernanda Bôto Paz et al. Curtiu, comentou, comprou. A mídia social digital Instagram e o consumo. **Revista Ciências Administrativas**, v. 22, n. 1, p. 130-161, 2016.

AVALIAÇÃO DE IMPACTO B. **Medindo o que Importa – O impacto socioambiental da sua empresa**. [s.d.]. Disponível em: <https://bimpactassessment.net/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BELINKY, Aron. **ODS ou ESG? A criação de um artefato para análise de instrumentos de avaliação ou orientação de negócios pela perspectiva da sustentabilidade**. 2022. 242 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2022.

BLAUG, Mark. **A Metodologia da Economia, ou, como os Economistas Explicam**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Os dois métodos da teoria econômica. **Revista de Economia Política**, v. 29, n. 2, p. 163-190, 2009.

BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudo para uma sociedade sustentável**. Recife, PE: INPSO-FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais-Fundação Joaquim Nabuco, 1994. p. 29-40.

CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **As dimensões e os desafios do desenvolvimento sustentável: concepções, entraves e implicações à sociedade humana**. 2002. 182 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em Tela**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014.

CAVALCANTI, Clóvis. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 68, p. 53-67, 2010.

CONSIGLIO, Sonia. AntiESG ou Pró-ESG? Não é essa a questão. **Valor Investe**, São Paulo, 18 out. 2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/blogs/sonia-consiglio/coluna/antiesg-ou-pro-esg-nao-e-essa-a-questao.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2022.

DEHEINZELIN, Lala. **Economia criativa e desenvolvimento**: desafios e oportunidades. São Paulo: Entusiasmo Cultural, 2011.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DOUGHNUT ECONOMICS ACTION LAB. **About Doughnut Economics**. 2022. Disponível em: <https://doughnuteconomics.org/about-doughnut-economics>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Towards the circular economy**: accelerating the scale-up across global supply chains. Presented at World Economic Forum, Geneva, Switzerland, 2014.

ESTADÃO. **CEO da BlackRock exalta aliança entre ESG e capitalismo**. E-Investidor, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/negocios/carta-larry-fink-blackrock-2022-esg-capitalismo>. Acesso em: 16 fev. 2022.

FÁVERO, Osmar. Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 99, p. 614-617, 2007.

FREITAS, Wesley R. S.; JABBOUR, Charbel J. C. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, p. 7-22, 2011.

GABEL, Medard. Regenerative Development: Going Beyond Sustainability. **KOSMOS: Journal for Global Transformation**, 2015. Disponível em: <https://www.kosmosjournal.org/article/regenerative-development-going-beyond-sustainability/>. Acesso em: 26 out. 2022.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? In: Institut International des droits de l'enfant*. **Anais ...** p. 1-11, 2005.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável. In: **Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI**. 2009. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/torres/gadotti.pdf>. Acesso em: 18 out. 2022.

GARDNER, Gary. Acelerando a mudança para a sustentabilidade. In: **Estado do mundo 2001**: relatório do *Worldwatch Institute* sobre o avanço em direção a uma sociedade sustentável. Salvador: UMA, 2001. p. 206-225.

GHELFI, Donna. Understanding the engine of creativity in a creative economy: an interview with John Howkins. **World Intellectual Property Organization**. Geneva:

WIPO, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

HERCULANO, Selene. Do desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, Mirian (coord.). **Ecologia, Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1992. p. 9-48.

HONEYMAN, Ryan. **O Manual da Empresa B**: como usar os negócios como força para o bem. Curitiba: Voo, 2017.

INSTITUTO CAPITALISMO CONSCIENTE BRASIL – ICCB. **Seja um associado**. [s.d.]. Disponível em: <https://ccbrasil.cc/associacao/#empresas-associadas>. Acesso em: 22 fev. 2022.

IZEPÃO, Rosalina Lima; BRITO, Elohá Cabreira; BERGOCE, Janaína. O indivíduo na economia neoclássica, comportamental e institucional: da passividade à ação. **Leituras de Economia Política**, v. 31, p. 55-74, 2020.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, v. 7, n. 1, p. 55-66, 2008.

JAHCHAN, Amanda Leme; COMINI, Graziella Maria; DAMARIO, Edison Quirino. Negócios sociais: a percepção, a consciência e o grau de interesse pelo tema para os alunos de graduação em administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 17, n. 3, p. 537-566, 2016.

KNOWLES, Malcolm Shepherd. **The modern practice of adult education**: from pedagogy to andragogy. Cambridge: Adult Education, 1980.

LEITÃO, Alexandra. Economia circular: uma nova filosofia de gestão para o séc. XXI. **Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting**, v. 1, n. 2, p. 150-171, 2015.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Responsabilidade Socioambiental e Sustentabilidade. In: FERRARO, Luiz Antonio (org). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2007. Volume 2. 352 p. ISBN 85-7738-044-0.

LONGHI, Magalí Teresinha et al. **Aspectos socioafetivos na educação a distância**: um olhar sobre o engajamento e a evasão [livro eletrônico]. 1. ed. Araranguá, SC: Hard Tech Informática, 2021.

MACEDO, Luiz Carlos de. **Uma década de pesquisa sobre capitalismo consciente: em busca de um propósito maior para as empresas**. 2019. 68 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão para Competitividade) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, 2019.

MAHONEY, Meghan L., TANG, Tang. **Strategic social media: from marketing to social change**. New York: John Wiley & Sons, 2016.

MÁÑEZ, Kathleen Schwerdtner et al. **Save Nature Please: a behaviour change framework for conservation**. Gland, Switzerland: WWF International, 2020.

MARINS, James. **A Era do Impacto: o movimento transformador massivo da liberdade, das novas economias, dos empreendedores sociais e da consciência da humanidade**. Curitiba: Voo, 2019.

MARTIN, Chris J. The sharing economy: A pathway to sustainability or a nightmarish form of neoliberal capitalism? **Ecological Economics**, v. 121, p. 149-159, 2016.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 8-18, 2008.

MASSA, Nayara Poliana; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; BORGES, Juliana Rosa Alves. Análise de conteúdo: possibilidades de pesquisa e tratamento informático. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 48, p. 45-64, 2021.

MAX-NEEF, Manfred; ELIZALDE, Antonio; HOPENHAYN, Martín. **Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores**. Blumenau: Edifurb, 2012.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L., RANDERS, Jergen, BEHRENS, William W. **The Limits to Growth: a report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind**. New York: Universe Books, 1972.

MEBRATU, Desta. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environmental Impact Assessment Review**, v. 18, n. 6, p. 493-520, 1998.

MUELLER, Charles C. Avaliação de duas correntes da economia ambiental: escola neoclássica e a economia da sobrevivência. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 18, n. 2, p. 66-89, 1998.

NOGUEIRA, Sónia Mairos. A andragogia: que contributos para a prática educativa? **Linhas**, v. 5, n. 2, 2004.

OLIVEIRA, Eliana de et al. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 9, p. 1-17, 2003.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. Os "Limites do Crescimento" 40 anos depois. **Revista Continentes**, v. 1, n. 1, p. 72-96, 2012. ISSN 2317-8825. Disponível em: <http://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/8>. Acesso em: 04 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU Brasil. **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. 22 jun. 2010. Disponível em:

<https://brasil.un.org/index.php/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>. Acesso em: 4 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Relatório Brundtland: Nosso Futuro Comum**. Our Common Future: United Nations, 1988.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030>. Acesso em: 10 abr. 2020.

PADUA, Suzana Machado. Educação Ambiental: um caminho possível para mudanças. In: MEC (org.). **Reflexões sobre o panorama da educação ambiental no ensino formal**. Brasília: COEA, MEC, 2000.

PADUA, Suzana Machado. Encantamento como caminho para a educação ambiental. **Fauna News**. 04 ago. 2022. Disponível em: <https://faunanews.com.br/2022/08/04/encantamento-como-caminho-para-a-educacao-ambiental>. Acesso em: 18 out. 2022.

PROENÇA, Lúcio. **Quem é o economista?** Autoria Della Duncan, tradução Lúcio Proença. Medium. Disponível em: <https://medium.com/@luciocostap/quem-%C3%A9-o-economista-5db32290a15e>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RAMOS, Elisabeth Christmann. Educação ambiental: origem e perspectivas. **Educar em Revista**, n. 18, p. 201–218, 2001.

RAWORTH, Kate. **Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. Colaboração Grace Vieira Becker, Maria Ivone de Mello. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ROSA, Pablo Enrique Barboza. **Investimentos ESG e organizações sustentáveis: uma análise sobre as convergências**. 2022. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Econômicas) – Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Pampa, Sant’Ana do Livramento, 2022.

SCHNEIDER, Henrique Nou. A educação na contemporaneidade: flexibilidade, comunicação e colaboração. **International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)**, v. 2, n. 2, p. 86-104, 2013.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. **Termo de Referência de Economia Criativa**. Brasília/DF: SEBRAE, 2012. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/17d34b0fadf21eb375cb775f04a9249b/\\$File/4567.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/17d34b0fadf21eb375cb775f04a9249b/$File/4567.pdf). Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA JÚNIOR, Severino Domingos da; COSTA, Francisco José. Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion. **PMKT–Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 15, n. 1-16, p. 61, 2014.

SILVA, Gheizon Raunny; SILVA, Maria Cristina Basilio Crispim da; MELO, Gabrielle Moraes de. Educação Ambiental não formal: A utilização de mídias sociais como forma de disseminação de tecnologias Socioambientais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 17, n. 3, p. 244-258, 2022.

SILVEIRA, Lisilene Mello da; PETRINI, Maira de Cássia; SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo dos. Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando? **REGE - Revista de Gestão**, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.

SISODIA, Raj; GELB, Michael J. **The Healing Organization**: awakening the conscience of business to help save the world. New York: HarperCollins, 2019.

SISODIA, Raj; MACKEY, John. **Conscious Capitalism**: liberating the heroic spirit of business. Boston: Harvard Business School Publishing Corporation, 2014.

SISTEMA B Brasil. **Nova Economia**. 2022. Disponível em: <https://www.sistemabrazil.org/economia>. Acesso em: 23 out. 2022.

SWISS FEDERAL DEPARTMENT OF FOREIGN AFFAIRS; UNITED NATIONS. **Who Cares Wins**: Connecting Financial Markets to a Changing World. Washington, DC: International Finance Corporation, 2004. Disponível em: https://www.ifc.org/wps/wcm/connect/de954acc-504f-4140-91dc-d46cf063b1ec/WhoCaresWins_2004.pdf?MOD=AJPERES&CVID=jqeE.mD. Acesso em: 27 out. 2022.

SYMPLA. **Sobre a Sympla**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.sympla.com.br/sobre-sympla>. Acesso em: 9 mar. 2022.

TEIXEIRA, Alexandre. **De dentro para fora**: como uma geração de ativistas está injetando propósito nos negócios e reinventando o capitalismo. Porto Alegre: Arquipélago, 2015.

TEIXEIRA, Cristina. Educação e desenvolvimento sustentável na agenda 21 brasileira. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 31-48, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/4237>. Acesso em: 9 dez. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. **Creative Economy Programme**. [s.d.]. Disponível em: <https://unctad.org/topic/trade-analysis/creative-economy-programme>. Acesso em: 18 out. 2022.

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy Outlook 2022**. Geneva: United Nations, 2022. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctsce2022d1_en.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

VAN DEN BERGH, Jeroen C. Ecological economics: themes, approaches, and differences with environmental economics. **Regional Environmental Change**, v. 2, n. 1, p. 13-23, 2001.

VEIGA, José Eli da. **Para entender o Desenvolvimento Sustentável**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015. 232 p. ISBN 9788573266122.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 179-196, 2014.

WAHL, Daniel Christian. **Design de culturas regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual, 2019.

WEETMAN, Catherine. **Economia circular**: conceitos e estratégias para fazer negócios de forma mais inteligente, sustentável e lucrativa. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. São Paulo: Autêntica Business, 2019.

WIKIPÉDIA. **Google Drive**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Drive. Acesso em: 10 mar. 2022.

WIKIPÉDIA. **Instagram**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Instagram>. Acesso em: 9 mar. 2022.

WIKIPÉDIA. **Zoom Video Communications**. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zoom_Video_Communications. Acesso em: 10 mar. 2022.

YIN. Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZARI, Maibritt Pedersen; JENKIN, Sarah. **Rethinking the Built Environment**: towards a sustainable future. Ministry for the Environment of the New Zealand. Wellington, New Zealand, Out. 2009.

ANEXO A – EMENTA DO GRUPO DE ESTUDOS

- O que é Economia?
- Para que Nova Economia?
- De onde saímos e para onde estamos indo.
- Como mudar a rota.
- Novas Economias (Criativa, Compartilhada, Colaborativa)
- Comportamentos e atitudes a serem adquiridas ou desenvolvidas.
- As 6 inteligências.
- Âncoras que nos seguram na Economia Tradicional.
- Anzóis que mordemos na transição.
- Modelo econômico Bolo Hezel Henderson.
- Economista Séc. XXI.
- Economia Donut.
- Escala das Necessidades Humanas – Manfred MaxNeef.
- Economia Circular.
- Culturas regenerativas.
- Objetivos de desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030.
- Negócios da Nova Economia.
- Negócios de Impacto.
- Sistema B.
- Capitalismo Consciente.
- Biomimética

ANEXO B – QUESTIONÁRIO

Grupo de Estudos Nova Economia sem complicações – Turma 7

Olá! Este questionário é apenas para que eu possa entender como a Nova Economia está presente em sua vida e trabalho antes de nos aprofundarmos na nossa Jornada. Seja o mais honesto possível.

Agradeço demais a sua participação e engajamento e nos desejo uma linda Jornada juntos!

*Os resultados deste trabalho serão utilizados no produto final de Mestrado de Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável Ipê / ESCAS.

* Sua identidade será mantida em sigilo, apenas utilizando dados demográficos e nomes fictícios.

*Obrigatório

1. Nome * _____

2. Idade * Marcar apenas uma oval.

() 15 a 25

() 25 a 35

() 35 a 45

() 45 a 55

() 55 ou mais

3. Onde você mora? (cidade estado e país) _____

4. Profissão _____

5. Tipo de Trabalho *Marcar apenas uma oval.

() Empreendedor

() CLT

() Estudante

() Autônomo

() Outro

6. Escolaridade *Marcar apenas uma oval.

() Ensino Médio

() Superior Cursando

() Superior Completo

() Pós Graduação cursando

() Pós Graduação completa

() Mestrado Cursando

() Mestrado Completo

() Outro: _____

7. Como conheceu o Grupo de Estudos *Marcar apenas uma oval.

() Grupo de Whatsapp

() Instagram Bela Guerra

() Indicação

- () Linked in
 () Outro: _____

8. Em poucas palavras, o que te motivou a participar do Grupo de Estudos?

Sobre o seu conhecimento sobre os temas que serão abordados

→ Nesta parte do questionário, queremos apenas identificar os assuntos que você conhece a respeito de Novas Economias e o nível de profundidade. Em cada pergunta você deverá escolher a posição que você se encontra nesta escala.

*Marcar apenas uma oval.

9. Novas Economias (no geral)

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

10. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

11. Culturas Regenerativas

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

12. Economia Donut

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

13. Economia Criativa

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

14. Economia Compartilhada

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

15. Sistema B

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

16. Capitalismo Consciente

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

17. Negócios de Impacto

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

18. Conhece alguma empresa que opera na Nova Economia?

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

19. Com relação a seu conhecimentos sobre Desenvolvimento Sustentável?

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

20. Habilidades e Comportamentos para a Nova Economia

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

21. Empresas TEAL

Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

22. Conhece empreendedores que operam na Nova Economia
Não conheço nada 1 2 3 4 5 Conheço muito

23. Você acredita que deveríamos falar em

() Nova Economia

() Novas economias

24. O que mais gostaria de conhecer com relação a Nova Economia e que não encontrou na descrição dos conteúdos?

Sobre seus hábitos

→ Nesta seção, quero apenas identificar a presença da Nova economia no dia a dia dos participantes. Não tem resposta certa, e não é uma avaliação, ok?

*Marcar apenas uma oval.

25. Você pesquisa sobre as empresas que consome produtos?

Nunca 1 2 3 4 5 Sempre

26. Você tem o costume de compartilhar objetos com pessoas que não moram com você? (ex: roupas, eletrodomésticos, livros, materiais de trabalho, utensílios domésticos, carros?)

Nunca compartilho 1 2 3 4 5 Sempre compartilho

27. Você pesquisa sobre a empresa que fabrica ou serve o que você consome?

Nunca pesquiso 1 2 3 4 5 Sempre pesquiso

28. Você cozinha a sua própria comida?

Nunca 1 2 3 4 5 sempre

29. Você sabe de onde vem a sua comida?

Nunca 1 2 3 4 5 sempre

30. Você sabe quem faz suas roupas?

Nunca 1 2 3 4 5 sempre

31. Você sabe para onde vai o seu lixo?

Não tenho ideia 1 2 3 4 5 Sei

32. Você usa aplicativos para transporte (Uber, 99, Cabify, entre outros)

Nunca 1 2 3 4 5 sempre

33. Você pede comida por aplicativos (ifood, Rappi, James, etc.)

Nunca 1 2 3 4 5 sempre

34. Você se sente conectado com a natureza no seu dia a dia?

Nada conectado 1 2 3 4 5 Muito conectado

35. No seu dia a dia, você enxerga diversidade entre as pessoas (gênero, raça, idade, cor...)

Pouca diversidade 1 2 3 4 5 Muita diversidade

36. Quais causas mais te tocam?
Sociais 1 2 3 4 5 Ambientais

Interesses de estudo e conhecimento

→ Aqui você vai sinalizar o que mais te interessa no Grupo de estudos

37. O que mais te interessa nos temas oferecidos? * Marque todas que se aplicam.

- Comportamentos e Habilidades para a Nova Economia
- Desenvolvimento Sustentável
- Economia Donut
- Negócios para a Nova Economia
- Cases de empresas
- Planos de Ação para a Nova Economia
- Workshop bônus
- Culturas Regenerativas
- Outro: _____

38. O que você mais procura encontrar no Grupo de estudos? *Marque todas que se aplicam.

- Teorias e conteúdo
- Referências e indicações de livros e filmes
- Exercícios entre uma reunião e outra para praticar
- Trocas com os participantes
- Networking
- Quero apenas ouvir
- Parcerias

Como você se enxerga frente aos comportamentos e crenças.

→ Aqui você vai procurar nas escalas abaixo, onde mais se enxerga neste momento com relação a comportamentos e crenças. Aqui não há julgamento, nem certo e nem errado. Seja honesto consigo!

*Marcar apenas uma oval.

39. O seu dia a dia é mais orientado para:

Competição entre as pessoas 1 2 3 4 5 Colaboração entre as pessoas

40. Quando você precisa de algum utensílio doméstico ou de trabalho, você costuma:

Consumo (compra) de novos utensílios 1 2 3 4 5 Criação de novos utensílios

41. Com relação as suas necessidades do dia a dia, como você mais age?

Tenho posse dos utensílios que precisa 1 2 3 4 5 Compartilho os utensílios

42. Como você enxerga o seu dia passando?

Com pressa e correria 1 2 3 4 5 Com calma e presença

43. Qual o estilo de vida que você tem hoje?

Uma vida mais com controle 1 2 3 4 5 Uma vida em fluxo

44. Ao olhar a sua casa, seu local de trabalho, o que mais identifica com relação ao uso de utensílios e objetos.

Descarte do que utiliza 1 2 3 4 5 Reuso do que utiliza

45. Na sua vida você busca

Busca Crescimento econômico 1 2 3 4 5 Busca Desenvolvimento econômico

46. Com relação ao seu convívio na sua vida pessoal, você:

Se afasta de quem pensa diferente 1 2 3 4 5 Dialoga com quem pensa diferente

47. Com relação ao seu convívio na sua vida profissional, você:

Se afasta de quem pensa diferente 1 2 3 4 5 Dialoga com quem pensa diferente

48. Quando você enxerga alguém fazendo algo completamente diferente de você, qual a sua reação (consciente ou inconsciente):

Julgamento com quem tem hábitos diferentes 1 2 3 4 5 Empatia com hábitos diferentes

49. Enxerga a vida como

Escassa 1 2 3 4 5 Abundante

50. Consome mais produtos

Artesanais 1 2 3 4 5 Industrializados

51. Vida voltada para

Posição e Status 1 2 3 4 5 Propósito

52. Baseado no que você vive, você se considera

Pessoa que vive na Economia Ortodoxa 1 2 3 4 5 Pessoa que vive a Nova Economia

53. Com relação a Nova Economia, hoje você se considera.

Aprendendo 1 2 3 4 5 Ensinando

54. Com relação a sua crença de que “o mundo tem jeito”

Não acredito 1 2 3 4 5 Acredito

55. A maior parte das pessoas que convivo na minha vida pessoal

Tem valores diferentes dos meus 1 2 3 4 5 Tem valores como os meus

56. A maior parte das pessoas que convivo na minha vida profissional

Tem valores diferentes dos meus 1 2 3 4 5 Tem valores como os meus

57. Com relação ao que quero para mim e as pessoas ao meu redor, me considero

Conservador 1 2 3 4 5 Progressista

ANEXO C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Para que eu possa analisar com mais profundidade o resultado dos questionários enviados no pré e pós Grupo de Estudos, e assim ter mais informações para chegar aos objetivos específicos do trabalho, optei por fazer uma entrevista semiestruturada com os participantes.

Os objetivos das entrevistas semiestruturadas neste trabalho são:

- Entender o momento de vida do participante e como isso interferiu ou não no engajamento ao participante;
- Buscar entender o real motivo e necessidade de cada um dos participantes, que o fizeram participar do Grupo de Estudos;
- Aprofundar a investigação dos aprendizados adquiridos após Grupo de Estudos;
- Investigar a mudança de comportamentos relacionados à Nova Economia após o Grupo de Estudos;
- Investigar a expansão de consciência para questões sociais e ambientais;
- Investigar a aplicação dos conteúdos no dia a dia pessoal e profissional dos participantes;
- Identificar a contribuição mais significativa do Grupo de Estudos para o participante;
- Identificar pontos de melhoria na metodologia e divulgação do Grupo de Estudos;
- Identificar possíveis próximos passos para o desenvolvimento do Grupo de Estudos.

O público principal foi a Turma 7, pois a ementa foi ajustada e aplicado o questionário pré e pós Grupo de Estudos com questões abertas e quantitativas utilizando a escala Likert.

Tópicos a serem entrevistados:

Momento de vida pessoal e profissional:

- Como estava a sua vida na época do Grupo de Estudos? (Exemplo: rotina, estudo, vida pessoal, excesso de trabalho, mudança?)
- Estava trabalhando? Com o que?
- Teve alguma coisa que aconteceu na vida ou no mundo que influenciou?

Motivo ou necessidade de buscar o Grupo de Estudos:

- Investigar interesses diversos;
- Onde encontrou a divulgação do grupo;
- O que mais pesou na decisão de participar...
- E o valor?
- Você já tinha feito algum curso *on-line*? E sobre o tema?

Aprendizados teóricos, mudanças de comportamento:

- O que mais lembra do Grupo de Estudos?
- Qual o conteúdo / encontro que mais gostou? Por quê?
- Qual a visão de mundo após o Grupo de Estudos. O que mudou?
- Você percebeu algum tipo de influência da sua mudança ou tomada de consciência nas pessoas ao redor? Como você identificou isso?

Expansão da consciência:

- De tudo que viu, o que mais te incomodou? O que mais te tocou? O que mais te trouxe esperança? Por quê?
- Como você está hoje?
- Como pretende agir frente a estas questões daqui pra frente?
- Coletivo
- Pessoal
- Reflexão?

Aplicação do conteúdo

- Você tem aplicado os conteúdos que aprendeu? Onde? Como? Conta mais?

Qual foi a contribuição mais significativa do Grupo de Estudos na sua vida?

O que você está fazendo diferente desde que o Grupo de Estudos acabou?

O que você gostaria de fazer com relação aos estudos de Nova Economia daqui por diante?

Com relação a metodologia:

- O que você achou de um curso de Educação socioambiental feito *on-line*? Você acha que funciona?
- Como foi o método pra você? Aulas, gravações?
- O que você acha que poderia fazer pra ter mais gente? Quais as forças e fraquezas do grupo?
- Como foi pra você a troca entre as pessoas?
- O que achou dos conteúdos? Vídeos, apresentações, referências?
- está usando o material? Como? Onde?
- Como poderíamos aproveitar mais? O que você faria de diferente?
- você vê um pulo do gato (elemento chave) que pode ter sido determinante para você considerar que aprendeu a ... (depende de alguma coisa que possa ter dito nas respostas acima)
- (Ou) O que diria a um/a amigo/a bem próximo/a que sobre porque valeu a pena ter participado no Grupo de Estudo ...

Divulgação:

- Tem alguma ideia de como fazer este grupo se desenvolver e chegar a mais pessoas?